



PUC
RIO

ANGELA LOBO DE ANDRADE

O SUPEREU NA PARANÓIA

UMA VISÃO PSICANALÍTICA BASEADA NAS TEORIAS DE FREUD E LACAN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2001.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 A553s TESE UC
Autor Andrade, Angela Lobo de
Titulo O supercu na paranóia



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00209441

ANGELA LOBO DE ANDRADE

O SUPEREU NA PARANÓIA

UMA VISÃO PSICANALÍTICA BASEADA NAS TEORIAS DE FREUD E LACAN

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Ana Maria Rudge

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2001

113547



150
A553.5
TEK OC
67.2

AGRADECIMENTOS

A Ana Maria Rudge, pela atenção e elegância que soube aliar aos rigorosos esclarecimentos teóricos durante a orientação desta dissertação e pelas excelentes indicações de leituras;

A Graça Pamplona, Núria Muñoz e Tatiana Porto, pela disponibilidade para enriquecedoras discussões críticas e pela generosidade em compartilhar seus preciosos *folios* e alfarrábios;

A Carla Sá Freire e Cid Merlino, pelos muitos e valiosos níveis de colaboração;

Aos colegas de pesquisa, pela interlocução e interesse com que acompanharam as etapas deste trabalho;

A Marise, por sua mais-que-perfeita ajuda e gentileza em todos os momentos, e a Vera e Dudu por todas as atenções;

A Alda, Aline, Rodrigo, Bali, Ricardo, Cristina e Guida, por variadas modalidades de apoio;

A Fernando, por sua presença, paciência, estímulo e colaboração incondicionais;

A Claudia e Gabriel, pelo permanente incentivo;

À CAPES pela bolsa de estudos;

Aos professores do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, pela simpática acolhida e pela transmissão de conhecimentos.

RESUMO

A atuação do supereu na paranóia é investigada à luz das teorias de Freud e de Lacan, considerando-se o contraste entre a conceituação freudiana do supereu como resultante do complexo de Édipo e a distinção lacaniana entre o supereu e o ideal do eu. Tomando-se como eixo as formulações psicanalíticas sobre a paranóia, são examinadas as implicações das relações do supereu com a voz e o olhar. Nesse contexto, são estudados alguns fragmentos de casos clínicos. Tendo em vista o conceito lacaniano de forclusão como mecanismo fundamental das psicoses, tenta-se equacionar a posição superegóica na paranóia pela via da noção de supereu primordial.

ABSTRACT

The role of the superego in paranoia is examined in the light of the theories of Freud and Lacan, taking into consideration the contrast between the Freudian concept of the superego as resultant from the Oedipus Complex and Lacan's distinction between the superego and the ego ideal. In the axe of psychoanalytical formulations on paranoia, the implications of the superego in its relations with voice and look are studied. In this context, some clinical cases are analysed. Considering the Lacanian concept of forclusion as the determining mechanism of psychosis, the notion of an archaic form of superego is adopted.

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. O SUPEREU	5
1.1 OS PRIMÓRDIOS DO SUPEREU	6
1.2 O ESPELHO	9
1.3 O SUPEREU E OS IDEAIS	13
1.4 A INSTÂNCIA DA MALDADE	17
1.5 A CONTROVÉRSIA DAS INSTÂNCIAS	24
1.6 O CASO DE AIMÉE	28
2. A PARANÓIA	39
2.1 UM BREVE HISTÓRICO	40
2.2 PRIMEIRAS CONCEITUAÇÕES PSICANALÍTICAS	43
2.3 O CASO SCHREBER	49
2.4 RECALQUE E FORACLUSÃO	54
2.5 A LEI DO SIGNIFICANTE	59
2.6 OUTRAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PARANÓIA	66
3. A VOZ E O OLHAR	70
3.1 O SUJEITO LACANIANO: ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO	71
3.2 VOZ E PALAVRA	74
3.3 A VOZ E AS VOZES	79
3.4 O OLHAR E A PALAVRA	84
3.5 O TERCEIRO TEMPO	92
4. CASOS DO SUPEREU NA PARANÓIA	95
4.1 O CÓDIGO DO ARCO-ÍRIS	96
4.2 SOU HOMEM, PÔ!	101
4.3 PIPOCA, MACACO, MACONHA	104
4.4 TELEPATIA	107
4.5 SOU UM MONSTRO	110
4.6 O SUPEREU E O OUTRO	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
BIBLIOGRAFIA	123

INTRODUÇÃO

*Cinzenta, meu querido amigo, é toda teoria,
E verde somente a árvore de ouro da Vida.*

Goethe, *apud* Freud

A intenção de pesquisar o supereu na paranóia surgiu de minha experiência clínica em uma instituição psiquiátrica, lugar que, por destino e vocação, é habitado pelos mais diversos feitiços do drama humano. Diante da configuração de cada caso, a escuta psicanalítica se bifurca em dois níveis de atenção: o diagnóstico, instrumento para a direção do tratamento, e a singularidade, que abre a possibilidade de iniciar o processo analítico a partir dos componentes subjetivos. Embutida na nosografia que reúne num só bloco os sujeitos chamados "paranóicos", a singularidade se faz ouvir nas várias modalidades de queixas de perseguições, acusações e censuras.

As idéias de perseguição são a matéria prima utilizada por Freud para situar a paranóia no eixo de suas primeiras formulações psicanalíticas. Em seus trabalhos iniciais, Freud toma por alicerce o princípio do prazer para construir um entendimento dos padrões e mecanismos identificáveis na paranóia, acentuando desde então sua conjugação com a auto-censura, que, mais tarde, será considerada como uma função e, às vezes, até como um sinônimo do supereu. O lugar de destaque dado à paranóia no início da obra freudiana vai cedendo espaço ao seu trabalho teórico sobre as neuroses e somente na análise das memórias de Schreber a retomada do tema o leva a novas conclusões. A

introdução da segunda tópica, embora não traga novidades revolucionárias para a teorização da paranóia, oficializa sua associação com o supereu.

Lacan apresenta uma inovação teórica, que abre novos modos de compreensão psicanalítica da paranóia, ao enfatizar a descontinuidade entre as neuroses e as psicoses. Sua primeira incursão na psicanálise se faz precisamente através do estudo de um caso destacado pela atuação do supereu na paranóia. Contudo, suas teorizações posteriores, principalmente a concepção do Outro e suas conseqüências no enfoque das entidades clínicas, obscurecem as relações do supereu com a paranóia. A partir daí, a teoria lacaniana daria margem a que se afirmasse que o olhar perseguidor e as vozes alucinadas são do Outro, o que poderia tirar o supereu da cena da paranóia. Entretanto, diversos trabalhos de Lacan atestam que ele não descarta a incidência do supereu, em nuances que vão de sua versão hipermoral à de verdugo inclemente, como agente do sofrimento paranóico.

Buscando levar em conta as múltiplas faces da instância superegóica, o primeiro capítulo aborda a pré-história de sua conceituação, quando Freud se refere apenas aos ideais, mas já podemos encontrar, retroativamente, o supereu como o agente crítico encarregado da medição entre o eu ideal e o ideal do eu. Os ideais na versão lacaniana do narcisismo são apresentados no contexto do estágio do espelho. Seguem-se a conceituação propriamente dita do supereu e sua repercussão nas teorizações freudianas anteriores, principalmente na melancolia e no mito do pai primevo. Essa visão retroativa abre a possibilidade de aproximações e distinções entre ideal do eu e supereu, que são examinadas através da controvérsia, acesa ainda hoje, sobre as instâncias ideais. Como ilustração, apresento um breve estudo do *Caso Aimée*, que foi a porta de entrada

para Lacan na psicanálise e que deixou sua marca na questão do supereu na paranóia.

No segundo capítulo, após um pequeno histórico do termo *paranóia*, focalizo as primeiras teorias de Freud, que já contêm a aliança entre o supereu e a paranóia. A seguir, apresento a análise freudiana do *Caso Schreber*, destacando a importância que terá para o estabelecimento dos pontos fundamentais da teoria lacaniana das psicoses. Dedico especial atenção às conceituações da metáfora paterna, da forclusão e da lei do significante, em virtude do seu valor fundamental para o entendimento das psicoses na ótica lacaniana, e finalizo com Jacques-Alain Miller e Colette Soler, em suas contribuições relativas à paranóia, que constituem verdadeiros avanços conceituais.

O terceiro capítulo é dedicado à articulação do supereu com o objeto *a* nas formas da voz e do olhar. Apresento uma breve exposição da concepção lacaniana da emergência do sujeito como resultante das operações de alienação e separação, que deixam como resto o objeto *a*. Para abordar a voz como objeto, recorro à verve de Bernard Nominé para realçar a diferença entre voz e palavra, à clareza de Jacques-Alain Miller para falar da voz e das vozes na paranóia, e à veia poético-teatral de Didier-Weill para reunir a voz e o olhar sob a égide do supereu.

O quarto capítulo focaliza a dinâmica do supereu na clínica, e se compõe da apresentação de fragmentos de casos que se prestam para exemplificar as contribuições teóricas examinadas. Retomo ainda alguns aspectos do *Caso Aimée*, ressaltando outras possibilidades de entendimento à luz das conceituações lacanianas posteriores à sua primeira apresentação.

Em conclusão, adoto a visão privilegiada pela psicanálise francesa, de um supereu arcaico atuante na paranóia, e a proposta de Colette Soler, de que a aparente inocência, alegada pelo sujeito paranóico que se sente perseguido, mascara a culpa induzida pela crueldade do supereu.

1. O SUPEREU

Que tormento, esta permanente vigilância sobre si mesmo, este terror de ser surpreendido num papel diferente daquele que se escolheu. E esta preocupação não nos deixa mais, desde o instante em que nos persuadimos de que somos julgados a cada olhar que nos lançam.

Sêneca, Da tranquilidade da alma

Na psicanálise, o supereu aparece como uma das conceituações teóricas mais determinantes para o exercício da clínica. Se por um lado há uma abundância de aspectos apresentados pelo supereu nas elaborações teóricas, por outro lado essa mesma profusão faculta o reconhecimento de sua importância como instância regente do sujeito. Inconsciente em suas raízes e monitor das exigências do mundo externo, o supereu toma foros de entidade autoritária ao impor as leis da cultura entendidas pelo eu, sempre acrescidas, contrapostas, e às vezes distorcidas, por suas leis próprias forjadas no isso.

Em sua pluralidade de manifestações, o supereu aparece como a consciência moral, sob os variados disfarces da auto-crítica, da censura e da culpa, bem como nos atos auto-punitivos indicadores do sentimento inconsciente de culpa. Portador dos valores morais da cultura, pode ser visto como guia e voz da consciência, à qual se soma a crítica ao outro. Todavia, as múltiplas faces do supereu autenticam apenas a versatilidade do sujeito, promovida pelas identificações no decorrer da vida.

1.1 OS PRIMÓRDIOS DO SUPEREU

Embora conste como produto por excelência da elaboração da segunda tópica freudiana, os primeiros contornos do supereu datam de 1914, em associação com a investigação das psicoses. Freud abre o ensaio sobre o narcisismo declarando que sua dedicação ao tema foi pautada pelo interesse em desvendar os mistérios da demência precoce à luz da teoria da libido.¹

Em busca de uma definição mais precisa dos males que acometiam os psicóticos, ele sugere o termo *parafrenia* para substituir *demência precoce*. Esse termo havia sido introduzido no estudo sobre o *Caso Schreber*, em substituição a *demência precoce* e *esquizofrenia*, marcando ao mesmo tempo uma distinção da *paranóia*. Em *O narcisismo*, porém, Freud passa a usar o plural, *parafrenias*, conferindo ao termo um sentido mais amplo, de modo a abranger tanto a *esquizofrenia* como a *paranóia*.²

Tomando como pressuposto o enfoque econômico, seu primeiro passo para efetuar essa articulação com as forças da libido é identificar a megalomania e a retirada de interesse do mundo externo como características fundamentais das parafrenias. Em contraste com a neurose, esse tipo de afecção tem como agravante o fato de que o desinvestimento em pessoas e coisas não encontra substitutos na fantasia e a libido reverte para o eu. A megalomania é o resultado desta reversão da libido para o eu, à custa do investimento objetal. A substituição possível é um processo secundário, que constitui uma tentativa de recuperação no sentido de reatar a libido aos objetos. Em termos quantitativos, o investimento objetal pode ser visto como um caminho de cura, pois a ligação da libido a objetos

¹ Freud, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p. 90.

² Cf. Strachey J., em *Sobre o narcisismo...* p.101, nota 1. Examinarei as nomenclaturas mais detalhadamente no segundo capítulo, dedicado à paranóia.

tem a função de descarregar certa quantidade de investimento egóico. Dado que o aparato psíquico é um dispositivo destinado a descarregar o excesso patógeno da excitação, é indiferente que utilize objetos reais ou imaginários para esse processo de elaboração.

A diferença não surge senão depois — caso a transferência da libido para objetos irrealis (introversão) tenha ocasionado seu represamento. Nos parafrênicos, a megalomania permite uma semelhante elaboração interna da libido que voltou ao eu; talvez apenas quando a megalomania falhe, o represamento da libido no eu se torne patogênico e inicie o processo de recuperação que dá a impressão de ser uma doença.³

A conceituação das instâncias formadoras do supereu tem início com a proposta de um eu ideal, visto por Freud como o primeiro investimento na vida do ser humano. É um investimento dado pelos pais, que reproduzem no filho seu próprio narcisismo, atribuindo à criança todas as perfeições, acreditando que ela realizará todos os sonhos que eles não foram capazes de concretizar. Essa projeção do narcisismo dos pais é gerada por seu próprio desejo de imortalidade.

O surgimento do eu acontece por obra de uma ação psíquica, que se alia ao auto-erotismo inicial para desencadear o narcisismo propriamente dito. Essa nova ação psíquica convoca as pulsões a se reunirem numa imagem egóica primordial, isto é, promove a instauração de um eu ideal constituído pelos resquícios do narcisismo primário:

Esse eu ideal é agora o alvo do amor de si mesmo, desfrutado na infância pelo eu real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo eu ideal, o qual, como o eu infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. (...) O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era seu próprio ideal.⁴ (...) O desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido

³ *Op. cit.*, p.102.

⁴ *Op. cit.*, p.111.

em direção a um ideal do eu imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela realização desse ideal.⁵

Formado a partir da influência crítica dos pais e, posteriormente, por representantes do corpo social, o ideal do eu aumenta as exigências do eu, tornando-se um fator fundamental para a instauração do recalque. Ao supor, em 1914, uma aliança entre o ideal do eu e um agente psíquico, semelhante ao que chamamos de consciência, que observa o eu real e o avalia pelos padrões desse ideal, Freud antecipa a instância que mais tarde será denominada supereu.

O reconhecimento desse agente esclarece o que ocorre nos delírios de ser vigiado, típicos da paranóia. Esses delírios se compõem de uma vigilância constante sobre pensamentos e ações, manifestando-se em vozes que falam na terceira pessoa: *Agora ela está pensando nisso, ou Ele está fazendo aquilo*. O agente psíquico vigilante que observa, e também censura e critica, existe em todo ser humano, posto que as primeiras narrativas sobre a criança partem do adulto e as influências críticas formadoras do ideal do eu são transmitidas pela voz. Por esse motivo, o processo regressivo da psicose traz as vozes a um plano de realidade externa, onde elas se apresentam como se viessem de fora.

O reconhecimento desse agente nos permite compreender os chamados "delírios de sermos notados" ou, mais corretamente, vigiados, que constituem sintomas tão marcantes nas doenças paranóides, podendo também ocorrer como uma forma isolada de doença, ou intercalados numa neurose de transferência.⁶

⁵ *Op. cit.*, p.117.

⁶ *Op. cit.*, p. 112.

1.2 O ESPELHO

A teoria freudiana da constituição do eu foi retomada por Jacques Lacan e, recortada em outros moldes, resultou na construção do estágio do espelho. A versão lacaniana do narcisismo parte de uma observação da psicologia comparada: devido à prematuração de nascimento peculiar à espécie humana, um bebê entre 6 e 18 meses tem inteligência inferior à de um chimpanzé da mesma idade. No entanto, colocado diante de um espelho, o chimpanzé não tem qualquer reação particular, mas o bebê humano reconhece sua própria imagem. Esse reconhecimento se traduz em gestos que sinalizam uma primeira experiência de identificação.

A reação do bebê diante do espelho é vista por Lacan como uma expressão de júbilo frente à imagem antecipada de si mesmo. Imagem antecipada porque o sujeito ainda não encontra uma correspondência a essa unificação da imagem no plano das funções motoras. A imagem "parece manifestar, numa situação exemplar, a *matriz simbólica* onde o eu se precipita numa forma primordial antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe confira, no universal, a função de sujeito".⁷

Esse ato de precipitação do eu corresponde à "nova ação psíquica" designada por Freud para se referir à formação dessa instância. Nessa forma primordial é que Lacan localiza o *eu ideal*, que será a base de identificações secundárias. Essa forma antecipada do corpo total é dada como uma gestalt, isto é, por uma imagem de figura-e-fundo, composta pela criança em movimento e pelo ambiente que a cerca, de modo que a forma dessa imagem é constituinte do

eu. Por ser especular, a imagem "lhe aparece com um relevo de estatura que a congela, e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos..."⁸ Em outras palavras, a criança se reconhece na relação entre os movimentos de sua imagem e a imobilidade do ambiente refletido. Entre esses dois aspectos, a gestalt "simboliza a permanência mental do eu [je] e, ao mesmo tempo, prefigura seu destino alienante."⁹

O destino alienante tem origem no momento em que o sujeito se precipita em direção à sua imagem e significa que ele se aliena na imagem especular, que é também a do outro, do semelhante. É nesse momento constitutivo da chamada *matriz simbólica* que o sujeito assume uma identidade que, por ser externa em sua emergência, vai marcar todo o seu desenvolvimento psíquico e será a base da "estrutura paranóica do conhecimento humano".¹⁰ O desenvolvimento psíquico é vivido como uma dialética temporal em virtude da defasagem entre a insuficiência orgânica e a imagem totalizante. Aprisionado no engodo da identificação que se dá nesse espaço, o sujeito engendra fantasias que oscilam entre uma imagem despedaçada do corpo e uma forma completa de si mesmo, que será para sempre tida como o *eu*.

Lacan concebe o eu como um sistema central das formações identificatórias, compreendido em sua estrutura imaginária e em seu valor libidinal. O eu não deve ser confundido com o ser do sujeito, nem entendido como operador da síntese das funções do organismo, isto é, o eu não tem valor de entidade autônoma nem de agente de integração funcional, e não está separado de suas formas ideais. Essa noção é demonstrada no estudo de fenômenos

⁷ Lacan, J. (1949) "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je", p.94. A tradução desta e de todas as citações retiradas de obras em língua estrangeira são de minha inteira responsabilidade.

⁸ *Op. cit.*, p.95.

⁹ *Ibid.*

característicos do delírio, chamados *momentos fecundos*, o que levou Lacan a usar o termo *conhecimento paranóico*.¹¹ O conhecimento paranóico constitui a base das produções delirantes e apresenta, senão uma equivalência, pelo menos um parentesco com uma forma particular de relação com o mundo, que é o *transitivismo*.¹² Em suas formas mais indiretas, nas relações de rivalidade, por exemplo, o transitivismo é uma reação que se manifesta como matriz da *Urbild* do eu, isto é, da forma egóica mais arcaica.¹³

Essa reação é dominante nos períodos iniciais da infância. A criança fala de si mesma na terceira pessoa e comporta-se nas brincadeiras como se fosse capturada pela imagem do outro. Não é incomum a criança chorar quando um companheiro se machuca, ou acusar inocentemente o amigo de ter lhe dado um tapa que, na verdade, foi ela que lhe aplicou. Esses e outros fatos pertencem à mesma dialética, que abrange desde o ciúme até as primeiras formas de simpatia, e se inscrevem numa ambivalência primordial que aparece "em espelho, no sentido de que o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, à imagem do outro, e que a imagem do outro vem capturar esse sentimento".¹⁴

Embora admitindo ser um exagero colocar o sentido essencial do fenômeno do estágio do espelho na prematuração do nascimento, Lacan mantém que o retardo do amadurecimento do bebê humano com relação a outras espécies tem uma função de antecipação funcional. Em suma, o sujeito tem uma

¹⁰ *Op. cit.*, p.96.

¹¹ Mais tarde (1974), Lacan dirá, a propósito do *Caso Aimée*, que o tema do *conhecimento paranóico* pertencia à sua fase de psiquiatra e havia ficado sem maiores esclarecimentos. No entanto, na mesma ocasião, limita-se a esclarecer que: "Sem dúvida, o conhecimento paranóico é, de tudo aquilo que se gaba de ser conhecimento, o menos obscuro, mas que isso não diminua sua obtusão". Cf. "Apresentação da tradução francesa das memórias de Schreber", em *Revista Faço No. 1*, p.22.

¹² A respeito da noção de *transitivismo*, Lacan cita as obras de Charlotte Bühler (1927) e de Elsa Köhler (1926), dando a entender que essa expressão foi cunhada por Bühler a partir da observação do comportamento de crianças em companhia de outras.

¹³ Cf. Lacan, J. (1946) "Propos sur la causalité psychique", p.180.

¹⁴ *Op.cit.*, p.181.

experiência visual precoce de sua forma humana, e esse reconhecimento antecipado de sua imagem abre a possibilidade de identificação que, por sua vez, "vai constituir esse nó imaginário absolutamente essencial" designado na teoria psicanalítica por *narcisismo*.¹⁵ Por outro lado, é nesse nó que está a origem da discordância primordial entre o eu e o ser, que irá se refletir em toda a vida psíquica do sujeito.

Os efeitos do estágio do espelho são comparáveis, resumidamente, a uma encruzilhada onde se estruturam:

1. o formalismo do eu, isto é, a identificação da criança com uma imagem que a forma, mas que a aliena primordialmente, a faz um "outro" que ela não é, em um transitivismo identificatório;
2. a agressividade do ser humano, que precisa ganhar seu lugar sobre o outro, e se impor a ele, sob pena de ele próprio ser aniquilado;
3. a instalação dos objetos de prazer, cuja escolha sempre se refere ao objeto do desejo do outro.¹⁶

O conceito de narcisismo abre pelo menos duas vertentes importantes para a investigação do supereu: por um lado, a consciência moral e as instâncias ideais; por outro, a voz e o olhar. O caminho sugerido pela metapsicologia freudiana passa principalmente pelas instâncias ideais mas, ao mesmo tempo, sua abordagem dos fenômenos paranóicos ressalta a manifestação do agente da censura nas vozes alucinadas e no olhar: Já em 1914, Freud sublinha: "As queixas feitas pelos paranóicos também revelam que, no fundo, a autocrítica coincide com a auto-observação na qual ela se baseia".¹⁷ No entanto, apesar de deixar sempre claro que as vozes e o delírio de ser observado são obra do

¹⁵ *Op. cit.*, p.186.

¹⁶ Chemama, R. (1995) *Dicionário de psicanálise*, p.59.

¹⁷ Cf. Freud (1914) *Sobre o narcisismo*, p.113.

supereu, Freud não se deteve muito no exame isolado da voz e do olhar,¹⁸ ao passo que Lacan, ao enfatizar o papel da imagem e, mais tarde, ao se aprofundar na exploração psicanalítica da psicose,¹⁹ abriu o caminho para a teorização do olhar e da voz, trilhado por muitos de seus seguidores.

1.3 O SUPEREU E OS IDEAIS

Percorrendo a obra freudiana, encontramos considerações importantes acerca de algumas situações propiciadas pelas junções e disjunções do ideal do eu com o eu ideal, bem como os resultados que a prevalência de um ou de outro pode acarretar.

Quando Freud aplica sua teoria do narcisismo aos fenômenos observados no comportamento grupal²⁰, esclarece que a união dos membros de um grupo se explica pela identificação com um líder que encarna os ideais desse grupo, o que acontece quando o indivíduo abre mão de seu ideal do eu e o substitui pelo ideal personificado no líder. Essa operação é facilitada quando "a separação entre o eu e o ideal do eu não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente",²¹ o que pode ocorrer devido a uma complacência narcísica conservada pelo eu.²² Freud destaca, porém, que o ideal do eu é sempre uma parte diferenciada e somente sua distinção do eu é que possibilita o duplo vínculo

¹⁸ Seria incorreto afirmar que Freud não deu atenção à voz e ao olhar, que são mencionados diversas vezes, sobretudo em vinculação com o supereu, nas manifestações alucinatórias. Associados a outros temas, o olhar e a voz têm lugar de destaque, por exemplo, na *função escópica* exposta nos *Três Ensaios*, e no *pólo acústico* do esquema gráfico do aparelho psíquico em *O ego e o id*. Mas seria também incorreto não reconhecer que foi Lacan quem teorizou a voz e o olhar como objetos causa de desejo.

¹⁹ Principalmente em 1955-56, no Seminário *As psicoses*.

²⁰ Cf. Freud, S. (1921) *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

²¹ *Op. cit.*, p.163.

constituído pela identificação e pela subsequente colocação do objeto no lugar do ideal do eu.

Nessa retomada da conceituação do ideal do eu, Freud amplia a significação dos mecanismos já identificados na investigação da melancolia,²³ em 1915. Naquela ocasião, a auto-recriminação melancólica foi atribuída à retirada de libido dos objetos e ao seu retraimento para o eu, onde estabelece uma identificação com o objeto abandonado. O eu, alterado por essa identificação narcísica, passa a ser alvo do julgamento do agente crítico, ou consciência, como se fosse o próprio objeto.

Em 1921, Freud aprimora essa idéia, afirmando que a autocensura é, na verdade, a expressão da condenação e dos ataques dirigidos ao objeto com os quais o eu se identificou e é isso que "lhes empresta a fixidez, a tenacidade e a imperatividade que caracterizam as autocensuras de um melancólico".²⁴

Embora esse enfoque do ideal seja datado de 1914, aqui Freud sublinha que, quando o eu e o ideal do eu se aproximam, o eu se sente satisfeito consigo mesmo e, inversamente, a tensão entre o eu e o ideal do eu se expressa como sentimento de culpa e de inferioridade. Essas relações entre o eu e o ideal do eu, quando exacerbadas, se manifestam respectivamente nas oscilações entre a mania e a melancolia:

... nos casos de mania, o eu e o ideal do eu se fundiram, de maneira que a pessoa, em estado de ânimo de triunfo e auto-satisfação, imperturbada por qualquer autocrítica, pode desfrutar a abolição de suas inibições, sentimentos de consideração pelos outros e autocensuras. Não é tão óbvio, não obstante muito provável, que o sentimento do melancólico seja a expressão de um agudo conflito entre as duas instâncias de seu eu, conflito em que o ideal, em excesso de sensibilidade, incansavelmente

²² Note-se que, para Lacan, essa situação é de uma prevaência do eu ideal sobre o ideal do eu.

²³ Cf. Freud, S. (1915) *Luto e melancolia*.

²⁴ Freud, S. (1921) *Psicologia de grupo e a análise do ego*, p.167, nota 2.

exibe sua condenação do eu com delírios de inferioridade e com autodepreciação.²⁵

Em 1923, Freud introduz formalmente o conceito de supereu, definindo-o como sinônimo do ideal do eu, mas ressaltando a novidade de que "essa parte do eu está menos vinculada à consciência".²⁶ Essa vinculação apenas parcial à consciência deve-se à origem do ideal do eu, a qual oculta uma primeira identificação que não decorre de um investimento de objeto mas é uma identificação "direta e imediata", anterior a qualquer investimento objetal. O advento do complexo de Édipo revela o duplo papel do ideal do eu na operação de recalque: ao mesmo tempo em que se impõe como "resíduo das primitivas escolhas objetais do isso, ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas".²⁷ Apto a acatar a interdição paterna sobre o desejo em relação à mãe, o ideal do eu vem a ser a instância que representa a lei. Ao considerá-la como o herdeiro do complexo de Édipo, Freud usa indistintamente os termos ideal do eu e supereu:

O ideal do eu, portanto, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do isso. Erigindo esse ideal do eu, o eu dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao isso. Enquanto que o eu é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o supereu coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do isso. Os conflitos entre o eu e o ideal, como agora estamos preparados para descobrir, em última análise refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno.²⁸

À luz das definições de 1923, o mito freudiano do pai primevo, exposto em 1913, adquire outra dimensão. A incorporação do pai morto, a instalação da

²⁵ *Op. cit.*, p. 167.

²⁶ Freud, S. (1923) *O ego e o id*, p.42.

²⁷ *Op. cit.*, p.49.

²⁸ *Op. cit.*, p.51.

culpa e a subsequente criação da lei ganham a significação de gênese do supereu:

O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo (...). O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos (...). Criaram assim, do sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do complexo de Édipo.²⁹

A associação do supereu ao mito do *Totem e tabu*, abre a possibilidade de vislumbrar uma diferenciação entre supereu e ideal do eu, que viria a ser explorada mais tarde por vários autores. No entanto, Freud não se valeu dessa abertura, e manteve a equivalência entre ambos não só em 1923, mas em todos os seus textos posteriores, à exceção da *Conferência XXXI*, de 1932. Nesse texto é feita uma distinção entre as duas instâncias, mas não vinculada ao mito do pai primevo. Freud confirma o supereu em sua função de mantenedor do ideal, numa retomada conceitual do "agente crítico" esboçado em 1914, atribuindo-lhe o papel de "veículo do ideal do eu, pelo qual o eu se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir".³⁰ Além de mencionar essa função de ideal do eu (*Idealfunktion*),³¹ Freud confirma mais duas funções do supereu: a auto-observação e a consciência moral. Esclarece ainda que o supereu é constituído segundo o supereu dos pais, portador dos valores e tradições transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, enquanto precipitado da figura dos pais, é que o supereu é visto como uma função do ideal do eu. Entretanto, é também

²⁹ Freud, S. (1913) *Totem e tabu*, p.172. Voltarei a esse ponto.

³⁰ Freud, S. (1932) "A dissecação da personalidade psíquica", *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, p.84.

³¹ Cf. *op. cit.*, p.84 nota 2 e p. 86, nota .

enquanto precipitado que o supereu resta como voz imperativa, como veremos adiante.

Das delimitações apresentadas na *Conferência XXXI*, que foram retomadas e acentuadas por Lacan, podem ser apreendidas duas áreas de competência, uma do supereu e outra do ideal do eu. A tendência da psicanálise francesa a acentuar a distância entre supereu e ideal do eu está bem ilustrada no quadro abaixo, de Marta Gerez-Ambertin:

IDEAL DO EU	SUPEREU OU INSTÂNCIA CRÍTICA
Face amorosa do pai	Face devastadora do pai
- Observação benévola de si mesmo	- Observação crítica de si mesmo
- Regozijo do eu	- Consciência moral e censura
- Efeito do recalque secundário e da identificação edípica	- Efeito da identificação primária
- Produz satisfação narcísica	- Não produz satisfação narcísica
- Mede a distância entre o ideal e o eu	- Critica a distância entre eu atual / eu ideal ³²

1.4 A INSTÂNCIA DA MALDADE

A face cruel do supereu se revela em conjugação com a pulsão de morte quando, em 1924, Freud conceitua as três formas do masoquismo baseando-se na teoria das pulsões.³³ A pulsão de morte desviada para fora se constitui como pulsão de destruição, de domínio e poder, sendo que uma parte é colocada a serviço da função sexual, formando o sadismo propriamente dito. Outra parte fica retida no organismo e constitui o masoquismo primário.

O masoquismo secundário é derivado da pulsão de morte dirigida para fora que, sendo novamente introjetada, regride à situação anterior. Essa forma

³² Gerez-Ambertin, M. (1993) *Las Voces del superyó*, p.76.

³³ Cf. Freud, S. (1924) *O problema econômico do masoquismo*.

secundária se soma ao masoquismo original por meio do sentimento de culpa, percebido por Freud no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas. O sentimento de culpa é obra do supereu enquanto resultante da introjeção dos primeiros objetos libidinais. A dessexualização desses objetos permite ultrapassar o complexo de Édipo, cabendo ao supereu reter as características essenciais das pessoas introjetadas. Mas no processo de introjeção, a severidade atribuída a essas pessoas é aumentada pela defusão pulsional, o que explica a crueldade inexorável do supereu contra o eu.

Deixando de ser objeto dos impulsos libidinais no isso, as figuras introjetadas operam no supereu como consciência moral. Dado que essas figuras pertencem originalmente ao mundo externo, o supereu se torna também representante do mundo externo, permanecendo como modelo para o eu.

A terceira forma de masoquismo se caracteriza por um excesso de consciência moral; é uma ultramoralidade orquestrada pelo supereu. O masoquismo moral se diferencia de uma "extensão inconsciente da moralidade" na medida em que, nesta, "o acento recai sobre o sadismo intensificado do supereu, a que o eu se submete",³⁴ ao passo que, no masoquismo moral, o que se evidencia é o próprio masoquismo do eu. Este masoquismo egóico se apresenta como necessidade de ser punido pelos substitutos externos dos poderes parentais ou pelo supereu. Contudo, tanto na extensão inconsciente da moralidade como no masoquismo moral estão presentes o mesmo tipo de relacionamento entre o eu e o supereu, e também a necessidade de punição, que será satisfeita com o sofrimento. Em certos casos, a punição é atribuída ao Destino ou à Providência Divina, colocados como o poder último na série de substitutos paternos.

Nesse ponto de sua obra, Freud tenta elucidar a questão apresentada pela expressão "sentimento inconsciente de culpa", que entra em contradição com seu postulado de que os sentimentos não podem ser inconscientes. Sua explicação se fundamenta na idéia de que, sendo o masoquismo moral inconsciente, o sentimento inconsciente de culpa é a necessidade de receber punição de um poder paterno. Isto porque, no masoquismo moral, a moralidade é novamente sexualizada e o complexo de Édipo é revivido, abrindo-se uma via de regressão da moralidade para a situação edipiana, onde o desejo se alia à agressividade.

A esse respeito, Freud assinala também que a extrema severidade do supereu "não segue um modelo real, mas corresponde à força da defesa utilizada contra a tentação do complexo de Édipo",³⁴ podendo-se entender a tentação no sentido do erotismo dirigido ao objeto amado e da agressividade contra o rival. Assim, se as relações pulsionais estruturantes do supereu se baseiam especialmente no drama edipiano, revelam o medo, o ódio, o amor e o desejo ocultos numa dupla origem do sentimento de culpa.

O relacionamento entre o supereu e o eu constitui um retorno, deformado por um desejo, dos relacionamentos reais existentes entre o eu, ainda indivíduo, e um objeto externo. Isso também é típico. A diferença essencial, porém, é que a severidade original do supereu não representa — ou não representa tanto — a severidade que dele [do objeto] se experimentou ou que se lhe atribui. Representa, antes, nossa própria agressividade para com ele.³⁵

Essa síntese da formação do jogo de pulsões no supereu tem início com a renúncia à satisfação pulsional causada pelo medo da agressão punitiva por parte da autoridade externa. Esse medo é equivalente ao medo da perda de

³⁴ Op. cit., p.210.

³⁵ Freud, S. (1940) *Esboço de psicanálise*, p.236.

amor, pois o amor seria a melhor proteção contra a agressão. Instala-se então a agressividade contra quem proíbe a satisfação, o que deveria se resolver com a identificação e a conseqüente internalização da figura que interdita. Mas, pelo fato mesmo de que essa figura está internalizada, a renúncia à ação não basta para evitar a punição, pois resta o desejo que, sendo agora inescapável ao conhecimento da instância interna, passa a equivaler à ação, gerando o sentimento de culpa. A agressividade do supereu resulta, portanto, da internalização da figura ameaçadora acrescida do impulso agressivo do eu contra essa figura. Contudo, sendo masoquista por influência do sadismo superegóico, o eu volta sobre si mesmo uma parcela da pulsão de morte, empregando-a para compor uma ligação erótica com o supereu.

Na obra freudiana, o caráter paradoxal do supereu apoia-se na dualidade de sua origem. Freud situa a formação superegóica tanto em tempos arcaicos da constituição do sujeito como na dissolução do complexo de Édipo, enquanto instância resultante do recalque propriamente dito, num momento posterior da constituição da subjetividade:

O supereu deve sua posição especial no eu, ou em relação ao eu, a um fator que deve ser considerado em dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o eu ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no eu.³⁷

Esses dois aspectos da instância superegóica dão margem à ampla discussão em torno do supereu e do ideal do eu, presente nas obras de diversos autores. Em Laplanche e Pontalis, encontramos a constatação de que "existe relativo acordo quanto ao que é designado por ideal do eu; em contrapartida, as

³⁶ Freud, S. (1930) *O mal-estar na civilização*, p.153.

³⁷ Freud, S. (1923) *O ego e o id*, p.64.

concepções diferem quanto à sua relação com o supereu e a consciência moral".³⁸

Da mesma forma, encontramos concepções mais radicais quanto à severidade do supereu. Seu arcaísmo e agressividade são especialmente evidenciados na obra de Melanie Klein, em cuja visão "o núcleo do supereu deverá ser encontrado na incorporação parcial que se efetua na fase canibal do desenvolvimento"³⁹ e tem uma correspondência filogenética na internalização do pai primevo. Klein explora o papel da projeção na formação do supereu ao atribuir a destrutividade superegóica ao sadismo da criança, na fase oral-sádica, dirigido contra o objeto. A angústia gerada pelo conflito edipiano se manifesta no terror de ser despedaçada e devorada pelos pais, correlativo ao impulso de destruir o objeto ameaçador. Na fase final do Édipo, a introjeção do objeto desperta o medo da punição por esses impulsos, transformando o objeto num supereu perseguidor que despedaça e devora.

De certo modo, a primeira abordagem lacaniana do supereu⁴⁰ pode ser comparada à visão de Melanie Klein. Na experiência de Lacan, os efeitos "do supereu, bem como a observação direta da criança à luz dessa experiência, nos revelam seu aparecimento em um estágio tão precoce que parece contemporâneo, ou mesmo anterior ao aparecimento do eu."⁴¹

Pode-se dizer que, em determinado momento, Freud assume essa posição, estabelecendo uma anterioridade da instância superegóica. No entanto, o caráter do supereu nesse ponto da abordagem freudiana está no extremo

³⁸ Laplanche e Pontalis (1992) *Vocabulário da psicanálise*, p. 223.

³⁹ Klein, M. (1932) *Psicanálise da criança*, p.189.

⁴⁰ Mais tarde, depois de introduzir o *objeto a*, Lacan aponta novas facetas do supereu, mas nunca deixa de estabelecer uma diferenciação com o ideal do eu.

⁴¹ Lacan, J. (1950) "Fonctions de la Psychanalyse en Criminologie", *Écrits*, p.136. Entretanto, é preciso levar em conta que Lacan considera *Função e campo da palavra...*, de 1953, o texto

oposto ao de Klein e Lacan. Enquanto Klein e Lacan privilegiam os aspectos severos, ou mesmo ferozes, imunes à dialética, Freud traz à cena uma face aprazível do supereu em 1927, quando estabelece uma relação, pela via metapsicológica, entre o chiste enquanto “contribuição feita ao cômico pelo inconsciente”, e o humor, que seria uma “*contribuição feita ao cômico pela intervenção do supereu*”.⁴² A manifestação de uma face oculta e bem-humorada do supereu se explica por um deslocamento de investimento entre o eu e o supereu, de modo a inflar o supereu que, como oriundo do agente paterno, teria também a função de consolo e proteção do eu contra o sofrimento. Freud afirma então que o eu “abriga dentro dele, como seu núcleo, um agente especial: o supereu”.⁴³ Nesse sentido, de núcleo do eu, o supereu freudiano tem parentesco com o de Klein e Lacan.

Em Lacan, o supereu ficou para sempre identificado aos seus aspectos ferozes e o ideal do eu manteve o lugar de herdeiro do complexo de Édipo. Essa distinção é bem marcada ao longo de seu percurso: quando declara, por exemplo, que “o supereu é coercitivo e o ideal do eu, exaltante”, em 1954,⁴⁴ ao sublinhar o caráter paradoxal do supereu enquanto “algo como a lei, mas é uma lei sem dialética, e não é por nada que o reconhecem, mais ou menos acertadamente, no imperativo categórico com sua neutralidade nociva...”, em 1956,⁴⁵ ao enfatizar sua relação equívoca com a consciência, denunciando que “é possível que o supereu sirva de apoio à consciência moral, mas todos sabem muito bem que ele nada tem a ver com ela no que se refere às exigências mais

inaugural de seu ensino, quando passa a dar primazia à linguagem, em detrimento do ponto de vista genético.

⁴² Freud, S. (1927) *O humor*, p.194. Vale notar que Freud sempre valorizou as primeiras experiências como estruturantes. Seu conceito de supereu, por si só, já testemunha essa valorização. Embora coloque explicitamente o supereu como núcleo do eu apenas uma vez, essa idéia permeia implicitamente toda a segunda tópica.

⁴³ *Op. cit.*, p.192, (O grifo é meu).

obrigatórias," em 1960⁴⁶, ou ao reafirmar seu caráter imperativo: "Ninguém obriga ninguém a gozar, salvo o supereu. O supereu é o imperativo do gozo: Goza!", em 1972.⁴⁷

Ana Rudge explicita essa posição lacanianiana, indicando uma dissociação entre supereu e ideal do eu implícita nos dois mitos freudianos.

A abordagem de Lacan ao tema se faz pela oposição marcada entre o mito do Édipo e o de *Totem e tabu*, do pai da horda. Há uma culpa que não pode ser abordada com coerência dentro do mito do Édipo. O que o mito de *Totem e tabu* introduz de singular é a culpa anterior ao advento da lei, portanto uma falta que não se caracteriza por resultar da transgressão à lei; a falta e a culpa são absolutas. Além disso, o pai da horda nada tem de representante de uma lei, pelo contrário, é um pai "ilegal" que dispõe de todas as mulheres e não se vê limitado por nada.⁴⁸

Em vista dessas considerações, cabe perguntar: Como se insere uma dissociação entre o supereu arcaico e o supereu herdeiro do complexo de Édipo na teoria e clínica psicanalítica da paranóia? Qual é a importância de uma diferenciação entre eu ideal, ideal do eu e supereu para se pensar o estatuto do supereu na paranóia?

Tendo em mente as muitas controvérsias provocadas pelas semelhanças e disparidades entre o supereu e as instâncias ideais, farei um breve apanhado de alguns enfoques contrastantes, privilegiando posições que considero mais representativas.

⁴⁴ Lacan, J. (1953-54) *Os escritos técnicos de Freud*, p.123.

⁴⁵ Lacan, J. (1955-56) *As psicoses*, p.311.

⁴⁶ Lacan, J. (1959-60) *A ética da psicanálise*, p.371.

⁴⁷ Lacan (1972-73) *Mais, ainda*, p.11.

⁴⁸ Rudge, A. (1998) *Pulsão e linguagem*, p.59.

1.5 A CONTROVÉRSIA DAS INSTÂNCIAS

Um dos primeiros autores a abordar essa questão foi Nunberg. Em sua concepção, supereu e ideal do eu se distinguem em função de suas respectivas origens, que produzem diferentes sentimentos no eu: o ideal do eu tem origem na introjeção dos objetos amados, enquanto o supereu é formado pela introjeção das figuras ameaçadoras. Em consequência, a obediência do eu ao supereu se deve ao medo da punição, e a submissão ao ideal do eu é motivada pelo amor.⁴⁹ Com relação ao eu ideal, sua visão é de uma evolução em que, no curso do desenvolvimento, o sujeito deixa para trás o eu ideal, mas não abandona o desejo de recuperá-lo. Essa aspiração está presente não só nas psicoses, mas também nas neuroses, posto que "cada sintoma contém uma realização de desejo positivo ou negativo, do qual o paciente se serve para alcançar a onipotência".⁵⁰

O tema é retomado em profundidade por Daniel Lagache que, para proceder a uma análise estrutural do supereu, começou por pesquisar a terminologia na obra freudiana, verificando que os termos supereu, ideal do eu e eu ideal não são bem explicitados quanto à sua estrutura. Ele constata também que, apesar dessa relativa imprecisão, a maioria dos autores concorda que o eu ideal é "uma formação inconsciente narcísica, distinta do supereu..."⁵¹ conforme a definição de Nunberg. A polêmica, ainda vigente, gira sobretudo em torno do supereu e do ideal do eu, e mesmo esta se circunscreve praticamente a duas posições. Alguns autores defendem a sinonímia entre ideal do eu e supereu, enquanto outros, como vimos no quadro comparativo montado por Gerez-

⁴⁹ Apud Laplanche e Pontalis (1992) *Vocabulário da psicanálise*, p.223.

⁵⁰ Apud Lagache, D. (1956-1962) "La psychanalyse et la structure de la personnalité", p.222.

⁵¹ *Ibid.*

Ambertin, situam no supereu o poder de ameaça e castigo, colocando no ideal do eu o modelo a seguir.

Na visão de Lagache, o supereu e o ideal do eu não são propriamente instâncias separadas, mas aspectos suficientemente distintos para não serem reunidos num só termo mas, juntos, constituem um sistema — supereu-ideal do eu — que reproduz a relação de autoridade entre pai e filho. O eu ideal por si só constitui um sistema separado do sistema supereu-ideal do eu.

Esse ponto de vista implica uma revisão da conceituação freudiana, pois parte da premissa de que o supereu não se forma exatamente a partir do supereu dos pais, mas mediante a internalização do modelo da relação, onde o filho ocupa alternadamente a posição de sujeito, quando identificado com a autoridade do supereu, e a de objeto quando busca a aprovação do ideal do eu. Nessa acepção, são utilizados os termos eu-sujeito e eu-objeto. Em suma, considerando que o “supereu é um sistema de relações intersubjetivas e de identificações”, a proposta de Lagache é que o “supereu corresponde à autoridade e o ideal do eu ao modo como o sujeito deve se comportar para atender às expectativas dessa autoridade”.⁵²

Por outro lado, em sua leitura de Freud, tanto o eu ideal como o ideal do eu estão reunidos no supereu porque a consciência de si depende da contribuição do narcisismo primário e também do supereu e das relações objetais. Essa concepção é contrária à de Nunberg, para quem o eu ideal “é uma formação cuja autonomia relativa é estabelecida por suas origens (narcisismo primário, união do eu com o isso), por sua persistência latente, por seus retornos patológicos. O eu ideal é a expressão estrutural da onipotência no narcisismo”.⁵³

⁵² *Op. cit.*, p.223.

⁵³ *Op. cit.*, p.224.

Lagache não é tão radical quanto Nunberg a respeito da autonomia do eu ideal, mas evoca sua experiência clínica para argumentar que uma fusão completa do eu ideal no ideal do eu é um modelo teórico do qual raros casos se aproximam. O eu ideal pode estar mais presente quando o sujeito está mais afastado da influência do sistema supereu-ideal do eu. Somente um caso de ineficácia da conjunção supereu-ideal do eu pode indicar que o sujeito se identifica com seu eu ideal. Sua visão evolutiva da formação das instâncias é sintetizada na proposta de quatro possibilidades clínico-teóricas de relações entre os sistemas eu ideal e supereu-ideal do eu, conforme a posição do sujeito.

1. casos em que o eu ideal persistiu e onde a formação do supereu-ideal do eu não foi constituída ou permaneceu fraca;
2. persistência do conflito entre identificação com o eu ideal e identificação com o supereu-ideal do eu;
3. apagamento do eu ideal na formação do supereu-ideal do eu;
4. retomada do eu ideal contra a formação supereu-ideal do eu.⁵⁴

Lagache afirma que essa distinção entre sistemas permite formulações mais claras e rigorosas na clínica. Por exemplo: dizer que a causa psíquica do sentimento de culpa e do sentimento de inferioridade é uma tensão entre o eu e o supereu seria demasiadamente genérico. Embora ambos "correspondam a uma 'ferida narcísica', que se manifesta numa atitude crítica do eu-sujeito com relação ao eu-objeto",⁵⁵ acobertam aspectos diferentes. Na culpa, o sofrimento do sujeito é causado por *não estar de conformidade com o ideal do eu*, que é a expectativa de outrem transformada na do próprio eu. No sentimento de inferioridade, o sujeito sofre por *não corresponder às suas próprias expectativas quando age conforme o ideal do eu*.

⁵⁴ *Op. cit.*, p.226.

⁵⁵ *Op. cit.*, p.228.

Na paranóia, a alternância de sistemas se apresenta nas idéias de perseguição e nas idéias de grandeza, mostrando que as idéias de perseguição estão ligadas ao supereu, ao passo que a megalomania está referida ao eu ideal.

A despeito da profundidade das pesquisas e argumentações de Nunberg e Lagache, meio século mais tarde a polêmica sobre as instâncias continua viva entre os autores contemporâneos. Joel Birman, por exemplo, defende a superação do eu ideal e afirma que o sujeito "deixa de *crer* que pode ser o seu próprio ideal, *reconhecendo* um ideal que o ultrapassa. Com isso o sujeito perde a sua onipotência originária e passa a ser permeado pelos efeitos do complexo de Édipo e pelo discurso paterno". Na paranóia, porém, "o sujeito está inserido no eu ideal, instituindo-se como seu próprio ideal...".⁵⁶

Essa perspectiva pressupõe a passagem do eu ideal para o ideal do eu mediada pela castração. Contudo, isso não significa que a formação do ideal do eu seja resultado unicamente do declínio do Édipo, pois Birman assinala a regência do ideal do eu na passagem do narcisismo primário para o secundário. O que está implícito em sua exposição é, primeiramente, a substituição do eu ideal pelo ideal do eu e, em segundo lugar, uma equivalência entre ideal do eu e supereu.

A superação completa do eu ideal não é reconhecida por Garcia-Roza, que afirma não se tratar de um processo de substituição, mas de uma coexistência: o eu ideal permanece como representante do registro imaginário, enquanto o ideal do eu pertence à ordem simbólica.⁵⁷ Garcia-Roza reúne as concepções de Freud e de Lacan para conceituar os ideais, observando que o

⁵⁶ Cf. Birman, J. (1999) "A psicose e a feminilidade: uma releitura do caso Schreber de S. Freud", p.20.

⁵⁷ Cf. Garcia-Roza (1995) *Introdução à metapsicologia freudiana* . 3, p.50 e ss.

eu ideal é “constituído pela imagem refletida que o indivíduo tem de seu próprio corpo”, nos termos da conceituação lacaniana do estágio do espelho, que é uma imagem idealizada do eu, e constituída pela projeção dos pais a partir do próprio narcisismo que foram obrigados a abandonar pelas exigências da vida, conforme se lê em Freud.⁵⁸

Assim, enquanto Birman se aproxima da argumentação de Nunberg, Garcia-Roza discorda totalmente, afirmando que “o eu ideal não é uma fase inicial superada e substituída por uma outra que é o ideal do eu”, e que desapareceria depois de superada, mas pelo contrário, “o eu ideal permanece, transformado e acrescentado, no indivíduo adulto.”⁵⁹ O ideal do eu é uma “nova forma” tomada pela libido narcísica, é externo ao sujeito e constituído pelas “exigências que ele terá que satisfazer e que se situam no lugar da lei”.⁶⁰

1.6 O CASO DE AIMÉE

Para ilustrar o que foi dito até agora sobre o supereu, tomo o caso de paranóia que marcou a estréia de Lacan na psicanálise. Em sua tese de doutorado, ainda de cunho psiquiátrico, mas já utilizando a perspectiva psicanalítica, ele apresenta o *Caso Aimée* como uma paranóia de autopunição.⁶¹ Nessa ocasião, como observa Elizabeth Roudinesco, Lacan “ainda é psiquiatra, mas já é psicanalista”.⁶²

⁵⁸ *Op. cit.*, p.57.

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Op. cit.*, p.58.

⁶¹ Cf. Lacan, J. (1932) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*.

⁶² Roudinesco, E. (1988) *História da psicanálise na França*, p.129.

Essa observação se confirma quando encontramos, no desenvolvimento de sua tese, um exame detalhado das classificações, sintomatologia e etiologia das psicoses, indicando sempre os limites, claros ou difusos, entre as várias formas de psicose identificadas pela psiquiatria. Por outro lado, em oposição à visão orgânica privilegiada por certas correntes da psiquiatria, Lacan leva em conta os fatores biográficos e se revela psicanalista quando os articula com o conceito psicanalítico de atuação do supereu. Assim, ele afirma que o desencadeamento da psicose ocorre geralmente na confluência de uma mudança na situação de vida da pessoa e de um acontecimento de valor traumático, que se somam a um conflito anterior e duradouro⁶³ ligado às relações familiares. Na paranóia, esse conflito envolve uma hipermoralidade do sujeito que, aliada ao conteúdo do delírio, denuncia sua base superegóica.

O Caso *Aimée* consiste basicamente na história de uma mulher cuja produção delirante culmina num ataque a uma famosa atriz de teatro, a Sra. Z., devido à crença de estar sendo ameaçada e desprezada por essa atriz.

Vejamos alguns pontos significativos da história:

Filha de camponeses, Aimée desfruta de certos privilégios em casa por ser considerada a inteligente da família. Aos 18 anos, vai morar em outra cidade, na casa de uma irmã mais velha que havia desempenhado um papel materno em sua infância. Trabalha num escritório onde conhece C. de la N., que se torna sua grande amiga. De família nobre decadente, hábitos requintados e gosto pela ostentação, essa amiga é o exato oposto de Aimée e não perde oportunidades de se mostrar superior.

⁶³ Mais tarde Lacan irá rever essa conclusão e propor que um evento propicia a eclosão da psicose na medida em que leva o sujeito a assumir uma função paterna, noção que será abordada no próximo capítulo.

Aos 24 anos, Aimée se casa com um colega de trabalho. Meses depois a irmã mais velha, que havia ficado viúva, vem morar com o casal. Essa irmã assume as tarefas domésticas, para as quais Aimée era lenta e não muito competente. Quando Aimée engravida, quatro anos depois, começam as idéias delirantes. Além de sentir ciúmes despropositados do marido, passa a achar que as conversas das pessoas no escritório contêm críticas a ela, calúnias e maldições. O passo seguinte é se convencer de que as pessoas nas ruas cochicham com desprezo, lhe dirigem insultos grosseiros, e que as notícias de jornal fazem alusões a ela. Essas acusações adquirem o significado de que desejam a morte de seu filho por nascer. A criança nasce morta e ela atribui a culpa a seus supostos inimigos, principalmente a C. de la N., que telefonou logo depois do parto para pedir notícias. No ano seguinte, tem um filho a quem se dedica com paixão e briga com todos que ela julga que o ameaçam. Mantém seu emprego, e quem passa a cuidar desse filho é sua irmã.

*Aimée escreve romances e tenta publicá-los. Encontrando sempre uma recusa por parte das editoras, quer emigrar para os Estados Unidos para ser romancista. Depois de um período de grande agitação, a família interfere e ela é internada por seis meses, acusando a família de um complô para tirarem seu filho. Nesse momento de sua vida, Aimée identifica como seu principal perseguidor um romancista, P.B., em cujos livros encontra alusões à sua vida pessoal. A ele, se seguem dois editores do *Journal*, a quem acusa de plágio de seus romances não publicados. Assim, forma-se uma série masculina de perseguidores pertencentes ao mundo das letras, ao qual ela tem a ambição de ascender.*

Suspeitando que um destino grandioso lhe está reservado, Aimée pede transferência no trabalho e se muda para Paris, passando a visitar a família uma

vez por semana. Em Paris, cisma que uma famosa atriz, Sra. Z, a quem vira somente duas vezes, em atuação no teatro e no cinema, ameaça a vida de seu filho.

A análise efetuada por Lacan mostra que essa figura é a última de uma série feminina de perseguidoras. Esta série se inicia com a irmã, passa por C. de la N. e por Sarah Bernhardt, chegando por fim à atriz atacada. As pessoas famosas, atrizes, jornalistas, escritores são malvistas por ela. A essa altura, ela interpreta numa notícia de jornal que seu filho iria ser morto "porque sua mãe [de Aimée] era caluniadora e vil", e que por isso "se vingariam dela".⁶⁴

Nessa série, é visível a colocação das mulheres perseguidoras na situação de ideal do eu. A irmã, que assumiu um lugar de mãe em sua criação, mostra-se mais competente no âmbito doméstico e cuida de seu filho. C. de la N., em posição social superior, é sua imagem superiormente invertida no espelho. Sarah Bernhardt e a Sra. Z, de cuja existência Aimée havia tomado conhecimento em conversas com C. de la N., têm uma fama que favorece a identificação mediada por suas ambições. Em cada uma dessas personagens está colocada uma parcela do ideal de Aimée. Pela via do delírio, a ambivalência se concretiza na transformação do amor em ódio.

Paralelamente ao delírio de perseguição, suas idéias de grandeza são eivadas de idealismo, ela quer promover "a fraternidade entre os povos e as raças".⁶⁵ Lacan relata que:

Ela fica alarmada, como dissemos, com a sorte futura dos povos. As idéias da guerra, do bolchevismo a frequentam, e se misturam com suas responsabilidades para com o filho. Os governantes esquecem o perigo; sem dúvida bastará que eles sejam lembrados disso; ela se crê destinada a isso. Porém, os povos estão entregues a maus pastores. Ela recorreu,

⁶⁴ Lacan, J. (1932) *Da psicose paranóica...*, p. 160.

⁶⁵ *Op. cit.*, p.163.

a partir daí, às autoridades beneficentes, ao presidente da França, ao Príncipe de Gales, a quem pedirá para fazer um grande discurso em Genebra.⁶⁶

As idéias de grandeza acabam por se misturar à erotomania, tomando como objeto o Príncipe de Gales, para quem faz versos líricos e envia cópias encadernadas dos dois romances que escreveu. Ao mesmo tempo, diante da recusa dos editores a publicar seus escritos, decide se divorciar e sair da França, levando consigo o filho, atemorizada ao extremo pela idéia de um atentado contra ele.

Aos 38 anos, cada vez mais perturbada, ameaçando matar o marido caso lhe negasse o divórcio, Aimée compra uma faca e fica à espera da Sra. Z na entrada dos artistas. Quando a atriz chega ao teatro, Aimée tira a faca da bolsa e investe contra ela. A Sra. Z apara o golpe com a mão, Aimée é detida e presa.

O ataque à atriz não proporciona qualquer alívio ao sofrimento paranóico de Aimée. Na prisão de Saint-Lazare, onde Lacan começa a atendê-la, justifica o ato, dizendo: "Fiz isso porque queria matar meu filho".⁶⁷ Mostra-se agressiva, surpresa por ninguém incriminar a Sra. Z., e mantém ainda as idéias de grandeza.

"Sr. Doutor" — escreve ela ainda um bilhete [ao diretor da prisão] em tom extremamente correto, no décimo quinto dia de sua reclusão — "gostaria de pedir-lhe que fizesse retificar o juízo dos jornalistas a meu respeito, chamaram-me de *neurastênica*, o que pode vir a prejudicar minha futura carreira de mulher de letras e de ciências".⁶⁸

Somente após vinte dias de prisão o delírio cede, Aimée sente remorsos por ter praticado a agressão, reconhece a inocência da atriz e o absurdo das

⁶⁶ *Op. cit.*, p.164.

⁶⁷ *Op. cit.*, p.154.

⁶⁸ *Op. cit.*, p.169-70.

idéias delirantes, que agora lhe causam vergonha. Essa mudança de atitude leva Lacan a concluir que Aimée foi movida por um desejo de autopunição, provocado por uma culpa anterior ao ato.

A análise do caso evidencia uma seqüência, orquestrada pelo supereu, de culpa, ato, punição, e alívio proporcionado pela punição.⁶⁹ É diferente de um delírio passional, que encontraria alívio no próprio ato. De fato, ao lhe perguntarem por que acreditava que estavam ameaçando seu filho, ela responde de chofre: "*Para me castigar*". Quando perguntam *por quê?* ela diz, hesitante: "Porque eu não cumpria minha missão...", e depois retifica: "Porque meus inimigos se sentiam ameaçados por minha missão...".⁷⁰

Em sua exposição, Lacan faz uma revisão dos conceitos freudianos, conjugando o narcisismo com as fases de organização da libido para situar no estágio sádico-anal o surgimento dos mecanismos autopunitivos superegóicos e suas manifestações patogênicas numa fixação nesse estágio. A etiologia, o desenvolvimento, a estrutura e o desfecho do caso seguem os caminhos da necessidade de autopunição.

Lacan se vale do esquema dos estágios de organização da libido proposto por Karl Abraham para situar a paranóia, considerando-a uma interrupção no estágio evolutivo correspondente à gênese do supereu. Em termos de esboço do seu pensamento posterior, é interessante notar que, ao mesmo tempo, ele alia a essa concepção um prenúncio de sua futura concordância com a precocidade do supereu kleiniano, ao afirmar que os "mecanismos autopunitivos" dessa instância se instauram no período narcísico.⁷¹

⁶⁹ Freud havia identificado essa seqüência ainda na primeira tópica, em seu artigo "Criminosos em consequência de um sentimento inconsciente de culpa", de 1916, pp. 375-77.

⁷⁰ Lacan, J., *Op. cit.*, p.253.

⁷¹ *Op. cit.*, p.259.

O que não implica a ausência da hipermoralidade pois, a propósito das manifestações delirantes de Aimée, Lacan observa:

Todos esses fenômenos elementares são comuns ao conjunto das psicoses paranóicas, e o único traço que os especifica ocasionalmente na forma que descrevemos se deve a seu "conteúdo". Frequentemente, com efeito, exprimem a mesma nota de *auto-acusação* que aparece na convicção delirante sistematizada, e *significam* mais ou menos diretamente as *reprimendas éticas* que o sujeito faz contra si mesmo, que o estudo do delírio revela como determinantes.⁷²

Na atuação peculiar do supereu na *paranóia*, apesar da presença de auto-acusações, o delírio se diferencia clinicamente da melancolia na medida em que o sujeito não apresenta sinais de inibição psíquica.⁷³ Isto porque, ao contrário da melancolia, na *paranóia* o que acontece é uma desidentificação, pois o perseguidor está *fora*. Em comparação com o conjunto de fenômenos elementares comuns às psicoses, a ação exacerbada do ideal se destaca na *paranóia* nos delírios de perseguição e no adiamento da concretização das idéias de grandeza.

As *idéias de grandeza* não se exprimem na consciência do sujeito por nenhuma transformação atual de sua personalidade. Devaneios ambiciosos, projetos de reforma, invenções destinadas a mudar a sorte do gênero humano, elas têm sempre um alcance *futuro*, do mesmo modo que um sentido nitidamente *altruista*. Elas apresentam assim características simétricas às idéias de perseguição. O mesmo conteúdo simbólico é aí fácil de ser reconhecido: ele se refere tanto numas quanto noutras ao *ideal do eu* do sujeito.⁷⁴

Concluindo seu estudo do caso, Lacan mostra que a psiquiatria já indicava que as reações deflagradas pelo delírio, mais tarde chamadas por ele de *passagens ao ato*, variam conforme o conteúdo das idéias delirantes: os

⁷² *Op. cit.*, p.273-4.

⁷³ *Op. cit.*, p.276.

⁷⁴ *Op. cit.*, p.275.

delirantes reivindicadores são mais propensos à ação iminente e violenta, enquanto os interpretativos tendem a reações mais tardias e menos eficazes. Entre esses dois tipos é que se situam os paranóicos cujos delírios se caracterizam mais especificamente pelas idéias de grandeza e de perseguição propriamente dita; suas ações são precedidas de queixas e demonstrações de seus problemas, e só raramente passam imediatamente à agressão.⁷⁵

A esse aprofundamento das observações psiquiátricas sobre a psicose paranóica, Lacan adiciona a visão psicanalítica de ligação pulsional do supereu. Referindo-se à remissão de sintomas, ele afirma que podem ocorrer casos de cura espontânea em consequência de uma resolução parcial do conflito gerador e de certas condições externas, mas faz a seguinte ressalva:

...uma *condição interna* é a base primeira dessas curas: a satisfação da pulsão *autopunitiva*. Esta satisfação parece se realizar segundo uma medida própria a cada caso, tão difícil de determinar como a intensidade da pulsão agressiva, e que parece proporcional a ela.⁷⁶

A paranóia de reivindicação pode ser vista como o avesso da paranóia de autopunição, levando-se em conta que “sua estrutura é dominada pela mesma *intenção punitiva*, isto é, por uma *pulsão agressiva socializada*, mas que sua *economia energética é invertida*, e isto só em razão de contingências da história afetiva,⁷⁷ ou seja, a direção da necessidade de punição se inverte de acordo com a realidade ditada pelo supereu do sujeito. Essa observação vem confirmar que “o delírio é o *equivalente intencional* de uma pulsão agressiva suficientemente socializada.”⁷⁸

⁷⁵ Cf. Lacan, *op. cit.*, p.277.

⁷⁶ *Op. cit.*, p.278.

⁷⁷ *Op. cit.*, p.341.

⁷⁸ *Op. cit.*, p.342.

Na conclusão de sua tese, Lacan acredita ter isolado uma forma de paranóia fundada na tendência à autopunição e propõe que seja agrupada, juntamente com a paranóia fundada na reivindicação, "sob o título de *psicoses do Supereu*."⁷⁹

Voltarei à análise de outros aspectos do *Caso Aimée* na perspectiva dos desenvolvimentos teóricos mais tardios de Lacan, no capítulo dedicado ao exame de alguns fragmentos de casos clínicos. Mas antes de encerrar este capítulo, é importante assinalar que essa posição inicial do supereu em associação com a paranóia prevalece ao longo de toda a obra de Lacan.

Nas palavras de Jean-Robert Rabanel, "em 1932, a psicose é caracterizada por Lacan como uma parada evolutiva da personalidade no estágio da gênese do supereu".⁸⁰ Em 1948, Lacan volta a expor a evolução do *Caso Aimée* e, ampliando suas observações sobre o estágio do espelho, fala de uma tendência agressiva fundamental na paranóia.⁸¹ No texto sobre a função da psicanálise na criminologia, de 1950, é confirmado seu apoio à hipótese de formação primitiva do supereu,⁸² que já havia sido introduzida por Melanie Klein. Rabanel chama atenção para o fato de que, em todo esse período de 1932 a 1950, "Lacan tenta integrar às concepções freudianas os avanços dos pós-freudianos Karl Abraham, sobre a psicose, e Melanie Klein, sobre o supereu".⁸³

A partir dos anos '50, com a extraordinária valorização da palavra e da linguagem na psicanálise, o supereu é abordado em sua relação com a estrutura de linguagem. Grande parte do *Seminário 1* de Lacan é dedicada à discussão de

⁷⁹ *Op. cit.*, p.347.

⁸⁰ Rabanel, J.-R. (1996) "Le surmoi dans les psychoses chez l'enfant", *La gourmandise du surmoi*, p.65.

⁸¹ Cf. Lacan, J. "L'agressivité en psychanalyse".

⁸² Como já vimos na nota 41, referente à citação dessa passagem do ensaio "Introduction théorique aux fonctions de psychanalyse en criminologie".

⁸³ Rabanel, J.-R., *op. cit.*, p.66.

dois casos de psicose infantil, enfatizando a atuação do supereu no caso do menino que grita *Lobo! Lobo!*, apresentado por Rosine e Robert Lefort. No caso em questão, o supereu é marcado como "a fala reduzida a seu caroço", que cria as condições para a emergência do sujeito.⁸⁴ Em um sentido mais amplo, o supereu enquanto fala é situado à parte dos efeitos de significação. Voltarei a esse ponto no exame do supereu como uma forma de objeto *a*.

É na reformulação teórica seguinte, efetuada em 1962-63, que o supereu adquire a posição de objeto *a*, nas formas de olhar e voz, aspectos ostensivos de suas relações com os delírios e alucinações na paranóia.⁸⁵ A partir da forma final dos conceitos de imaginário, simbólico e real, o supereu é caracterizado por J.-A. Miller conforme sua faceta em cada um desses registros:

No imaginário, o supereu é essa figura obscena e feroz de que fala Lacan.

No simbólico, é a lei como significante unário S_1 , insensato, comparável ao desejo da mãe como capricho sem lei, que a psicose põe em destaque na tendência a recorrer constantemente ao supereu materno.

No real, Lacan assinala que o supereu é o objeto *a* enquanto voz, gozo não regido pelo falo.⁸⁶

Em todo o percurso teórico de Lacan, a visão da participação do supereu nas formas de manifestação neurótica é totalmente calcada em Freud. Na neurose obsessiva, prevalece o supereu francamente acusador, cruel em suas exigências e admoestações; na histeria, o supereu se apresenta como sofrimento que incide no corpo; na fobia, como angústia face ao fracasso do dispositivo fóbico.⁸⁷ Quanto às psicoses, Lacan sobrepõe à teoria freudiana uma

⁸⁴ Lacan, J. (1953-54), *Os escritos técnicos de Freud*, p.107 ss. Embora na tradução brasileira conste a expressão "a palavra reduzida a seu caroço", no original francês está "*la parole réduite a son trognon*", sendo que *parole*, como sabemos, se traduz por *fala*, e não por *palavra*.

⁸⁵ Cf. Lacan, J. *L'Angoisse*, inédito.

⁸⁶ Cf. Rabanel, *op. cit.*, p.67, sobre palestra realizada por Miller em 1981, na Espanha.

⁸⁷ Cf. Gerez-Ambertin, M. (1993), *Las voces del superyo*, p.184.

nova elaboração, articulando o supereu à forclusão do nome-dô-pai, como veremos no próximo capítulo.

2. A PARANÓIA

*My conscience hath a thousand several tongues,
And every tongue brings in a several tale,
And every tale condemns me for a villain.
All several sins, all used in each degree,
Throng to the bar, crying all: "Guilty! Guilty!"*

Shakespeare, *King Richard III*

As formações delirantes e as vozes alucinadas são o material privilegiado por Freud e Lacan para acompanhar a dinâmica do supereu na paranóia. Os delírios de observação trazem à cena a instância que observa e critica, enquanto as idéias de grandeza ostentam a exacerbação do eu ideal. Mesclado à grandiosidade delirante, um toque de altruísmo deixa entrever o esplendor do ideal do eu. Por outro lado, o sentimento de culpa gerado pelo diferencial entre as instâncias ideais aciona o poder devastador da autopunição regida pelo supereu.

Estes achados indicam que a chave do entendimento dos delírios típicos se encontra nos conceitos traçados na teoria do narcisismo. Enquanto a abordagem freudiana busca solucionar os mistérios da paranóia seguindo a direção da análise e interpretação dos fenômenos paranóicos, Lacan tenta ir mais longe, ao encontro de uma definição metapsicológica. Em três momentos de sua obra, a paranóia se encaixa respectivamente nas definições de uma anomalia da personalidade (1932), uma estrutura subjetiva (1955), e um nó frouxo que a certa altura desamarra os registros imaginário, simbólico e real

(1974).⁸⁸ Não obstante os rumos seguidos pelas investigações, tanto em Freud como em Lacan a paranóia é uma psicose que tem o supereu como seu principal aliado.

No entanto, as origens da paranóia são mais longínquas, e sua história foi construída basicamente pela psiquiatria. Assim, antes de examinar as conceituações psicanalíticas da *paranóia*, parece-me útil recordar os dados históricos desse termo, sem entrar detalhadamente nas descrições e classificações típicas dos tratados de psiquiatria, e sem pretender abordar todas as ocorrências de nomenclaturas na obra de Freud.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO

A *paranóia*, palavra grega cujo significado é loucura, é uma entidade clínica situada pela psiquiatria atual no campo das psicoses, sobretudo em associação com a esquizofrenia no diagnóstico de *esquizofrenia-paranóide*. Na obra de Freud, são utilizadas diferentes nomenclaturas com referência ao que chamamos hoje de *psicoses* e *neuroses*, a começar pela distinção entre *psiconeuroses* e *neuroses atuais*, presente em seus primeiros trabalhos, ou ainda *neuroses narcísicas* em oposição a *neuroses de transferência*.

O sentido atual do termo *paranóia* tem origem na classificação proposta por Kraepelin, psiquiatra alemão que reuniu os sintomas típicos da atual *esquizofrenia* sob a denominação de *demência precoce*. Em 1899, Kraepelin isola a paranóia, distinguindo-a de uma classificação intermediária denominada *forma paranóide da demência precoce*. Essa distinção põe em evidência três formas de patologia que,

⁸⁸ Cf. Lacan, J., *Da psicose paranóica...*, *As psicoses e R.S.I.*, respectivamente.

embora aparentadas, ostentam diferenças nítidas. Ao estabelecer as bases do diagnóstico diferencial, Kraepelin observa que as funções intelectuais e da vontade são mais preservadas na paranóia do que nas outras duas afecções e, principalmente, que o paranóico se caracteriza por desenvolver um delírio sistematizado baseado numa exacerbação dos sentimentos normais (de raiva, ciúme, indignação, etc.).⁸⁹ Uma vez formado, o delírio apresenta um rigor sistemático impossível de ser desfeito. Na *forma paranóide de demência precoce* o delírio é mais instável, mais incoerente e menos sistematizado, qualificado como um "tecido de absurdos" ou "um caos delirante".⁹⁰

Em 1911, Freud usa a nomenclatura kraepeliana para classificar o *Caso Schreber* como *demência paranóide*, mas subverte a visão psiquiátrica da época quando não considera o delírio como um caos de pensamentos destituídos de sentido, e sim como uma formação do inconsciente com uma lógica própria, que fala da história e do desejo do sujeito. No mesmo ano da publicação do *Caso Schreber* surge o termo *esquizofrenia*, proposto por Bleuler para substituir *demência precoce* em virtude da divisão (*schizo*) do sujeito evidenciada nesse quadro clínico. Nessa época, Bleuler já compartilhava a visão freudiana de que o delírio contém uma significação psíquica.⁹¹ É também no trabalho sobre *Schreber* que Freud sugere o termo *parafrenia* para substituir tanto *demência precoce* como *esquizofrenia*, mantendo, contudo, que o termo *paranóia* não pode ser modificado.⁹² A classificação de *parafrenia* adquire um sentido diferente na introdução ao narcisismo, em 1914, e na *Conferência XXVI*, em 1917, quando

⁸⁹ Cf. Kraepelin, E. (1907) "Paranoia", *Introduction à la Psychiatrie Clinique*.

⁹⁰ *Apud* Bruno, P. (1993) "Schizophrénie et paranóia", *L'autiste: un psychotique au travail*, p.68.

⁹¹ *Op. cit.*, p.69.

⁹² Cf. Freud, S., *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*, p.101.

passa a ser usada no plural, *parafrenias*, abrangendo a *demência precoce* e a *paranóia*.⁹³

Na psiquiatria moderna, o termo *demência* está mais associado ao corpo, referido a doenças orgânicas degenerativas, enquanto a *esquizofrenia* é subdividida em vários tipos, organizados segundo as classificações herdadas da psiquiatria clássica.⁹⁴ Dentre estas, a *esquizofrenia-paranóide* guarda uma descendência mais direta da acepção freudiana das *parafrenias*.

De um modo geral, tanto a psiquiatria como a psicanálise reconhecem hoje três tipos básicos que compõem o grupo das psicoses: a *esquizofrenia*, a *paranóia* e a *psicose maníaco-depressiva*. Na psicanálise atual, a *paranóia* é definida por Laplanche e Pontalis como:

Psicose crônica caracterizada por um delírio mais ou menos bem sistematizado, pelo predomínio da interpretação e pela ausência de enfraquecimento intelectual, e que geralmente não evolui para a deterioração. Freud inclui na paranóia não só o delírio de perseguição, como a erotomania, o delírio de ciúme e o delírio de grandeza.⁹⁵

É a partir desta definição que utilizarei o termo *paranóia*, tomando como eixo a teoria das psicoses em Freud e Lacan. Observo porém que, embora Laplanche e Pontalis não incluam nesse verbete a presença de alucinações, tanto Freud como Lacan as reconhecem e se empenham em desvendar o fenômeno das vozes na paranóia.

A elucidação das vozes é um ponto de fundamental interesse para minha pesquisa, uma vez que foi uma das principais vias tomadas por Freud para a construção teórica do supereu. A princípio considerada puro efeito do mecanismo de projeção, a voz alucinada viria a ser entendida não somente

⁹³ *Ibid.*, longa nota do editor inglês.

⁹⁴ Cf. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*, 1993.

como a voz do supereu projetada no exterior, mas como a própria presença sonora do supereu na paranóia, como veremos adiante.

2.2 PRIMEIRAS CONCEITUAÇÕES PSICANALÍTICAS

Uma revisão dos primeiros escritos de Freud nos mostra, em 1895, uma tentativa de aproximação entre a neurose obsessiva e a paranóia. Estendendo aos delírios paranóicos sua hipótese sobre a etiologia das idéias obsessivas, Freud supõe que ambas resultariam de um conflito gerado por perturbações afetivas. Partindo dessa premissa, ele propõe que, assim como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória, também a paranóia é um modo patológico de defesa. Esta conclusão se desdobra na primeira conceituação do mecanismo de projeção como elemento principal dos fenômenos paranóicos.

A projeção já havia sido identificada por Freud em 1894, quando relata a análise de um caso de paranóia para demonstrar que o recalçamento de determinada experiência de ordem sexual tem o objetivo de poupar o eu de uma autoacusação. Nesse caso, o processo de recalçamento se estabeleceu como defesa do eu contra uma censura interna. Mas a partir de então a pessoa começou a ouvir, vinda do exterior, a mesma acusação que lhe faria a autocensura — o julgamento mudou de lugar enquanto o teor da censura permaneceu o mesmo. Observando que esse deslocamento de dentro para fora oferece a vantagem de colocar distância entre a acusação e o eu, pois vindo de

⁹⁵ Laplanche, J. e Pontalis, J-B. (1992) *Vocabulário da psicanálise*, p.334.

fora a censura pode ser rejeitada, Freud conclui que "o propósito da paranóia é rechaçar uma idéia incompatível, projetando seu conteúdo no mundo externo".⁹⁶

Embora o acento de sua investigação recaísse na projeção e no recalque, podemos notar que, desde então, é identificado o papel primordial da autocensura pois o processo descrito por Freud deixa claro que a projeção é secundária ao decreto da censura: a idéia é "incompatível". À luz dos desenvolvimentos teóricos posteriores, já encontramos aqui a aliança do supereu com a paranóia.

Ainda em 1894, Freud aprofunda suas observações sobre a projeção, assinalando que esse mecanismo faz parte da vida normal, desde que a pessoa tenha consciência de que ocorreu uma modificação interna. Nessa situação, qualquer ser humano tem a opção de atribuir a modificação a causas internas ou externas. Normalmente, as pessoas são capazes de admitir uma mudança interna, que libera os sentimentos que a acompanham, para explicar as idéias de estar sendo observado e a projeção. A paranóia, por outro lado, se caracteriza pela supervalorização daquilo que os outros sabem a respeito da pessoa, pela importância exagerada conferida às ações alheias que a afetam, e pela ausência do *reconhecimento* de que a causa é interna. Trata-se portanto de uma exacerbação do mecanismo de projeção, com a finalidade de defesa do eu. Resumindo as características da paranóia, Freud se vale de comparações com a confusão alucinatória⁹⁷ para salientar que:

O conteúdo e o afeto da idéia incompatível são mantidos, em direto contraste com a confusão alucinatória, mas são projetados no mundo externo. As alucinações, que surgem em algumas formas da doença, são *hostis ao eu*, mas apoiam a defesa. (...) A *idéia delirante* é uma cópia da

⁹⁶ Freud, S. (1895) *Rascunho H: Paranóia*, p.294.

⁹⁷ Segundo Muñoz, N.M. (1999), em *O fenômeno alucinatório da teoria psicanalítica da psicose*, p.22, a *confusão alucinatória* é um termo afim com a *amência de Meynert*, podendo se apresentar como sintoma na histeria ou em estados psicóticos de longa duração. Contudo, o desenvolvimento da teoria de Freud sobre as psicoses aproxima a *confusão alucinatória* do campo das psicoses.

idéia rechaçada ou o oposto desta (megalomania). (...) A "auto-referência" da paranóia é análoga às alucinações dos estados confusionais, pois estas procuram afirmar exatamente o contrário do fato que foi rechaçado. Assim, a referência a si mesmo sempre tenta provar a correção da projeção.⁹⁸

Nessa fase inaugural da teoria freudiana, prevalece a suposição de que toda formação de sintomas é regida pelo princípio do prazer/desprazer e articulada pela autocensura. Na neurose, o trajeto da formação de sintomas apresenta uma sequência já bastante familiar a Freud: a) uma experiência acompanhada de prazer e recalçada; b) uma ocasião posterior que desperta a lembrança da experiência e a formação simultânea do sintoma primário; c) um estágio de defesa bem sucedida; d) o fracasso da defesa, o retorno do recalçado, a luta entre as idéias inadmissíveis e o eu, quando se formam novos sintomas. No retorno do recalçado, a autocensura emerge como um sentimento de culpa sem conteúdo e se liga a um conteúdo distorcido no tempo e no teor, por um efeito de substituição analógica. O afeto da autocensura pode se transformar em angústia, hipocondria, delírios de perseguição ou vergonha, que penetram na consciência.

Tomando a neurose obsessiva como contraponto à paranóia, dois aspectos se destacam. O aspecto principal é a autocensura, que gera o despreazer, e cuja primeira manifestação na neurose obsessiva é consciente, isto é, reconhecida pelo eu. Uma vez recalçada juntamente com a lembrança do que a provocou, a autocensura reaparece como sentimento de culpa. Na paranóia, aliada ao advento da autocensura, instala-se a recusa em acreditar nela, isto é, a censura não é reconhecida como tal pelo eu e, portanto, a pessoa não crê que as acusações partam dela mesma. O outro aspecto, decorrente do primeiro, é a projeção. A neurose obsessiva também faz uso da projeção, mas a idéia insuportável é substituída por outra, mais admissível para o eu, enquanto a

⁹⁸ Freud, *op. cit.*, p.298.

descrença do paranóico na autocensura se alia à projeção para criar o sintoma de desconfiança das pessoas mais próximas. A recusa a crer na autocensura tem um papel determinante na evolução dos sintomas:

Como a crença foi separada da autocensura primária, ela assume o comando irrestrito dos sintomas de compromisso. O eu não os considera estranhos a si mesmo, mas é impelido por eles a fazer tentativas que podem ser descritas como *delírios assimilatórios*.⁹⁹

O fracasso da defesa se traduz nesse processo de assimilação e dá início a uma *modificação do eu*. O mecanismo de projeção, implicando a negação da autocensura, aparece como o elemento predominante na paranóia,¹⁰⁰ e os delírios se formam numa tentativa de confirmar a projeção. Por isso "a *idéia delirante é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do eu*. Assim, essas pessoas *amam seus delírios como amam a si mesmas*".¹⁰¹

Em suas *Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa* Freud coloca a paranóia sob a rubrica de "psicose de defesa".¹⁰² Nesse texto, uma comparação dos mecanismos típicos de três entidades clínicas mostra que a *projeção* na paranóia é equivalente à *conversão* na histeria e à *formação substitutiva* na neurose obsessiva, evidenciando a *certeza* como característica da paranóia. A certeza faz parte da alteração do eu efetuada em consequência dos delírios interpretativos. Essa alteração do eu, já identificada no *Rascunho K*, volta a ser alvo da atenção de Freud, que desta vez põe em destaque sua dinâmica, reafirmando que as *representações* delirantes são formações derivadas do recalçamento e exigem aceitação da atividade do pensamento, que

⁹⁹ Freud, S. (1896) *Rascunho K: As neuroses de defesa*, p.316.

¹⁰⁰ *Ibid.*

¹⁰¹ Freud, S. (1895) *Rascunho H: Paranóia*, p.296.

é função do eu. Essas representações não são influenciáveis e não aceitam contradição, portanto o eu não tem outro recurso senão adaptar-se a elas e, nesse processo, é inevitável que sofra alterações. O resultado são as *interpretações* delirantes, que incluem a certeza de sua veracidade.

As alucinações também são consideradas um retorno do recalcado, na forma de pensamentos que se manifestam em voz alta.¹⁰³ As representações que surgem então são de fato acusações, geralmente distorcidas, em virtude do recalçamento da auto-acusação comandado pela formação defensiva da desconfiança. Não as reconhecendo como suas, o paranóico não tem proteção contra as acusações, que retornam adulteradas nos delírios e alucinações. É nesse sentido que Freud sublinha que os sintomas paranóicos são *hostis ao eu*. Na *Análise de um caso de paranóia crônica*, Freud assinala que:

A presença de representações inconscientes importantes foi assim demonstrada também num caso de paranóia, e pude ter esperanças de investigar também a compulsão da paranóia até o recalçamento. A única peculiaridade consistia em que os pensamentos que emergiam do inconsciente eram, em sua maior parte, ouvidos interiormente pela paciente ou alucinados por ela, do mesmo modo que suas vozes.¹⁰⁴

Note-se que, nesse momento de sua obra, com a preocupação de definir o mecanismo que está na origem da paranóia, Freud insiste em procurar uma resposta satisfatória pela via do recalçamento, seguindo a mesma trilha de sua descoberta do princípio das neuroses. Mas tanto essa suposição como a de que o delírio é "hostil ao eu" sofrerão uma revisão em 1911. Seu estudo do *Caso Schreber*, apesar de não apresentar uma resposta absolutamente conclusiva

¹⁰² Cf. Freud, S. (1896) *Observações adicionais sobre a neuropsicoses de defesa*, p.165.

¹⁰³ A alucinação será abordada em maiores detalhes no final deste capítulo, em associação com o pensamento de Lacan.

¹⁰⁴ Freud, S. (1896) *Observações adicionais...*, p.167. Voltarei a esse caso ainda neste capítulo, quando abordar a análise da Sra. P..

sobre um mecanismo de recalçamento na paranóia, aponta um caminho que caberá a Lacan desbravar. Todavia, se a solução freudiana para o recalçamento não vem pronta e acabada, a questão do delírio encontra, no *Caso Schreber*, uma solução brilhante em seu novo status de tentativa de cura.¹⁰⁵

A sequência aberta pela autocensura que, veiculada pela projeção, se expressa como vozes de auto-acusação, já é uma descrição do circuito do supereu em ação na paranóia. Mais tarde, porém, a segunda tópica traz inovações teóricas que vêm iluminar as hipóteses iniciais sobre a paranóia com a inclusão do conceito de supereu. Em 1923, Freud define as origens da neurose e da psicose pela via dos conflitos entre instâncias psíquicas, estabelecendo que *"a neurose é o resultado de um conflito entre o eu e o isso, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de um distúrbio semelhante nas relações entre o eu e o mundo externo"*.¹⁰⁶

Como já afirmara diversas vezes, Freud volta a frisar que as neuroses e psicoses têm em comum, em sua etiologia, uma frustração de desejos trazidos da infância. Essa frustração, embora sempre referida ao mundo externo, "pode proceder do agente interno (supereu) que assumiu a representação das exigências da realidade".¹⁰⁷ O supereu pode então ser um complicador, mas também uma via de acesso às patologias, pois reúne

...influências originárias tanto do isso quanto do mundo externo, e se constitui, até certo ponto, em um modelo ideal daquilo a que visa o esforço total do eu: uma reconciliação entre os seus diversos relacionamentos dependentes. A atitude do supereu deveria ser tomada em consideração — o que até aqui não foi feito — em toda forma de enfermidade psíquica.¹⁰⁸

¹⁰⁵ As conclusões de Freud e as contribuições de Lacan sobre o *Caso Schreber* serão abordados a seguir.

¹⁰⁶ Freud, S. (1923) *Neurose e psicose*, p.189.

¹⁰⁷ *Op. cit.*, p.192.

¹⁰⁸ *Ibid.*

Em vista dessas considerações, Freud atribui a um conflito entre o eu e o supereu a formação das neuroses narcísicas.

2.3 O CASO SCHREBER

Em seu texto paradigmático sobre a paranóia, a análise das memórias do Presidente Schreber,¹⁰⁹ Freud não dispunha ainda do instrumental da segunda tópica e somente daí a três anos viria a dar a forma final ao conceito de narcisismo. Não obstante, sua teorização desse caso contém uma estreita relação com o agente crítico futuramente denominado supereu. A princípio, o que mais chama a atenção de Freud é “o fato de o paciente, para repelir uma fantasia de desejo homossexual, ter reagido precisamente com delírios de perseguição dessa espécie”, levando a supor que as fantasias homossexuais portam “uma relação íntima (talvez invariável) com essa forma específica de enfermidade”.¹¹⁰ O outro ponto, novamente destacado, é o mecanismo de projeção.

Para investigar as fantasias de ordem homossexual, Freud retoma os conceitos de fixação e regressão¹¹¹ expostos em 1905, para remontar a paranóia ao estágio narcísico, situado entre o auto-erotismo e o amor objetal. Essa regressão esclarece o impulso de desejo homossexual e o delírio de vigilância, pois, à luz das formulações de 1914, esse estágio corresponde à formação do eu ideal/ideal do eu:

¹⁰⁹ Cf. Freud, S. (1911) *Notas psicanalíticas...*

¹¹⁰ *Op. cit.*, p.81.

Os delírios de estar sendo vigiado apresentam esse poder [do agente crítico] numa forma regressiva, revelando assim sua gênese e a razão por que o paciente fica revoltado contra ele, pois o que induziu o indivíduo a formar um ideal do eu, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais (transmitida a ele por intermédio da voz). (...)

Dessa forma, grandes quantidades de libido de natureza essencialmente homossexual são introduzidas na formação do eu narcisista, encontrando assim um escoadouro e satisfação em conservá-lo. A instituição da consciência foi, no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, subsequente, da sociedade — processo que se repete quando uma tendência ao recalque se desenvolve de uma proibição ou obstáculo que proveio, no primeiro caso, de fora. As vozes, bem como a multidão indefinida, são reconduzidas ao primeiro plano pela doença, e assim a evolução da consciência se reproduz de forma regressiva. Mas a revolta contra esse “agente crítico” brota não só do desejo, por parte do indivíduo (de acordo com o caráter fundamental de sua doença), de todas essas influências, a começar pelos pais, mas também do fato de retirar sua libido homossexual delas. A consciência do paciente então se confronta com ele de maneira regressiva, como uma influência hostil vinda de fora.¹¹²

Reunindo os dois aspectos ressaltados — a fixação da libido e a atividade da projeção — sob a égide do agente crítico, posto que a autocensura age de forma a impedir que o amor homossexual chegue à consciência, Freud apresenta a proposição “*Eu (um homem) o amo (um homem)*”. Na megalomania ocorre uma rejeição total dessa afirmação, que é transformada em “*Só amo a mim mesmo*”, evidenciando um superinvestimento sexual do eu. Na erotomania, a projeção incide no objeto quando o homem diz “*Eu não o amo — eu a amo porque ela me ama*”. No delírio de ciúme, a frase se transforma em “*Não sou eu quem ama o homem — e/a o ama*” e essa deformação não se deve à projeção porque o que muda é o sujeito que ama, portanto, o processo é colocado fora do sujeito. Nos delírios de perseguição, a inversão delirante põe em relevo o

¹¹¹ Cf. Freud, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

¹¹² Freud, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*, p.113.

mecanismo de projeção recaindo sobre o verbo, com a fórmula: "Eu não o amo — eu o odeio, porque ele me persegue".¹¹³

A característica mais notável da formação de sintomas na paranóia é o processo que merece o nome de *projeção*. Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afeto; o que deveria ter sido sentido como amor é percebido como ódio.¹¹⁴

No entanto, Freud sublinha que, apesar de evidente, a projeção não pode ser o elemento primordial na paranóia, por dois motivos: em primeiro lugar, não tem o mesmo papel em todas as formas dessa entidade clínica,¹¹⁵ e em segundo lugar, conforme suas constatações anteriores, se apresenta em condições variadas da vida normal. O ponto destacado aqui é que a projeção é um *mecanismo* que tem uma serventia óbvia na formação de sintomas mas não tem o estatuto de elemento formador da paranóia. O paranóico apenas *utiliza* a projeção e o que interessa a Freud é descobrir o "recalque propriamente dito" em ação na paranóia.¹¹⁶ A análise da trajetória da doença de Schreber elucida, em parte, essa questão, na medida em que Freud entende a catástrofe interna vivenciada pelo paciente como o efeito de uma retirada de investimento libidinal do mundo externo.

Podemos dizer então que o processo de recalque propriamente dito consiste num desligamento da libido em relação às pessoas e coisas que foram anteriormente amadas. Acontece silenciosamente; dele não recebemos informações, só podemos inferi-lo dos acontecimentos subsequentes.¹¹⁷

¹¹³ Freud, S. (1911) *Notas psicanalíticas...*, pp.85-88.

¹¹⁴ *Op. cit.*, p.89.

¹¹⁵ *Ibid.*

¹¹⁶ *Op. cit.*, p.92.

¹¹⁷ *Op. cit.*, p.95.

A essa descoberta, segue-se a conclusão revolucionária de que o delírio é, na verdade, uma reação à retirada do investimento objetal e se forma para tentar reconstruir o mundo aniquilado pela retração da libido: "A formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é na realidade uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução".¹¹⁸ Outra descoberta de igual importância ratifica o papel do mecanismo da projeção na paranóia, e ao mesmo tempo reafirma que as manifestações delirantes são resultado do processo que se inicia com a rejeição (*Verwerfung*) de uma idéia incompatível, processo este que, como vimos, já havia sido identificado por Freud em seus primeiros trabalhos:

O que se impõe tão ruidosamente à nossa atenção é o processo de restabelecimento, que desfaz o trabalho do recalque e traz de volta novamente a libido para as pessoas que ela havia abandonado. Na paranóia, esse processo é efetuado pelo método de projeção. Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi abolido internamente retorna desde fora.¹¹⁹

Veremos que Lacan irá explorar essas diferenciações apontadas por Freud de modo a opor ao recalque propriamente dito (*Verdrängung*), que decorre do complexo de Édipo e resulta na neurose, uma operação de rejeição (*Verwerfung*), decorrente da não inscrição edipiana na psicose, que terá como conseqüência um retorno, configurado como real, daquilo que foi rejeitado.

Além das teorizações lacanianas decorrentes do estudo da paranóia no Caso *Schreber*, esse trabalho de Freud oferece conclusões fundamentais, cuja síntese contribuiu para um entendimento aplicável a outras formas de psicose.

¹¹⁸ *Op. cit.*, p.94-5.

¹¹⁹ *Op. cit.*, p.95 (o grifo é meu).

Em primeiro lugar, a observação de que o impulso de desejo homossexual fica exposto em razão de uma regressão ao estágio narcísico dá a Freud o ensejo de estender o desligamento da libido a todas as formas de recalque, reservando à paranóia a particularidade de *vincular ao eu* a libido retirada do mundo externo. Essa vinculação da libido ao eu se manifesta não somente no "retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo" mas também nos traços de megalomania presentes na paranóia.¹²⁰

Em segundo lugar, tendo verificado que a projeção se submete à intervenção da censura, que nada mais é que um dos nomes do supereu, e serve à função restauradora própria do delírio na solução delirante dada por Schreber ao impulso homossexual, Freud conclui que a revolução no céu de Schreber traduz a tentativa de uma reconstrução posterior a um cataclisma imaginário que traz a marca especial da erotomania divina.

Vale notar que o fato de a erotomania estar referida a Deus denuncia também a presença do supereu. Freud atenta diversas vezes para essa equivalência, notadamente em seus trabalhos de 1927 e 1930, quando atribui ao sentimento de desamparo inerente ao ser humano a necessidade de se voltar para Deus como sucedâneo do pai.¹²¹ Numa síntese do seu pensamento a esse respeito, ele reúne Deus e o destino num só aspecto do supereu:

O Destino é encarado como um substituto do agente parental. Se um homem é desafortunado, isso significa que não é mais amado por esse poder supremo e, ameaçado por essa falta de amor, mais uma vez se curva ao representante paterno em seu supereu que, em seus dias de boa sorte, estava pronto a desprezar. Esse fato se torna especialmente mais claro quando o Destino é encarado segundo o sentido estritamente religioso de nada mais ser do que uma expressão da Vontade Divina.¹²²

¹²⁰ *Op. cit.*, p.96-7.

¹²¹ Respectivamente *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*.

Pode-se acrescentar que o delírio de Schreber condensa várias facetas do supereu. Além de se apresentar como Destino, no mandato de se tornar "mulher de Deus", o supereu se configura como o próprio Deus, ocupando o lugar do pai onipotente, diante do qual o filho assume uma posição sexual passiva. Este último aspecto, do desejo incestuoso pelo pai, é abordado por Freud com especial clareza no caso do *Homem dos Lobos*.¹²³ E Schreber, aliando a obediência ao poder superegóico da "Vontade Divina" à grandiosidade paranóica, quer se unir ao Pai para dar à luz uma nova raça de homens.¹²⁴

2.4 RECALQUE E FORACLUSÃO

Em vista da importância que, como já assinali, Lacan confere à constatação de que a psicose se deve a uma operação diferente da que ocorre na neurose, retorno aos primeiros passos da psicanálise para registrar que essa idéia está relacionada à psicose desde o início da obra de Freud. A conceituação psicanalítica de *Verwerfung* data de 1894 quando, ao esclarecer a solução histórica para a seqüência de eventos psíquicos decorrentes da luta contra a idéia incompatível, Freud cita outros resultados possíveis:

Quando alguém com predisposição [à neurose] carece da aptidão para a conversão mas, ainda assim, para rechaçar uma representação incompatível, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são

¹²² Freud, S. (1930) *O mal-estar na civilização*, p.150.

¹²³ Cf. Freud, S. (1918) *História de uma neurose infantil*, mais especificamente pp.126-7.

¹²⁴ Na conceituação de Lacan, Deus está no lugar do Outro. As relações entre o supereu e o Outro serão discutidas nos capítulos seguintes, onde veremos como a injunção superegóica se articula ao Outro na paranóia.

incompatíveis em si mesmas, e graças a essa "falsa ligação", tais representações se transformam em representações obsessivas.¹²⁵ (...) Há entretanto uma espécie de defesa muito mais poderosa e bem sucedida. Nela, o eu rejeita [verwift] a representação incompatível juntamente com seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso é conseguido, o sujeito fica numa psicose que só pode ser classificada de "confusão alucinatória".¹²⁶

A versão lacaniana das mesmas observações pode ser encontrada na seguinte enunciação:

O que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente.¹²⁷

É preciso mencionar que, ao traduzir *Verwerfung* por forclusão, Lacan introduz um conceito que designa uma função do inconsciente diferente do recalcado, articulada como a ausência da operação chamada por Freud de *Bejahung-Ausstossung*, que inclui uma afirmação primordial. Esta operação contém o juízo de atribuição, antecedente do juízo de existência ou teste de realidade, que, por sua vez é condição para a *Vermeinung*, a negação.¹²⁸ Pelo fato de abranger a ausência de *Bejahung-Ausstossung*, o conceito de forclusão implica a falta de inscrição da castração, no sentido de uma recusa do sujeito a deixar aceder a "seu mundo simbólico" o que foi experimentado como ameaça

¹²⁵ Freud, S. (1894) *As neupsicoses de defesa*, p.58.

¹²⁶ *Op. cit.*, p.65 (o grifo é meu).

¹²⁷ Lacan, J. (1955-56) *As psicoses*, p.21.

¹²⁸ Lacan desenvolve essa idéia tomando por base as idéias de Freud expostas em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, texto de 1911, e ampliadas em *A negativa*, de 1925. A questão da presença ou não de *Bejahung-Ausstossung* nas psicoses tem sido alvo de discussões recentes. Apesar do interesse que apresenta para o estudo das psicoses, um aprofundamento dessa discussão aqui implicaria um desvio do tema do supereu. Portanto, me limito a esta menção.

de castração.¹²⁹ Além disso, a noção de forclusão é marcada pela revisão conceitual da *Verwerfung*, efetuada por Freud em 1918: na análise do *Homem dos Lobos*, é retirado o determinismo do mecanismo de defesa nas psicoses e a ênfase é colocada na relação da *Verwerfung* com a castração.¹³⁰ Segundo Ana Maria Rudge,

...Freud situa a *Verwerfung* em um âmbito que transcende o do mecanismo de defesa contra um acontecimento da realidade insuportável, assim como supera a questão de delimitar uma disposição para a psicose. A castração remete à função do complexo de Édipo como eixo central em torno do qual, em função das várias posições que pode assumir, especificam-se as diferentes estruturas patológicas, e a psicose aí se define por algo que é da falha, do advento insuficiente do Édipo.¹³¹

Se consideramos o supereu como herdeiro do complexo de Édipo, e se a psicose é decorrente da insuficiência, ou falha, do complexo de Édipo, somos levados a perguntar: Como é possível a presença do supereu na psicose e, conseqüentemente, do supereu na paranóia? Seguindo o rumo apontado por essa questão, para chegar às conceituações lacanianas do Édipo e da forclusão, vale lembrar os pontos fundamentais do processo edipiano, tal como expostos por Freud em 1924:

Os investimentos de objeto são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu e aí forma o *núcleo do supereu*, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o eu contra o retorno do investimento libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece em toda transformação em identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital — afastou o perigo da sua perda — e, por outro, paralisou-o — removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (...) Se o eu, na realidade, não conseguiu muito mais que um recalque com o complexo, este persiste em estado inconsciente no isso e manifestará mais tarde seu

¹²⁹ Cf. Lacan, J. *op. cit.*

¹³⁰ Freud, S. (1918) *História de uma neurose infantil*.

¹³¹ Rudge, A.M. (1998) *Pulsão e linguagem*, p.51.

efeito patogênico. A observação analítica capacita-nos a identificar ou adivinhar essas vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do supereu e o período de latência. Essas vinculações justificam a afirmação de que a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração.¹³²

Lacan, assim como dá novas dimensões ao narcisismo, com sua proposta do registro imaginário, redimensiona o complexo de Édipo em termos do registro simbólico. Essa distinção de registros está imbricada na distinção entre o eu e o sujeito, que é um dos pontos fundamentais no pensamento lacaniano. Como vimos, a formação do eu se dá pela via imaginária, descrita no estágio do espelho. Assim como o eu, o sujeito também não é um dado primordial, mas não se constitui a partir da imagem, e sim a partir de uma ordem simbólica que o antecede. A criança nasce imersa num universo onde as relações já são organizadas pela palavra, no campo da linguagem. Esse campo é uma dimensão simbólica habitada pelos significantes, denominado por Lacan o lugar do *Outro*, distinto do outro "recíproco, simétrico, do eu imaginário", e também definido como o tesouro dos significantes.¹³³

Para usar uma linguagem metafórica, consoante com a dimensão simbólica, podemos dizer que é no campo dos significantes que se desenrola o drama edipiano em três atos, correspondentes a três estágios de experiência. A mãe é o primeiro significante a ser introduzido pela simbolização, representado pelo *fort-da* de Freud. Nesse momento, a criança se dá conta de que a mãe vai e vem, e o mundo varia conforme sua ausência ou presença. Na tentativa de dar um significado a essas idas e vindas, ela se pergunta o que é que a mãe quer. O desejo da mãe é uma incógnita, um x imaginário, ao qual a criança mais cedo ou

¹³² Freud, S. (1924) *A dissolução do complexo de Édipo*, p.221-2.

¹³³ Miller, J-A. (1979) *Percurso de Lacan*, p.20.

mais tarde atribui um significado. Mas a via imaginária não prevalece, dando lugar à via simbólica.

Dito de outro modo, a simbolização da mãe está vinculada à simbolização de sua ausência, introduzindo um ponto vazio no real. Cabe ao pai o papel do significante que vem substituir o significante materno, promovendo a finalização do complexo de Édipo com a entrada do sujeito na ordem simbólica, por meio da "metáfora paterna". Na definição de Lacan, uma metáfora "é um significante que surge no lugar de outro significante".¹³⁴ Assim, "metáfora paterna" é a intervenção do significante pai substituindo o significante mãe, expressa na fórmula:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \frac{(1)}{(s')}$$

"O elemento significante intermediário S' [mãe] cai e S [pai]

se apodera, pela via metafórica, do objeto de desejo da mãe, que então se apresenta sob a forma do falo".¹³⁵ A operação da metáfora paterna é que promove a inserção do sujeito no universo simbólico.

Aos três níveis de experiência edipiana, correspondem três tempos lógicos. O primeiro tempo equivale ao estágio narcísico do eu ideal. A mãe ocupa o lugar de Outro primordial absoluto, detentora da lei onipotente, e a criança, identificada ao objeto de desejo da mãe, ocupa o lugar do falo.

No segundo tempo, a relação mãe-criança é mediada pela linguagem. O Outro passa a ser o lugar da lei quando o discurso da mãe introduz o nome-do-pai, portador da lei de interdição que barra o Outro materno. Simultaneamente, na dimensão imaginária, instala-se a significação fálica entre os significantes do sujeito. Esse momento corresponde ao recalque originário, quando o sujeito ingressa na ordem simbólica, amparado pelo ideal do eu.

¹³⁴ Lacan, J. (1957-58) *As formações do inconsciente*, p.180.

¹³⁵ *Op. cit.*, p.181.

No terceiro tempo, destituído de ser objeto do desejo da mãe, resta ao sujeito a dialética de *ter* ou *não ter* o falo. O falo imaginário responde ao enigma da diferença sexual e, enquanto significação fálica, vai situar o sujeito na partilha dos sexos. Somente a significação fálica pode produzir um significante para o enigma do desejo da mãe, atribuindo significado ao x da fórmula de substituição

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \begin{matrix} (1) \\ (s') \end{matrix}, \text{ do significante do pai (S) entrando no lugar do significante da}$$

mãe (S'), e cuja forma final é a metáfora paterna explicitada como:

$$\frac{\text{Nome - do - Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado do sujeito}} \rightarrow \text{NP } \frac{\text{A (Outro)}}{\text{Falo}}$$

Se o significante do nome-do-pai é foracluído, sua contraparte imaginária fica elidida no campo de significação dos significantes do sujeito. Nessa eventualidade, "no ponto onde é chamado o nome-do-pai, pode responder no Outro um vazio puro e simples que, devido à carência do efeito metafórico, provocará um vazio correspondente no lugar da significação fálica."¹³⁶ Assim, a lei que rege a cadeia significante não se estabelece. Para Lacan, é o que acontece, não só na paranóia, mas em todas as formas de psicose.

2.5 A LEI DO SIGNIFICANTE

Vemos portanto que a lei estabelecida pela metáfora paterna se articula no nível do significante. Na ordem simbólica, o que vigora é o texto da lei, ou seja, não é preciso a presença de alguém para sustentar a autenticidade da palavra, pois o que promulga a lei e autoriza seu texto está no nível do significante. É a

¹³⁶ Lacan, J. (1957-58) "D'une question préliminaire...", *Écrits*, p.558.

essa suficiência do significante que Lacan denomina *pai simbólico*, ou nome-do-pai, fundante da lei de articulação dentro de uma certa ordem de significantes, que é a lei do Édipo, a lei de interdição da mãe. "O nome-do-pai é o significante que, no Outro, enquanto lugar do significante, é significante do Outro enquanto lugar da lei"¹³⁷ e a função de significante exercida pelo pai é o elemento chave, tanto no recalque como no processo de forclusão.

Em Lacan, toda a questão da psicose está centralizada na forclusão (*Verwerfung*), em contraste com o recalque (*Verdrängung*), que, por ter sido fundado pela lei, permite à cadeia significante se desenvolver e se ordenar. Lacan compara o campo dos significantes a uma espécie de estabelecimento tipográfico que, como tal, está submetido a leis topológicas. Nessa tipografia, pode faltar uma letra, um significante qualquer, sem maiores conseqüências para a ordenação dos demais significantes, mas a falta do significante do nome-do-pai implica uma falta de referência que resulta na desorganização da cadeia significante.

Para descrever os processos decorrentes da ausência da metáfora paterna, Lacan reafirma que a falta desse significante essencial resulta numa reação em cadeia, causando a desarticulação dos demais significantes. Mas deve-se levar em conta que, mesmo na condição de articulação dos significantes presente na estrutura neurótica, a possibilidade de comunicação é limitada pela interferência da própria linguagem, em sua passagem pelo campo dos significantes. Somente num momento mítico a demanda contida na mensagem passaria intacta pelo Outro, pois essa passagem requer a pressuposição de uma perfeita identidade e simultaneidade entre a manifestação da intenção do emissor e a ratificação do significante pelo Outro da linguagem, numa "coextensividade

¹³⁷ *Op. cit.*, p.583.

exata do desejo (...) e do significante".¹³⁸ Para que houvesse essa correspondência do desejo, seria preciso que a mesma mensagem se efetuasse tanto no sujeito como no Outro.

Esse momento inexistente porque, ao cruzar a linha dos significantes, o desejo é refratado pelos significantes e chega com um significado diferente do que tinha ao ser emitido. Isso quer dizer que, além de se manter como sede do código e tesouro dos significantes, o Outro intervém como sujeito, ratificando a mensagem dentro do código e acrescentando-lhe complicações. É nesse nível que se constitui a lei como tal, pois o Outro é capaz de acrescentar a si a mensagem, como um suplemento, "designando a si mesmo para além da mensagem".¹³⁹

O recurso para o endereçamento da mensagem está na palavra *tu*, ou *você*, que, por ser inaugural na história do sujeito, é o significante de apelo. É uma invocação que coloca o desejo do sujeito na dependência de um outro, convocando-o a se unir a esse desejo. Assim como nas invocações arcaicas, que tinham por finalidade atrair para seu lado o deus do inimigo, a invocação articulada pelo *tu* tem a finalidade de satisfazer à demanda e ao desejo. A invocação só se produz quando o desejo se articula à voz, e só se realiza através do *tu*.

Lacan ilustra essa idéia com a frase *Tu és aquele que me seguirás*, que contém uma mensagem de apelo porque suscita uma resposta, espera um *Sim*, *eu te seguirei*. Por outro lado, Lacan marca a diferença sutil da frase *Tu és aquele que me seguirá*, que não busca uma resposta e, por isso, não se apresenta como desejo nem como invocação, limitando-se a uma constatação. A satisfação da

¹³⁸ Lacan, J. (1957-58) *Les formations de l'inconscient*, p. 148.

¹³⁹ *Op. cit.*, p.150.

demanda, na medida em que depende do Outro, é mantida em suspensão no vai-e-vem da mensagem ao código e do código à mensagem, possibilitando que a mensagem seja autenticada pelo Outro.

A falta do significante do nome-do-pai impede esse ir e vir da mensagem ao código e do código à mensagem porque o circuito não se fecha. Essa falha do circuito só aparece no momento em que, por uma razão qualquer da vida do sujeito, o nome-do-pai é evocado para homologar a lei tal como se apresenta, autônoma. Se não há registro do significante fundante da lei, a palavra não pode ser integrada pelo sujeito ao movimento mensagem-código-mensagem. A palavra é levada pela própria inércia do significante a fazer um movimento de balança, apresentando um outro lado da significação que precipita o sujeito na psicose.

Na paranóia, é essa ausência de ligação entre a mensagem e o Outro que resulta na formação de vozes e outras alucinações. A mensagem não passa pelo *tu*, não encontra ratificação no Outro e fica interrompida em sua significação, pois lhe falta a idéia principal, como se pode observar no seguinte exemplo de um caso analisado por Freud:

Na *Análise de uma paranóia crônica*,¹⁴⁰ lemos que a Sra. P. é pessoa saudável até seis meses após o nascimento de seu primeiro filho, quando começou a apresentar sinais de desconfiança, aversão aos parentes e queixas dos vizinhos. Em breve apareceram delírios de observação e alucinações. A Sra. P. via mulheres nuas, ouvia vozes comentando suas atividades, às vezes entremeando censuras e ameaças. Depois de ouvir sua cunhada dizer a frase "Quando me acontece alguma coisa desse tipo, eu a trato com descaso", a suspeita de que todos a tratavam com desprezo deliberado transformou-se em certeza. No entanto, o que desencadeou essa certeza, segundo a Sra. P., não foi

o conteúdo, mas o *tom* da frase, que lhe pareceu conter uma censura, como se a acusasse de tratar coisas sérias com descaso.

Nessa análise empreendida por Freud em 1896, quando ainda tentava explicar a paranóia como resultante do recalque, o motivo do desencadeamento estaria no que foi dito pela cunhada *antes* da frase mencionada pela Sra. P.. Referindo-se a problemas com seus irmãos, a cunhada dissera: "Em toda família acontecem coisas sobre as quais se gostaria de pôr uma pedra. Mas quando uma coisa desse tipo me acontece, eu a trato com descaso".¹⁴¹ Esse comentário poderia ser associado a acontecimentos censurados da história pessoal da Sra. P., relativos a brincadeiras sexuais com seu irmão em determinado período da infância. A explicação estaria no recalque da idéia sexual intolerável:

Uma vez que recalcara ambas as afirmações que poderiam ter despertado a lembrança de suas relações com seu irmão e retivera apenas a última e insignificante afirmação, foi a esta que se viu obrigada a ligar seu sentimento de que a cunhada a estivera censurando; e já que o *conteúdo* não oferecia nenhuma base para isso, ela se voltara do conteúdo para o *tom* em que as palavras tinham sido proferidas. Essa é provavelmente uma evidência típica de que as interpretações errôneas da paranóia se baseiam num recalque.¹⁴²

Freud localiza o fator etiológico desse caso de paranóia na relação incestuosa com o irmão, mas sua descoberta mais importante é a origem das vozes, a princípio entendidas por ele como um retorno das experiências infantis. Uma reflexão mais minuciosa o leva à conclusão de que as vozes eram na verdade "*pensamentos* 'ditos em voz alta',"¹⁴³ procedentes de auto-acusações por eventos atuais associados às experiências infantis. Mas as vozes não faziam acusações diretas e se apresentavam como frases soltas com as alusões

¹⁴⁰ Cf. Freud, S. (1896) *Observações adicionais...*, pp.165 e ss.

¹⁴¹ *Op. cit.*, p.168.

¹⁴² *Op. cit.*, p.168.

e acusações formuladas pelo supereu. Lacan nos informa que o psiquiatra Ségla
foi o primeiro a notar que

... as alucinações verbais se produziam em pessoas em quem se podia perceber, com sinais muito evidentes em certos casos, e em outras observando-as um pouco mais atentamente, que elas próprias estavam articulando, sabendo ou não, ou não querendo sabê-lo, as palavras que elas acusavam as suas vozes de terem pronunciado. Isso constituiu uma pequena revolução, a de perceber que a alucinação auditiva não tinha sua origem no exterior.¹⁴⁶

Aprofundando as observações de Ségla e de Freud, Lacan sublinha que, no fenômeno psicótico, "o sujeito se fala com seu eu". Esse fenômeno não deve ser confundido com o fato banal de falar consigo mesmo, mas implica um registro diferente. Em consequência da formação imaginária do eu, abordada no estágio do espelho, a relação do sujeito normal com o seu eu é sempre ambígua, pois a idéia que ele tem de seu eu é inconstante e pode ser revogada. A alucinação verbal indica que o *sujeito* psicótico está totalmente identificado com o *eu* com quem ele fala, "o sujeito nos dois sentidos equívocos do termo, a inicial S e o *Es* alemão". Na voz alucinada que surge no real, Lacan identifica uma triplicidade no sujeito que "fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade."¹⁴⁷ Essa triplicidade é criada quando a palavra entre o sujeito e o Outro se interrompe e cria um "desvio pelos dois eus, *a* e *a'*, e suas relações imaginárias."¹⁴⁸

¹⁴⁶ *Op. cit.*, p.33. Lacan se refere à obra *Leçons cliniques sur les maladies mentales*, de Ségla, publicada em 1895.

¹⁴⁷ *Op. cit.*, p.23.

¹⁴⁸ *Ibid.*

2.6 OUTRAS OBSERVAÇÕES SOBRE A PARANÓIA

A teorização da paranóia pode ser vista por outros ângulos a partir das novas conceituações de Lacan, notadamente em 1964, com a proposta das operações constituintes do sujeito, a alienação e a separação,¹⁴⁹ e de 1972 em diante, com a introdução da teoria topológica e da suplência na psicose.¹⁵⁰ Os conceitos do nome-do-pai e da forclusão ainda são considerados fundamentais na teoria e clínica das psicoses, mas algumas contribuições dos seguidores de Lacan me parecem relevantes para o desenvolvimento de suas idéias iniciais.

Já vimos que o simbólico se define por incluir um vazio, inaugurado pela experiência do *fort-da*, isto é, a mãe se torna simbólica quando sua ausência é simbolizada. A metáfora paterna se instala a partir do primeiro vazio, com a simbolização inerente à presença-ausência, que aponta para o desejo da mãe. Esse vazio, sendo significante, produz um efeito de significado que é um enigma e, a seguir, o nome-do-pai inaugura a cadeia significante.

Colette Soler¹⁵¹ pensa a questão da forclusão em termos de uma gradação entre a esquizofrenia e a paranóia, conforme o nível de simbolização alcançado pelo sujeito. Na esquizofrenia, por falta de uma simbolização da ausência introduzida pelo *fort-da*, não se instala o reconhecimento do desejo da mãe (DM), ao passo que na paranóia o desejo da mãe se mantém como um enigma (x) não desvendado pela inscrição do nome-do-pai (NP). A introdução do

¹⁴⁹ Cf. Lacan, J. (1964) *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.193 ss. Essa teoria será abordada no próximo capítulo.

¹⁵⁰ A essas teorias, trabalhadas nos últimos seminários de Lacan, faço apenas esta menção, posto que um aprofundamento me levaria a um afastamento do tema principal.

¹⁵¹ Em palestra proferida na Jornada *Autismo e Esquizofrenia na Clínica da Esquize*, organizada pela Rede de Pesquisa do Campo Lacaniano e realizada no Hotel Glória, Rio de Janeiro, nos dias 2, 3 e 4 de julho de 1999.

nome-do-pai resultaria na neurose ou na perversão. Temos, portanto, as seguinte notações:

Esquizofrenia: DM_0 Paranoia: $\frac{DM}{X}$ Neurose: $\frac{DM}{X} . NP$

Desse modo, marca-se a diferença entre o significante *real*, presente na esquizofrenia, e o significante *no real*, que se manifesta na paranoia. Na esquizofrenia, a forclusão da simbolização primordial faz equivaler a palavra à coisa, de modo que todo simbólico é real. Na paranoia, nem todo simbólico é real porque a primeira fase de simbolização aconteceu. O rompimento da cadeia significante não é suficiente para que o significante apareça como *real*; isso só acontece quando há apenas *um* elemento da cadeia, que não basta para representar o sujeito. Na alucinação verbal, o significante retorna *no real*, o que permite dizer que, apesar do rompimento da cadeia significante, os dois elementos S_1 e S_2 continuam presentes.

Assim, Soler demonstra que a fórmula "o significante representa o sujeito para outro significante" não se aplica à esquizofrenia, mas é pertinente na paranoia, conforme a assertiva feita em 1976 por Lacan¹⁵².

Para Jacques-Alain Miller, o fato de Freud ter incluído Schreber na categoria de *demência paranoide* situa o caso entre a esquizofrenia e a paranoia, validando-o para as duas classificações psiquiátricas. No entanto, ele observa que a oscilação de Schreber entre um silêncio indicativo da "morte do sujeito"¹⁵³ e o regozijo na erotomania divina remetem à primeira fase de simbolização, comparável ao vai-e-vem de um *fort-da divino*.¹⁵⁴ Desta observação, pode-se

¹⁵² Cf. Lacan, J., "Ouverture de la Section Clinique", *Omicron?*, n. 9, p.12.

¹⁵³ Miller, J.-A. (1987) *Matemas I*, p.184.

¹⁵⁴ *Op. cit.*, p.187.

depreender sua concordância com Soler quanto à ocorrência de uma primeira simbolização na paranóia.

Determinado a não deixar que a teoria caia na estagnação, Miller propõe uma relativização da ausência da metáfora paterna como fundamento único das psicoses. A esse respeito, Miller denuncia que a terminologia psicanalítica lançada por Lacan foi disseminada de modo a gerar uma "vulgata lacaniana", em que um dos expoentes principais é a extrema relevância dada ao nome-do-pai na abordagem das psicoses. Ao mesmo tempo, ele reconhece que:

A "metáfora paterna" é uma solução elegante que articula a função do pai com a castração, repartindo-as nas duas vertentes, do significante e do significado: o significante do pai (nome-do-pai) e o significado do falo (o significante imaginário, negativizado na castração). No delírio de Schreber, precisamente, Deus e a ordem do mundo são duas coisas diferentes. O Outro de que se trata, o Outro divino, *não se identifica em absoluto com a lei, mas muito pelo contrário, com a desordem dessa lei.*¹⁵⁵

É importante ressaltar que Miller não nega a importância da idéia de foraclusão, mas se empenha em repensar sua preponderância, a começar pela indicação acima, de uma "desordem dessa lei", que aponta para o supereu em oposição ao nome-do-pai. Retomando a questão das psicoses à luz dos avanços teóricos, ele propõe uma "leitura retroativa" da obra lacaniana, destacando a conceituação do objeto *a* e a função do gozo nas psicoses.¹⁵⁶ Nesse sentido, penso que Miller está mais afinado com o pensamento de Lacan do que outros autores contemporâneos, que se limitam a levar em conta a primeira teoria lacaniana.

Na própria introdução à sua teoria topológica, Lacan admite não ter a última palavra sobre a paranóia e afirma: "A paranóia é um grude imaginário. É a

¹⁵⁵ *Op. cit.*, p.188 (o grifo é meu).

¹⁵⁶ *Ibid.*

voz que sonoriza o olhar que aí se faz prevalente, é um caso de congelamento de um desejo¹⁵⁷. Em outras palavras, trata-se da manifestação do supereu. Portanto, é na vertente da voz e do olhar que prossigo a investigação das relações do supereu com a paranóia.

¹⁵⁷ Lacan, J. (1975) *R.S.I.* (inédito), Seminário de 8 de abril.

3. A VOZ E O OLHAR

...foi em busca da sabedoria que Odin perdeu um olho, porque mirou a fonte do gigante Mimir, que brota sob a raiz da Árvore do Mundo, para beber a inspiração e o saber de suas águas. Outros dizem que Odin obteve a sabedoria porque preservou com ervas a cabeça de Mimir, que fora cortada, e entoou encantamentos até que ela falasse com ele e respondesse suas perguntas.

Ellis Davidson, *Scandinavian Mythology*

Vimos que a voz e o olhar enquanto objeto a são formas de manifestação do supereu mas, uma vez que o objeto a é um resto da operação de entrada na ordem simbólica, é preciso ter em mente a operação de constituição do sujeito para localizar o papel do supereu.

Como vimos rapidamente no capítulo anterior, para Lacan o sujeito se constitui numa ordem simbólica que o antecede. O ser humano nasce imerso num universo de linguagem preexistente a ele e, para se tornar sujeito, deve passar por uma operação que se dá em dois tempos lógicos: alienação e separação. Essa teoria foi apresentada por Lacan no artigo *Posição do inconsciente*¹⁵⁸ e aprofundada no seminário sobre *Os quatro conceitos da psicanálise*, onde é contestada a idéia hegeliana de uma completude do ser humano. Assim como a totalidade do eu não passa de um engodo imaginário, como vimos na conceituação do estágio do espelho, o sujeito, no registro simbólico, já se constitui numa divisão originária.

¹⁵⁸ Lacan, J. "Position de l'inconscient au congrès de Bonneval reprise de 1960 en 1964", *Écrits*.

3.1 O SUJEITO LACANIANO: ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

Conforme o momento da obra lacaniana e o ponto de vista adotado, o sujeito é conceituado de diversas maneiras. Percorrendo a obra de Lacan, o psicanalista americano Bruce Fink identifica “o sujeito do enunciado e da enunciação (ou sujeito falante), o sujeito do inconsciente, o sujeito como uma defesa, o sujeito como uma metáfora”.¹⁵⁹ Em qualquer dessas denominações, o sujeito lacaniano é o inverso do cartesiano. Enquanto Descartes faz coincidir o ser e o pensamento consciente, para Lacan o sujeito está para sempre dividido entre o ser e o pensar, entre o ser e o sentido, e não comporta um “Eu sou” cartesiano porque não há coincidência entre *sujeito* e *eu*. O sujeito está vinculado ao não-sentido e, no discurso, só aparece entre dois significantes.

Na concepção de Freud, o sujeito surge quando menos se espera, despontando nos atos falhos, sonhos e sintomas, com uma intencionalidade estranha à consciência. Lacan, em 1964, baseando-se na primazia da ordem simbólica, define o sujeito como aquilo que é representado por um significante para outro significante. Esse sujeito resulta de dois momentos interdependentes, contidos nas operações de alienação e separação, que pressupõem dois campos constitutivos: o campo do ser, onde está a pulsão, e o campo do Outro, que é o lugar do significante.

Em outras palavras, a criança nasce num mundo de significantes que não querem dizer nada para ela e que precisam ser decifrados.¹⁶⁰ O ingresso nesse mundo de significantes, ou ordem simbólica, significa que o sujeito só existe enquanto anulado pelo significante que passa a representá-lo, isto é, o sujeito não

¹⁵⁹ Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano*, p. 13.

¹⁶⁰ Lacan, J. “Position de l'inconscient...”, p. 840.

fala, mas *é falado*, é identificado por outros. Ao ganhar um nome, ao lhe ser atribuída uma qualidade, ele deixa de existir como *ser*, e passa a ser produzido pelo significante. É a isso que Lacan denomina alienação do sujeito no Outro.

Para visualizar o que decorre dessa primeira condição, Lacan utiliza a teoria dos conjuntos, demonstrando graficamente a esfera do sujeito, onde está o *ser*, e a esfera do Outro, onde está o *sentido*. Essas duas esferas se recobrem parcialmente, criando uma zona de interseção, de modo que, quando se opta por um dos campos, nem um nem outro sobra inteiro. O sujeito só pode aparecer como produto de uma divisão: ou produzido pelo significante no campo do sentido, ou eclipsado no campo do ser. Se a opção é pelo ser, o sujeito desaparece na ausência de sentido; se a opção é pelo sentido, o sujeito só subsiste na falta de ser.¹⁶¹

Portanto, quando o sujeito desaparece sob a barra do significante, se reduz a nada. Mas esse nada sustenta seu advento produzido pelo apelo, no Outro, a um segundo significante. Se o primeiro movimento é o desaparecimento do sujeito, causado pelo efeito da linguagem que constitui sua identificação, o segundo movimento, a separação, é promovido pelo desejo.¹⁶² A separação é decorrente da falta percebida no Outro, que o caracteriza como desejante, criando o desejo de preencher essa falta. No momento em que o sujeito deseja, se constitui também como faltante. É nessa acepção que, na operação de separação, a percepção da falta no Outro causa no sujeito o desejo de recobri-la com sua própria falta.

A precipitação para preencher a falta no Outro vem recobrir o não-sentido da própria existência do sujeito, unindo seu desejo ao do Outro na zona de

¹⁶¹ Lacan, J. (1964) *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.198ss.

¹⁶² Cf. Lacan, J. "Position de l'inconscient...", p.835.

interseção. O que o sujeito cobre não é o furo que ele encontra no Outro, e sim o da sua própria perda, que o constitui como desejante, e que promove sua divisão. Trata-se de uma torção, por meio da qual a separação representa o retorno da alienação, isto é, o sujeito se constitui na dependência do significante. Essa operação exige a própria perda do ser, e o reenvia ao Outro, ou seja, ao seu ponto de partida.¹⁶³

Na psicose, o sujeito permanece alienado no desejo do Outro. Isto quer dizer que, por não reconhecer a falta no Outro, não abre mão do *ser*. Em consequência, a verdade sobre o *ser* do sujeito será sempre atribuída ao saber do Outro. Na neurose, a separação expõe o vazio do próprio sujeito e o recobrimento da falta no Outro está fadado a ser uma mera tentativa que nunca se concretiza totalmente. O que ocorre na separação é formulado com especial clareza por Bruce Fink:

Esse momento percebível pela lógica (que em geral é muito difícil de isolar em qualquer momento cronológico específico da história de um indivíduo e que provavelmente exige muitos desses momentos para acontecer, cada momento se construindo sobre os outros anteriores) é um momento fundamental na metapsicologia de Lacan. Todos os elementos cruciais de sua álgebra — S_1 , S_2 , $\$$ e a — surgem simultaneamente aqui. Ao se instalar o S_2 , o S_1 é determinado retroativamente, o $\$$ é precipitado e o desejo do Outro assume um novo papel: aquele do objeto a .¹⁶⁴

Chegamos assim ao que interessa com relação ao supereu, isto é, suas relações com o objeto a , que, ao ser extraído, permanece como um resto do desejo do Outro. É por derivar do desejo do Outro, isto é, dos pais, que o objeto a será causa de desejo para o sujeito. Como vimos na exposição do complexo de Édipo, o que provoca o desejo da criança não é a demanda, e sim o desejo da mãe, ou do Outro materno. O olhar e a voz da mãe, anteriores ao nascimento da

¹⁶³ *Op. cit.*, p.844.

criança, prevalecem em toda a história do sujeito como causa de desejo, como formas do objeto a.

3.2 VOZ E PALAVRA

A concepção da voz e do olhar como objetos, também mencionada pela primeira vez no texto *A posição do inconsciente*, é desenvolvida no Seminário *A angústia*.¹⁶⁵ Nesse seminário, Lacan observa que a voz e o olhar desmentem as teorias desenvolvimentistas pelo fato de não ser possível situar sua prevalência, ao contrário dos objetos oral e anal, em qualquer etapa do desenvolvimento libidinal.

A voz como resto é ilustrada por Lacan com a passagem bíblica em que Deus ordena a Abrão que sacrifique seu filho Isac. Quando o patriarca está prestes a cumprir o mandado, recebe uma contra-ordem divina trazida por um anjo que lhe imobiliza o braço, permitindo que o filho seja trocado por um cordeiro. Uma vez sacrificado, o cordeiro é inteiramente consumido pelos presentes — a carne é comida, a lã é curtida e dele só resta o chifre. Mas nem este se perde, pois dada a importância de sua origem, torna-se instrumento de som nos ritos hebraicos. É chamado *shofar*. Emissor de som ritual, transcende a função de simples instrumento musical, pois sustenta a renovação do pacto entre Deus e os homens. É ao som do *shofar*, resto e atualização do sacrifício, que Lacan compara a voz enquanto objeto a. A função ritual do *shofar*, repetindo o mesmo som a cada vez que se encena algo que lembra o momento do pacto,

¹⁶⁴ Fink, B. (1998) *O sujeito lacaniano*, p.81-2.

¹⁶⁵ Cf. Lacan, J. (1962-63), *L'angoisse*, (inédito), 22 de maio de 1963.

permite também compará-lo ao supereu imperativo na função de operador da compulsão à repetição.

A história de Abraão é retomada por Bernard Nominé como metáfora das relações entre supereu, ideal do eu, voz e palavra. Nominé assinala que ideal do eu e supereu se separam no final da obra de Freud, quando, em *O mal estar na civilização* "Freud se dá conta de que, se o ideal do eu serve a Eros, o supereu, por sua vez, serve a Tanatos".¹⁶⁶ Associando essa constatação à observação de J.-A. Miller, de que o fato de haver mal estar na civilização significa "que há Tanatos em Eros", sua conclusão é de que "há supereu no ideal do eu".¹⁶⁷ Lacan já havia observado que o ideal do eu é exaltante e o supereu é coercitivo, pois tem relação com a lei, mas com uma lei insensata que se reduz a um *tu deves*.¹⁶⁸ Essa lei insensata é decretada quando o sujeito se submete à lei do significante, num momento tão inicial que a palavra ainda não tem sentido, ou seja, na operação de alienação.

O sacrifício de Isac é tomado como exemplo por excelência de submissão à ordem do supereu. No entanto, podemos encontrar na história de Abraão um evento anterior que, entendido como uma parábola, põe em cena as relações do supereu com a castração e a atividade do ideal do eu. Vejamos a história:

Segundo o livro do *Gênesis*, muito antes do nascimento de Isac, a vida de Abrão já era pontuada por pactos com Deus. Sempre temente ao Senhor, fora recompensado com a prosperidade por sua obediência irrestrita e já era idoso quando Deus lhe apareceu e disse:

Eu sou o Deus onipotente, anda em minha presença e sê perfeito. E eu farei aliança entre mim e ti, e (...) não mais serás chamado com o nome de

¹⁶⁶ Nominé, B. (1997) "La voz y el superyó", *La voz*, p.25.

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ Lacan, J. (1953-54) *Os escritos técnicos de Freud*, p.123.

Abrão, mas chamar-te-ás Abraão, porque te destinei para pai de muitas gentes. (...) Eis o meu pacto, que haveis de guardar (...): Todos os homens entre vós serão *circuncidados*. (...) E este meu pacto (será marcado) na vossa carne para (sinal de) aliança eterna.¹⁶⁹

Evidentemente, a ordem foi acatada e Abraão e todos os homens de sua casa foram circuncidados no mesmo dia. Tomando esse episódio como metáfora do complexo de Édipo, vemos Deus enunciar aqui três termos referentes às relações do supereu. O primeiro é a onipotência atribuída ao pai (encarnado no Outro divino) como aquele capaz de barrar a mãe e detentor do poder de castração. O segundo aparece na exigência de perfeição, que reúne num só movimento o supereu coercitivo e o ideal do eu exaltante. O terceiro está na aceitação da castração, representada pela circuncisão, como prova de submissão à interdição paterna.¹⁷⁰

A troca de nome de Abrão para Abraão se dá ao preço do sacrifício do gozo, ou de uma parte do ser gozante, recompensado por uma significação — de pai do povo eleito — dada por Deus. A concepção lacaniana do nome-do-pai e da assunção da função paterna também podem ser vislumbradas nesse momento em que Abrão passa a ser Abraão, o patriarca. Pode-se dizer que esse sacrifício do gozo em benefício do significante vale como metáfora da operação de constituição do sujeito proposta por Lacan.

Na visão de Nominé, a resposta de Abraão ao firmar o pacto parte do ideal do eu, manifestando "a ordem insensata do supereu [coercitivo] e a resposta do lado do ideal do eu [exaltante]".¹⁷¹ Da mesma forma, quando mais tarde Deus

¹⁶⁹ *Gênesis*, 17:1-2; 5, 10, 13 (o grifo é meu).

¹⁷⁰ Como vimos particularmente bem colocado na concisa exposição de Freud (1924) sobre o complexo de Édipo, citada no capítulo anterior, sessão 2.3. Este tema é trabalhado por Lacan no Seminário *A angústia* e também em *Os nomes do pai*.

¹⁷¹ Nominé, B., *op. cit.*, p.27.

ordena a Abraão que sacrifique seu filho único¹⁷² e muito amado, o patriarca obedece sem questionar, confirmando a aliança que inclui todo o seu povo.

Sendo firmado pela palavra, o pacto acontece no lugar do Outro, isto é, no campo da linguagem. A ordem de Deus surge como o supereu imperativo, e a resposta de Abraão ilustra "o paradigma da ordem insensata: crer sem restrições na palavra do Outro para ser reconhecido como ideal. O ideal do eu é a resposta que vem depois da ordem insensata que manda sacrificar seu objeto de gozo".¹⁷³

A distinção entre palavra e voz se destaca com maior nitidez no episódio da renovação da aliança entre Deus e o povo judeu. Segundo o livro do *Êxodo*, nessa ocasião Moisés subiu a montanha para se encontrar com Deus...

...e eis que começaram a ouvir-se trovões, e a fuzilar relâmpagos, e uma nuvem muito espessa cobriu o monte, e o som duma trombeta [o *shofar*] atroava muito forte; e o povo que estava no acampamento atemorizou-se. E quando Moisés os conduziu ao encontro de Deus, pararam nas fraldas do monte. E todo o Monte Sinai fumegava porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio do fogo, e dele, como duma fomalha, se elevava fumo, e todo o monte causava terror. E o som da trombeta [*shofar*] ia aumentando pouco a pouco, e se espalhava mais ao longe. E Moisés falava e Deus respondia-lhe.¹⁷⁴

A tradução da voz de Deus resulta nos dez mandamentos da tradição cristã, ou dez palavras da tradição judaica. Intermediário entre Deus e os homens, Moisés foi o encarregado de traduzir em palavras a voz de Deus, cujo som seria um perigo mortal para os homens comuns. Também como intermediário está o som do *shofar*, que ecoa para estabelecer a fronteira entre os homens e a voz aterrorizante de Deus.

¹⁷² Na verdade, Isac não era o único filho de Abraão pois anos antes, estando sua esposa Sara convencida de não poder conceber, ofereceu ao marido sua escrava Agar para que ele não morresse sem deixar descendentes. Dessa união nasceu Ismael. Mas quando Sara, já idosa, obteve a graça divina de dar à luz Isac, expulsou Agar e Ismael de casa.

¹⁷³ Nominé, B., *op. cit.*, p.26. Essa observação de Nominé sugere que o supereu precede o ideal do eu, idéia que será discutida nas Considerações Finais.

¹⁷⁴ *Êxodo*, 19:16-19.

A história da aliança, que representa o pacto da palavra, permite situar a palavra do lado da lei (nos mandamentos) e a voz no som do *shofar*. Assim como o som do *shofar* é um resto do sacrifício (dizem que seu som lembra o berro do animal morrendo) que continua a ter uma função nos rituais, também a voz é um resto de um tempo em que o som era privado de sentido, mas cuja função é indissociável do sujeito. Dito de outra maneira, o som do *shofar* metaforiza a voz enquanto objeto a.

Resumindo a fase inicial da operação constitutiva do sujeito, Nominé lembra que a cadeia significante designa o ser, embora não tenha para ele sentido algum. Para que adquira sentido, é preciso que o Outro entre como a possibilidade de dar significado à cadeia. À luz da metáfora da aliança de Deus com o povo judeu, a formação do ideal do eu tem início no momento do pacto, quando

...o sujeito que tem a intenção de se fazer escutar deve interiorizar a lei da linguagem, o que implica que sacrifique uma parte de seu ser gozante. O Outro, em compensação, gratificará o sujeito com uma significação devolvida a seu primeiro significante. (...) O sujeito se apodera dessa significação como se fosse um tesouro precioso, apropria-se dele para sua identificação ideal: aqui está o ideal do eu.¹⁷⁵

Nessa perspectiva, Nominé associa a noção de *resto* desenvolvida por Lacan ao trecho em que Freud afirma, na *Conferência XXXI*, que "o supereu é portador do ideal do eu e também que o ideal do eu é o precipitado da antiga representação dos pais".¹⁷⁶ Considerando que um precipitado resulta de uma reação química, esta reação seria a operação do Outro primordial sobre o ser, da qual ficam dois restos: por um lado, resta o ideal do eu freudiano e, por outro lado, resta a voz tal como vista por Lacan. A proposta de Nominé é considerar o

¹⁷⁵ Nominé, B., *op. cit.*, p.30.

supereu como uma "tendência que exige que não haja restos, de modo que a meta do supereu seria agregar a voz ao significante ideal" [do eu].¹⁷⁷ Entretanto, contrariando essa exigência superegóica, há sempre um resto inassimilável pelo Outro, que é essencial na constituição do desejo.

A estrutura do Outro pressupõe um vazio, ou uma fenda, onde ressoa a voz, que é do Outro e também do sujeito. Nas palavras de Nominé, "a voz é um objeto *a* para o sujeito, na medida em que condensa a parte de seu ser que não tem significação no Outro." Mas se o resto é o que faz supor que tenha havido um pacto do sujeito com o Outro, esse resto é atribuído ao Outro e é por isso que a voz ressoa no vazio. A voz não pertence nem ao sujeito, nem ao Outro, mas fica na interseção, como "paradigma do que Lacan chama de objeto de separação".¹⁷⁸ Aí está a voz como objeto *a*. Na psicose, a voz não extraída do campo do Outro leva o sujeito a crer que o Outro responde a tudo e o supereu se faz ouvir no real.

3.3 A VOZ E AS VOZES

O aprofundamento trazido por Lacan ao tema da voz e do olhar abriu maiores possibilidades de investigação do supereu nessas dimensões. Sua exposição no Seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* amplia a dimensão do estágio do espelho com a observação de que o sujeito se vê se vendo. A relação especular de "ver-se vendo-se" suporta as identificações imaginárias, posto que o espelho dissimula a distinção entre a visão e o olhar. Essa distinção separa a visão, que designa o órgão visual, do "olhar, seu objeto

¹⁷⁶ *Apud* Nominé, *ibid.*

¹⁷⁷ *Op. cit.*, p.31.

¹⁷⁸ *Op. cit.*, p.32 (o grifo é meu).

imane onde se inscreve o desejo do sujeito, que não é órgão nem função biológica." Na diferenciação entre o olhar e a voz enquanto objetos, porém, o "espelho é necessário para ver a si mesmo, ao passo que ouvir a si mesmo" prescinde de intermediação porque "já está presente no mais íntimo da subjetividade".¹⁷⁹

Já vimos que o olhar é objeto *a*, aquilo de que o sujeito se separou para poder se constituir. No registro escópico, o olhar é exterior ao sujeito, pois o que determina o sujeito no campo do visível é o olhar que vem de fora. "O objeto *a*, no campo do visível, é o olhar".¹⁸⁰ Lacan ilustra a separação entre o olho e o olhar com a imagem de um ruído de folhas pisadas alertando o caçador para o fato de que está sendo observado. Essa situação exemplifica a sonorização de um olhar que não é visto, mas escutado,¹⁸¹ demonstrando que o olhar independe do olho.

Tomando o modelo da antinomia entre a visão e o olhar, o ouvido é destacado da voz. O som pode ser distinguido do sentido. A entonação, embora participe do sentido, é diferente da palavra, mas a voz como objeto *a* não pertence ao registro sonoro, é afônica. Prova disso é a alucinação verbal, onde a voz não soa.¹⁸² No entanto, segundo Miller,

Há sem dúvida um paradoxo aí, porque os objetos chamados *a* somente concordam com o sujeito do significante quando perdem toda a substancialidade, na condição de estarem centrados por um vazio: o da castração. Enquanto oral, anal, escópico, vocal, os objetos rodeiam um vazio e é por isso que o encarnam de diversas formas. Isso quer dizer que cada um desses objetos está especificado por uma certa matéria, mas está especificado por essa matéria enquanto vazia. É por isso que, de fato, o objeto *a* é para Lacan uma função lógica, uma consistência do corpo sob a forma de diversos desejos. Portanto é fundamental um critério para atribuir

¹⁷⁹ Miller, J.-A. (1997) "Jacques Lacan y la voz", *La voz*, p.12.

¹⁸⁰ Cf. Lacan, J. (1964) *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, p.84.

¹⁸¹ *Op. cit.*, p.103.

¹⁸² Note-se que, por considerar que a voz é independente do ouvido, Lacan não usa o termo alucinação *auditiva*, consagrado pela psiquiatria, mas alucinação *verbal*.

aos objetos essa letra *a*. Esse critério pode ser dito nos termos do Homem dos Lobos: trata-se de uma coisinha separável do corpo.¹⁸³

O objeto *a* seria como "uma coisinha separável do corpo". Nos fenômenos paranóicos, o olhar e a voz se manifestam numa forma separada do corpo, exterior ao sujeito, haja vista os delírios de observação, caracterizados pela presença do olhar no exterior.

Para Miller, a voz é uma instância que se inscreve como um terceiro termo entre a função da palavra e o campo da linguagem. A palavra confere um sentido às funções do indivíduo, posto que reúne significado e significante, mas essa reunião implica um terceiro termo, que é a voz. "...não podemos falar sem voz, portanto, podemos inscrever no registro da voz o que constitui resíduo, resto da subtração do significante".¹⁸⁴ A voz é tudo aquilo que não participa do efeito de significação.

A voz não é a palavra e não faz parte do falar. Certamente guarda um parentesco com a entonação e suas modalidades, mas *não* é a entonação, que é carregada de sentido, pois a posição da voz é fora do sentido. A voz é uma função da cadeia significante enquanto tal, isto é, não somente a cadeia falada mas também escrita e lida. "O ponto crucial da voz é que a produção de uma cadeia significante (...) não está ligada a qualquer órgão do sentido".¹⁸⁵ A voz, que se manifesta silenciosamente na neurose como voz da consciência, retorna na paranóia como voz alucinada. Na alucinação verbal ocorre um esboço de movimentos fonatórios, geralmente imperceptíveis, cujo efeito alucinatorio a psiquiatria atribui ao fato de o sujeito estar acometido por um desconhecimento de

¹⁸³ Miller, J.-A. (1997) "Jacques Lacan y la voz", *La voz*, p.13.

¹⁸⁴ *Op. cit.*, p.14.

¹⁸⁵ *Op. cit.*, p.16.

sua própria atividade. Nessa acepção, o sujeito é visto como constituinte e produtor da alucinação.

Mas, na perspectiva estrutural de Lacan, o sujeito não é visto como constituinte, e sim constituído pela cadeia significante, o que dá primazia à cadeia e à sua estrutura. A esse respeito, Miller sublinha que "a voz é uma dimensão de toda cadeia significante, na medida em que uma cadeia enquanto tal — sonora, escrita, visual, etc. — traz aparelhada uma designação subjetiva (...) que não é unívoca". Isso significa que uma cadeia significante atribui vários lugares subjetivos, de modo que "toda cadeia significante tem diversas vozes — o que efetivamente coloca em equivalência a voz e a enunciação".¹⁸⁶

Na paranóia, o rompimento da cadeia redundando na expulsão do significante que designa o sujeito. Arrancado da cadeia, o significante da designação subjetiva não é reconhecido como partindo do sujeito e é atribuído ao Outro. No clássico exemplo utilizado por Lacan, da mulher que dizia ter sido chamada de "porca" pelo vizinho,¹⁸⁷ é a carga afetiva da palavra "porca", não integrável à cadeia significante que opera a ruptura da cadeia e o aparecimento do significante no real.

A esse respeito, Miller acusa novamente a "vulgata lacaniana" de reducionismo da psicose à forclusão do nome-do-pai, e aponta outras relações da voz alucinada com a ordem simbólica e com o gozo:

Por isso Lacan chama de voz a um efeito de forclusão do significante, que não é redutível de modo algum, como queria a *vulgata*, à célebre forclusão do nome-do-pai. Na medida em que um pedaço da cadeia significante, quebrada pelo que chamamos no momento de "carga libidinal", não pode ser assumida pelo sujeito, passa para o real e é atribuída ao Outro. A voz aparece em sua dimensão de objeto quando é a

¹⁸⁶ *Op. cit.*, p.18.

¹⁸⁷ Cf. Lacan, J. (1957-58) "De uma questão preliminar...", p.534, *apud* Miller, *op. cit.*, p.18.

voz do Outro. (...) A voz é a parte da cadeia significante impossível de assumir pelo sujeito como 'eu' e que se atribui subjetivamente ao Outro.¹⁸⁸

Em outras palavras, as vozes da alucinação estão implícitas na cadeia significante na medida em que surgem, como gozo do Outro, no lugar em que o elemento que designa o sujeito é arrancado por força do rompimento da cadeia. No exemplo dado por Lacan, o significante excluído produz um efeito de significação, que é da ordem da injúria. A carga libidinal do termo "porca" implica uma carga de gozo que não se integra à cadeia. Assim, a voz aparece no lugar em que o significante se tornou indizível, e é a isso que Lacan chamou *gozo-a-mais*. Miller ressalta que somente a castração deixa o sujeito surdo às vozes que o psicótico é capaz de ouvir, pois a voz já está presente desde o momento em que se define a posição do sujeito na cadeia significante. Dado que a "cadeia está sempre em relação com o objeto indizível", isto é, com o objeto a, "a voz é exatamente o que não se pode dizer."¹⁸⁹

No entanto, toda cadeia significante é uma invocação. O sujeito se vale do significante para responder ao Outro, mas também espera que a voz do Outro lhe diga o que acontecerá com ele, o que será dele e o que ele é. Nesse sentido, pode-se dizer que o psicótico, ao mesmo tempo que é objeto, está livre do Outro porque a voz já está com ele e o Outro já lhe respondeu. Quem se inscreveu na castração está sempre pedindo uma resposta vinda da voz do Outro. "A voz existe porque o significante gira em torno do objeto indizível. E a voz como tal emerge cada vez que o significante se quebra..."¹⁹⁰ A voz habita a linguagem, mas a condição de seu surgimento é a ameaça do aparecimento daquilo que não

¹⁸⁸ Miller, J.-A. (1997) *La voz*, p.19 (o grifo é meu). Miller observa que usa aqui o termo *libido* em equivalência a gozo, que escapa à cadeia significante.

¹⁸⁹ *Op. cit.*, p.20.

¹⁹⁰ *Ibid.*

se pode dizer. Se falamos, cantamos, fazemos e ouvimos música, é para calar a voz como objeto *a*.

Miller articula o objeto *a* com a voz e o olhar mediante uma analogia.¹⁹¹ Como vimos, em consequência da operação de alienação e separação, o objeto *a* é extraído do campo do Outro. Levando em conta que a extração do objeto *a* é que constitui a fantasia e sustenta o campo da realidade, Miller recorre à imagem de uma máquina fotográfica numa paisagem, observando que aquilo que não aparece no campo focalizado pela câmera é precisamente o ponto *extraído* da paisagem, ou seja, é justamente o ponto de vista, pois o ponto de onde se olha não é visto. Esse ponto que não é visível, e que por isso mesmo sustenta o recorte do campo, ilustra a concepção do objeto *a*. Na paranóia, “o olhar se torna visível precisamente porque não é extraído do campo da realidade como objeto *a*”.¹⁹² A extração do objeto *a* é apenas mais um nome da castração, cuja ausência de inscrição deixa ecoando no exterior a voz do supereu.

3.4 O OLHAR E A PALAVRA

O enfoque bem humorado e poético de Alain Didier-Weill põe em cena jogos de olhares e palavras para falar de três tempos do supereu, ou três supereus, no advento do sujeito. A abertura de sua *Introdução* dá o tom e a direção do texto:

As três batidas que, dos bastidores, anunciam a entrada iminente da palavra em cena nos advertem sobre a vinda de uma palavra prestes a ser dita por um sujeito, sendo predita por um espírito batedor que bate três vezes. (...) por que, de fato, essa voz do Outro cuja vocação é supor a

¹⁹¹ Miller, J.-A., (1987) "Mostración en Premontré", *Matemas I*.

¹⁹² *Op. cit.*, p.172-3.

existência de um sujeito falante, deve acontecer três vezes para que o sujeito que ela chama possa advir?¹⁹³

O espírito batedor invoca o supereu, que se apresenta primeiro como proibição: "Nem uma palavra!"¹⁹⁴ Se obedecida, essa ordem mantém a alienação, soterrando o sujeito para sempre sob o simbólico. A título de ilustração, sua abordagem inclui a anedota do louco que julgava ser um grão de trigo. Depois de muitos anos de tratamento, o louco recupera o juízo e, numa última sessão com o psiquiatra, reafirma sua convicção de que ele é um homem e toda a história de grão de trigo não passava de um delírio. Recebe alta, despede-se de todos vai embora. Mal transpõe o portão do hospital, porém, se depara com uma galinha e volta correndo, pedindo para ser reinternado. O psiquiatra se espanta: "Mas você acabou de me dizer que sabe muito bem que não é um grão de trigo..." Ao que o louco responde: "Eu sei! Mas será que a galinha sabe?"

Essa historietta tem o valor de uma alegoria do supereu arcaico que, encarnado no Outro, proíbe ao sujeito o acesso à palavra, detendo-o sob um olhar que lhe parece dizer: "Cale-se! Você não passa disso!", podendo significar "um idiota, insignificante, inútil" ou qualquer outro enunciado que o reduza a quase nada. É o imperativo categórico da maldição, do mau-olhado, reduzindo o sujeito ao silêncio. Se o sujeito não tem possibilidade de contradizer o mando superegóico, este se expressa por uma série de enunciados cujo ponto em comum aparece como um saber absoluto sobre o "ser" do sujeito. O sujeito vive no gozo mortífero de encarnar esse "ser" maldito, amaldiçoado pelo dizer superegóico.

Nada impede que o sujeito conteste, pois ele sabe que *não* é apenas isso. Contudo, ele se cala. Embora tenha acesso à palavra, é incapaz de dizê-la na

¹⁹³ Didier-Weill, A. (1997) *Os três tempos da lei*, p.33.

presença superegóica. O que institui esse poder superegóico é a encarnação, ou melhor, uma encenação de "um saber absoluto sobre aquilo que é real no sujeito, isto é, sobre aquilo do sujeito que se subtrai ao reino do significante, levantando a questão da verdade".¹⁹⁵

A dificuldade de assumir essa verdade está em que o sujeito precisa ao mesmo tempo dizer *sim* ao que há nele de mais real (sou apenas isso) e dizer *sim* ao que contradiz esse real (*não sou apenas isso*). Se concordar com essa dupla afirmação, o sujeito é ao mesmo tempo *isso* e *não apenas isso*. Nesse ato, o sujeito "assume sua divisão de ser falante cujo dizer nunca poderá ser mais que um semi-dizer do que chamamos a verdade". Através dessa verdade *não-toda*, seu dizer transmite "o real humano enquanto contrário da verdade".¹⁹⁶ O supereu tende a nos reduzir univocamente ao real (apenas isso). Dissociados, o *sim* à verdade (*não apenas isso*) e o *sim* ao real (*isso*) não são verdadeiros *sim*. A diferença está em *ser mesmo* isso ou aceitar também *existir como* isso. Sem assumir o fato de existir também *enquanto isso* para *ser apenas isso*, objeto de gozo do supereu, o sujeito não pode dizer um verdadeiro *sim* nem um verdadeiro *não* ao perseguidor. O "nem *sim* nem *não*" é testemunha de um silêncio que não sucede a uma palavra, mas precede a palavra. A impossibilidade de dizer "Não, não sou apenas isso" corresponde à completa alienação.

Um primeiro passo na direção da separação é possível diante do segundo supereu que, enquanto censura, diz: "Não insista! Você disse uma palavra, mas não dirá a segunda". A essa exortação intermediária do supereu, o sujeito pode

¹⁹⁴ *Op. cit.*, p.41.

¹⁹⁵ Didier-Weill, *op. cit.*, p.43. A esse respeito, Ana Rudge observa que, na verdade, não há como saber sobre o ser do sujeito pois, nesse nível, não há "ser" nem "sujeito"; o alienado é tão somente falado, é o que se diz dele. Isto se insere na discussão que já mencionei, sobre a incidência ou não de *Bejahung* na psicose.

¹⁹⁶ *Op. cit.*, p.44.

responder *sim-não*. Para ilustrá-la, Didier-Weill aponta a diferença de posição subjetiva acusada por um chiste ou um lapso.

No chiste, o sujeito se autoriza a falar, e ri; no lapso, não se autoriza, e se envergonha. Há uma escolha, por parte do sujeito, entre *não ser* desvelado por um lapso ou *ser* desvelado por um chiste. A diferença entre o lapso e o chiste se verifica também na resposta, conforme o Outro responde com um olhar (de desprezo) ou com a escuta (patente no riso). O lapso provoca um olhar de desprezo que implica um "Cale-se!" e suscita a vergonha. Assim, diante da proibição do primeiro supereu, o silêncio antecede a palavra; diante da censura, o silêncio sucede à palavra.

Para o sujeito, são dois modos de se desvelar. Tanto o lapso como o chiste expõem a divisão do sujeito mas, enquanto autor de sua palavra, o sujeito se autoriza a falar no chiste, e não se autoriza no lapso. Se o sujeito, ao tomar a palavra, consente em ficar sob a autoridade do olhar de desprezo, não se autoriza a transgredir o olhar que lhe diz: "Você vai gaguejar, vai falhar. Cale-se."

Portanto, a assunção da palavra depende da escolha que o sujeito faz entre aquilo que o incita a falar e a força do olhar que manda se calar. O olhar de desprezo não se dirige ao desejo, mas sim ao desejo não assumido que se insurge em forma de lapso. O lapso desnuda a "insinceridade interna",¹⁹⁷ entendida por Didier-Weill como efeito do fracasso imposto pela censura, não à existência, mas à insistência do desejo.

¹⁹⁷ Essa expressão é usada por Freud em *A psicopatologia da vida cotidiana*, p.87: "Quanto mais 'nervosas' são duas pessoas, mais elas se dão motivos para desentendimentos cuja responsabilidade é tão terminantemente negada por cada uma em relação a si mesma quanto é considerada certa em relação à outra. E esse é sem dúvida o castigo pela insinceridade interna das pessoas, que só a pretexto do esquecimento, dos equívocos na ação e da não-intencionalidade expressam impulsos que melhor seria admitirem para si mesmas e para os outros quando já não podem controlá-los" (o grifo é meu). Reconhecemos aqui o supereu governando certos atos falhos e sintomáticos da vida cotidiana.

A assunção ou não da palavra está referida à escolha entre a alienação ou a separação. Na original concepção de Didier-Weill, é o silêncio inicial que marca a "diferença radical" entre o supereu mais arcaico do neurótico e o supereu do psicótico:

...o supereu psicótico nos parece ser o efeito de uma forclusão patogênica ligada à história própria de um sujeito ao qual não foi transmitido, por conta de uma certa perversão da função de transmissibilidade que cabe aos ascendentes, o significante do nome-do-pai, enquanto que o supereu arcaico do neurótico — tal como encenado no roteiro do louco e da galinha — nos aparece como sendo o efeito de uma forclusão não patogênica, mas estrutural, que introduz no dizer a dimensão do amaldiçoar.¹⁹⁸

Creio que o autor não quer dizer com isso que um sujeito neurótico sairia correndo por temor de ser engolido por uma galinha. O que ele assinala aqui é a arbitrariedade de um supereu primordial, que não pressupõe desafio ou confronto, mas admite uma escapatória por parte do sujeito. A distinção, qualificada de "radical", está referida à escolha inconsciente da neurose, de que fala Freud, à qual Didier-Weill vincula uma forclusão estrutural. A idéia de forclusão primordial na constituição do sujeito foi exposta por Lacan num de seus últimos seminários, já na vigência da teoria dos nós,¹⁹⁹ mas Didier-Weill situa sua origem na articulação entre duas passagens da obra de Freud. A primeira é retirada de *Totem e tabu*.

A consciência é a percepção interna da rejeição [*Verwerfung*] de um determinado desejo a influir dentro de nós. A ênfase, contudo, é dada ao fato de esta rejeição não precisar apelar para nada mais em busca de apoio, de achar-se inteiramente "certa de si própria". Isto é ainda mais

¹⁹⁸ Cf. Didier-Weill, (1997) *Os três tempos da lei*, p.63.

¹⁹⁹ Cf. Pequeno, A. A. (2000): "...para além da forclusão do nome-do-pai na psicose, passa a ganhar peso a noção de uma forclusão generalizada, que operaria em todos os sujeitos. No Seminário 23, Lacan alude a uma modalidade de forclusão mais radical do que a forclusão do nome-do-pai". *Sujeito e psicose*, p.112. (O grifo é meu.)

claro no caso da consciência de culpa — a percepção da condenação interna de um ato pelo qual realizamos um determinado desejo.²⁰⁰

Na perspectiva da teoria lacaniana, Didier-Weill afirma que se trata da "consciência angustiante de uma forclusão primordial do pai, que, enquanto significante foracluído do simbólico, retorna no real como percepção interna desse algo de *déjà-vu* que é o olho da consciência".²⁰¹

A segunda passagem é retirada de *O narcisismo*, onde Freud afirma que o delírio de ser vigiado aparece como sintoma na paranóia e, ocasionalmente, nas neuroses de transferência.²⁰² Reunindo esse dois trechos, Didier-Weill propõe uma fraternidade de estrutura entre a neurose e a psicose, tendo como ponto nodal o olhar superegóico, que se manifesta como olho da consciência na neurose e como "alucinação delirante" na paranóia.²⁰³

Nesse sentido, a história da galinha é uma retomada alegórica, ou poética, da questão freudiana da escolha da neurose.²⁰⁴ Não esquecendo que o supereu é parte do sujeito do inconsciente, o que o autor enfatiza é a resposta à primeira injunção superegóica, que pode ser traduzida por uma exigência de mutismo e imobilidade. Na neurose, o sujeito escapa a essa injunção pela via da assunção simbólica. A psicose implica na alienação, que nos remete, mais uma vez, às operações de emergência do sujeito. Outra passagem de Didier-Weill pode ajudar a elucidar esse ponto:

O sujeito, dilacerado entre um mandamento superegóico que diz: "Renegue-se!", e um mandamento simbólico que significa: "Torne-se!", é o lugar de uma deliberação que o pressiona a uma escolha entre o ser e a

²⁰⁰ Freud, S. (1912) *Totem e tabu*, p.90.

²⁰¹ Didier-Weill, A. (1997) *Os três tempos da lei*, p.86.

²⁰² Trecho citado na sessão 1.1, referente a *O narcisismo*, p.112.

²⁰³ Didier-Weill, *op. cit.*, p.85.

²⁰⁴ Didier-Weill desenvolve esse ponto na mesma obra citada, 168-70.

existência: ou escolherá "ser" o que está do lado de cá da palavra, ou escolherá existir pela palavra.²⁰⁵

Se consideramos a neurose como resultante de uma forclusão estrutural, e a psicose resultante de uma forclusão patogênica, a distinção introduzida por esses dois tipos de forclusão se manifesta em dois tipos de reação ao olhar do supereu. O psicótico fica petrificado sob o olhar superegóico da Medusa, um olhar sem esperança, da ordem do real. O neurótico, tendo acedido ao simbólico, pode se subtrair a esse olhar e, nos patamares seguintes do mandamento do supereu, se autorizar a falar.

A meu ver, na alegoria da galinha e o grão de trigo, a diferença da posição do sujeito frente ao supereu tem parentesco com a idéia de gradação entre a esquizofrenia e a paranóia, conforme a visão de Colette Soler.²⁰⁶ O paranóico fica sob o jugo do olhar superegóico, mas, por ter alcançado um primeiro nível de simbolização, será capaz de não se deixar imobilizar, enquanto o esquizofrênico talvez não possa fugir. Um exemplo clínico seria o estupor, ou a catatonia, que às vezes acomete o esquizofrênico e não ocorre na paranóia. Nas palavras de Didier-Weill,

Essa possibilidade de ruptura testemunha que a continuidade monstruosa estabelecida entre o silêncio do grão de trigo e o olhar fascinante permanece de fato sob o ascendente de um significante instaurador de uma possível descontinuidade entre a face maldita do sujeito e essa face amaldiçoante do Outro, que é o mau-olhado.²⁰⁷

O olhar se presta especialmente à condenação superegóica, na feição do mau-olhado que despoja "o sujeito daquilo de que ele ignorava estar provido

²⁰⁵ *Op. cit.*, p.208-9.

²⁰⁶ Como vimos no capítulo 2, sessão 2.5.

²⁰⁷ *Op. cit.*, p.63.

antes de ser subitamente desprovido”,²⁰⁸ e só quando descobre que não tem mais segredos para o Outro é que se dá conta da existência desse segredo dentro dele. Numa experiência próxima à psicótica, adivinhado pelo olhar superegóico, o sujeito se sente transparente, como se nada dele pudesse se esconder do Outro. Despojado da palavra, o sujeito fica reduzido a um sentimento de impotência, chegando à destituição de sua imagem especular.

A experiência de transparência é vivida como uma perseguição, que remete o sujeito a um sentimento de desvalor, de extrema feiúra ou burrice. Mas a destituição da imagem especular não se restringe ao registro imaginário. Por exemplo: Didier-Weill atribui ao supereu feminino a ordem “Seja bela e cale-se!”, em que a imagem especular (seja bela) está conectada à palavra (cale-se). Essa exigência, além de condenar a mulher a ser bela para não ser transparente, reafirma que a consistência da imagem não é primária, mas só existe aliada à palavra.

A esse respeito, Lacan diz que o olhar se vê. O olhar que surpreende o sujeito e o reduz à vergonha não é um olhar visto, mas imaginado no campo do Outro. O olhar que reduz o sujeito à vergonha não concerne ao órgão da visão, mas à presença de outrem, ainda que imaginada.²⁰⁹ Essa observação repercute no comentário de Didier-Weill:

O paradoxo do supereu consiste em encarnar o fato de que ‘o olho ouve’ e que ‘o olho fala’, excetuando o fato de que não ouve como o faz o ouvido, nem tampouco fala como o faz a boca: se ele ouve, é segundo o modo de *adivinhamento* do pensamento e, se fala, não é porque supõe um sujeito, mas porque o dessupõe.²¹⁰

²⁰⁸ *Op. cit.*, p.70.

²⁰⁹ Cf. Lacan, J. (1964) *Os quatro conceitos...*, p.84, como no exemplo das folhas pisadas.

3.5 O TERCEIRO TEMPO

Vimos que, se o primeiro supereu tende a reduzir o sujeito ao silêncio absoluto, a censura do segundo supereu admite a incidência da palavra, posto que a ordem “Não insista!” dá a entender que uma primeira palavra já foi dita, mas não deve ser confirmada. A confirmação será a persistência na rebeldia contra as duas primeiras exigências do supereu, e terá como conseqüência a entrada do sujeito na posse do seu próprio desejo. Isto ocorre na terceira etapa de intervenção superegóica, em que a operação de separação propriamente dita corresponde à passagem pelo terceiro supereu.

O sujeito só respondeu o primeiro *sim* devido à sua impossibilidade de dizer *não*, porque a obediência ao supereu arcaico é efeito da fascinação sobre o sujeito, que o deixa incapaz de dizer *não*. É o espanto que obriga a dizer *sim* a esse supereu que intimida. Mas, se foi capaz de responder *sim-não* à censura do segundo supereu, tendo dito e repetido *sim* à palavra, o sujeito se vê às voltas com o desafio de assumir seu próprio desejo, quando

...tendo decidido ultrapassar o segundo supereu, que é a censura, não decidiu ainda de que maneira responderá ao Outro quando, subitamente, este lhe perguntará se vai assumir ou não o desejo em sua dimensão de perseverança: nessa demanda que vem do Outro sob a forma de um *Che vuoi?* — “O que você quer?” — situamos o terceiro tempo pelo qual o supereu, cessando de ser *injunção* de não dizer uma ou duas palavras, torna-se uma questão: “Você encontrará a terceira palavra da perseverança?”²¹¹

Tomemos como ilustração um exemplo oferecido por Didier-Weill: numa briga de garotos na escola, um deles profere um forte xingamento contra o líder, que até então tem o papel de censura. À afronta, segue-se um silêncio terrível do

²¹⁰ Didier-Weill, *op. cit.*, p.84.

grupo. O líder diz: "Repete, para ver o que acontece". O desafiante sabe que, se repetir o insulto, levará a surra de sua vida.

O dizer uma única vez pode ficar sem maiores conseqüências além da vergonha, desde que o ofensor se cale ou bata em retirada. O medo que se apodera do garoto que xingou *não* é da surra, mas de enfrentar publicamente a censura, que parece lhe dizer: "Vai insistir ou recuar? Se recuar, poderá ser perdoado, mas se insistir, vai ter que pagar caro". Ele opta por repetir, reiterando a insistência: "Digo e repito!"

Se o primeiro ato de rebeldia é inócuo, bastando um franzir de sobrancelhas para silenciá-lo, a reincidência significa a transgressão propriamente dita à ordem de não insistir, retirando o poder da censura e colocando o sujeito frente a frente consigo mesmo. A substituição do comando superegóico "Não insista!" pela enunciação simbólica "Insisto!" tira de cena o censor, dando lugar à angústia.

Quando se dá conta de que o Outro é barrado, isto é, não é detentor do poder que o subjugava, o sujeito se confronta com a própria angústia. O momento de sua constituição, como vimos na teoria da alienação-separação, se dá quando o sujeito tenta suprir a falta do Outro com sua própria falta, alienando seu desejo ao desejo do Outro. Aqui, nessa terceira etapa de confronto com o supereu, Didier-Weill está falando de um atravessamento, de uma assunção do próprio desejo, onde o *che vuoi* não é dirigido ao Outro, mas ao sujeito.

A opção se coloca entre aceitar o chamado a autorizar a si mesmo em seu desejo ou voltar atrás e acatar as prescrições do supereu arcaico. No exemplo do garoto desafiante, perseverar significa assumir a liderança do grupo, preenchendo o vazio deixado pela desmoralização do líder, visto como representante da

²¹¹ *Op. cit.*, p.106.

censura. Passar da insistência à perseverança requer um redirecionamento do sentido do desejo, que não é mais um tamponamento da falta no Outro, mas a entrada do sujeito em cena. No dizer de Didier-Weill, há um conflito entre a lei simbólica e a lei superegóica, e

...é porque a palavra deve ultrapassar três limites para se realizar no simbólico que somos autorizados a dizer que ela pulsa num ritmo de três tempos, como se dançasse ao compasso de uma valsa.²¹²

Concluindo, Didier-Weill nos apresenta um supereu que se opõe à fala e quer declarar o sujeito incapaz, decaído, sem nada a dizer. Sobre esse sujeito decaído incide a forclusão primordial que só a lei simbólica poderia desfazer.

É digno de nota que, contrariando Freud, ele não situa o supereu como uma parte do eu, mas como uma parte do *ser do sujeito* decaída do simbólico que, na psicose, retorna no real sob a forma de um olhar que tem afinidades com a alucinação.²¹³ É nesse aspecto que podemos equiparar o supereu ao objeto a. E é somando esse aspecto aos outros já investigados que passarei, no próximo capítulo, a examinar as manifestações do supereu em casos de paranóia.

²¹² *Op. cit.*, p.110.

²¹³ *Op. cit.*, p.85.

4. CASOS DO SUPEREU NA PARANÓIA

*...o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem
— ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos.
Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum.*

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*

Neste capítulo, tomo alguns fragmentos de casos diagnosticados como paranóia como indicativos da diversidade e intensidade de expressões do supereu. Embora tenham sido abordados aqui muitos aspectos e momentos teóricos da formação dessa instância, o tema está longe de ter se esgotado. O conceito de supereu transcende seu momento de criação, em *O eu e o isso*, tanto por seus desenvolvimentos posteriores como por sua história pregressa. Desde o agente crítico, que vimos em *O narcisismo*, até a voz e o olhar enquanto objeto a na obra lacaniana, um longo caminho foi percorrido, trazendo à luz novas facetas do supereu. Esse caminho, como toda a psicanálise, sempre foi balizado pela clínica. E a clínica demonstra, a cada passo e a cada caso, uma feição ou um patamar superegóico.

A incidência do supereu na paranóia é ostensiva. Seja como efeito colateral da imagem especular que lança as bases da crítica, seja realçado nos impossíveis do ideal do eu, como herdeiro de um pai primevo, renegado por um pai simbólico, observador no olhar ou vociferando ordens em contraposição à lei do nome-do-pai, o supereu é sempre inclemente. Portanto, além de marcar suas influências mais nítidas, tento apontar também alguns aspectos que, embora tangenciais, se vinculam à presença do supereu nos casos a seguir.

4.1 O CÓDIGO DO ARCO-ÍRIS

Isolda trabalhava há muitos anos na área administrativa de uma cooperativa de prestação de serviços, trabalho de que gostava muito, apesar das preocupações trazidas por seu cargo de responsabilidade. A certa altura, sua mãe foi contratada como faxineira por essa mesma cooperativa. Isolda trabalhava de dia, chefiando um departamento, e a mãe à noite, na faxina. Algum tempo depois da contratação da mãe, começou a se sentir irritada, tinha a sensação de estar sendo vigiada no trabalho, de ser controlada por um colega, não tinha paciência e sempre arrumava uma briga. Acabou perdendo o emprego.

Passados alguns meses, Isolda fez uma cirurgia de varizes e, quinze dias depois, uma cirurgia de vesícula. Depois dessa segunda cirurgia perdeu a fome, ficou dias sem comer, e passou a ter medo de andar na rua, achando que queriam matá-la. Sentia que estava sempre sendo seguida, mas não podia imaginar por quem. Sabia que tinha alguém “querendo sua cabeça” e que existia uma “segregação velada”. Recebia sinais e comandos de toda parte — de gatos, cachorros, dos aviões, da televisão — cujo significado não entendia. Mas descobriu que tudo o que havia no mundo tinha um significado e mostrava-se muito surpresa por só então, aos 31 anos, ter descoberto esse fato. Se uma pessoa tossia, por exemplo, queria dizer alguma coisa. Da mesma forma, alguém espirrar, piscar, acender um cigarro, virar a mão, o rosto ou o corpo para a direita ou para a esquerda, deixar cair o braço, cruzar a perna ou os braços, levantar, andar, sentar, bem como todos os sons e movimentos que existem no mundo, tinham significados, mas ela ainda não sabia quais eram. Seu maior espanto estava em ter vivido tanto tempo sem ter percebido isso. Ela dizia: “Eu estava

dormindo e só agora acordei para a realidade. Não entendo por que ninguém nunca me contou”.

Esse tipo de fenômeno evoca particularmente uma passagem de Freud, quando, ao se ocupar dos atos falhos e casuais, faz distinção entre as significações dadas pelo supersticioso e pelo paranóico aos eventos comuns, e descreve com humor um delírio interpretativo:

Um traço marcante e universalmente observado do comportamento dos paranóicos é que eles conferem extrema importância aos pequenos detalhes do comportamento de outras pessoas, que comumente negligenciamos, interpretam-nos e fazem deles a base para extensas conclusões. Por exemplo, o último paranóico que examinei concluiu que todos os que o cercavam estavam de comum acordo pois, quando seu trem ia saindo da estação, as pessoas haviam feito um certo movimento com as mãos. Outro reparava no modo como as pessoas andavam na rua, como manejavam a bengala, etc.²¹⁴

As interpretações paranóicas assimilaram os costumes contemporâneos, mas seus mecanismos permanecem sem alteração. No caso de Isolda, a manifestação superegíca, já patente em seus delírios de observação e interpretação, se ampliou a ponto de servir de base para o supereu se impor como ditador, vindo a ocupar todo o espaço de sua vida.

Isolda espantava-se também por só recentemente ter descoberto que todas as pessoas e todas as coisas pertencem a uma cor — algumas pertencem ao vermelho, outras ao verde, outras ao azul, e assim por diante. Ela ainda não conhecia bem “o código das cores do arco-íris”, mas observava as pessoas na rua e a cada dia fazia novas descobertas.

Foi assim que descobriu que cada cor obedece a certas normas e padrões. As mulheres do grupo laranja, por exemplo, usam saia e não podem usar calças, mas mulheres do grupo branco só podem usar calça jeans e tênis ou sandália

baixa. O grupo azul usa calça jeans, mas não usa camiseta, colar nem brincos, e o laranja usa colar, brincos e sandália. Branco usa salto alto, e não usa saia rodada. Só as pessoas do grupo verde podem comprar na loja Chiffon (cujo letreiro é verde), e assim por diante. Ainda não havia chegado a conclusões tão completas a respeito das outras cores do arco-íris, mas tinha certeza de que o código as incluía.

Essa descoberta tornou-se um grande problema porque Isolda não sabia a que grupo pertencia. Ela não sabia se era azul, laranja, ou branco, de modo que acordava por volta das quatro horas da madrugada e ficava trocando de roupa. Vestia-se como laranja, depois se vestia como azul, depois como branco, voltava ao laranja, ao branco, ao azul, e assim passava o dia inteiro. Sua preferência era pelo branco, que ela suspeitava ser o melhor, enquanto o azul não era tão bom e o laranja era ruim. Tinha o mesmo procedimento com relação à comida, que também varia conforme o grupo de cores, e por isso almoçava e jantava duas ou três vezes por dia. Ela dizia: "Não agüento mais comer para duas e me vestir para duas [pessoas] fora de mim".

O que primeiro se destaca no caso de Isolda é o surgimento de uma nova realidade criada pelo sujeito, representada por um delírio que, num primeiro momento, apresenta os elementos persecutórios de uma paranóia clássica, e em seguida manifesta sua singularidade interpretativa codificada no arco-íris.

Em sua história, a contratação da mãe como faxineira na empresa em que Isolda ocupava um cargo de chefia pode ter sido o fator predominante no desencadeamento da paranóia. Vemos em Lacan que o surto inicial acontece no momento em que um terceiro se interpõe numa relação baseada no par

²¹⁴ Freud, S. (1901) *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*, p.221

imaginário, especular, seja entre o eu e o objeto ou entre o ideal e a realidade.²¹⁵

Pode-se supor que a inserção da mãe no ambiente de trabalho tenha tido o valor de uma interposição entre o ideal e a realidade.

Ao mesmo tempo, ver-se numa posição hierarquicamente superior à mãe pode corresponder a um chamado à função paterna que, na ausência da inscrição do significante do nome-do-pai, se constituiria em fator desencadeante.

Para que a psicose se desencadeie é necessário que o nome-do-pai, *verworfen*, foracluído, que jamais chegou ao lugar do Outro, seja chamado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do nome-do-pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, aciona a cascata de reordenamentos do significante, de onde procede o desastre crescente do imaginário, até alcançar o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.²¹⁶

Podemos supor que, se até então o fato de ter um cargo de chefia não tinha um significado maior do que estar razoavelmente bem situada no mercado de trabalho, de acordo com suas qualificações e expectativas, quando essa chefia se estendeu à mãe, adquiriu uma equivalência de chamado do nome-do-pai em oposição simbólica ao sujeito, abrindo um furo no significado. Acionando a cascata de reordenamentos do significante, esse furo abre passagem para os comandos insensatos do supereu.

Referido à história e ao desejo de Isolda, o delírio gira em torno de ocupar o lugar do ideal do eu, representado pelo grupo branco; é uma tentativa de assumir esse lugar. No entanto, o ideal do eu pertence ao registro simbólico, que lhe é vedado. Em oposição direta ao nome-do-pai, a ação do supereu impede que ela ocupe esse lugar. A princípio encarnado no colega que vigia e controla, o

²¹⁵ Lacan, J. (1955) "D'une question préliminaire...", p.577.

²¹⁶ *Ibid.*

olhar superegóico adquire o significado de: "Você não passa *dissol*", como diz Didier-Weill, declarando o sujeito incapaz.

Quando as duas cirurgias repetem no real do seu corpo o corte no registro simbólico, representado pela perda do emprego, é deflagrada a catástrofe no plano imaginário. Como vimos em Freud, tem início um delírio assimilatório, que se manifesta na descoberta de que existe uma significação em todo e qualquer fenômeno, e em seguida o delírio interpretativo encontra o código do arco-íris, onde o eu, já modificado, tenta encontrar a cor para se localizar.

Na visão lacaniana, o fato de Isolda crer na existência de um *código* indica sua tentativa imaginária de uma construção simbólica. Mas a solução só aparece no terreno imaginário. Ao retirar seu investimento do mundo externo e revertê-lo para o eu, regredindo ao estágio narcísico, Isolda se vê diante de um espelho de três faces — azul, laranja e branco — e não sabe qual delas lhe confere uma subjetividade condizente com sua nova realidade. Ainda perplexa diante dessa realidade em início de construção, ela é chamada a se apresentar segundo o desejo do Outro. No entanto, este desejo ainda se manifesta como enigma refletido num espelho triplo que, a cada momento e a cada olhar, lhe oferece uma resposta diferente.

Enquanto o Outro toma as cores de um código, o imperativo superegóico comanda o gozo que, não circunscrito na vertente do falo, inunda a vida de Isolda, obrigando-a a se vestir e a comer para duas pessoas fora dela. Nesse momento, o supereu se avulta em sua oposição à lei do significante. O supereu se projeta em todo o seu mundo, emitindo sinais por meio de aviões, pela televisão, embuçado numa segregação velada, travestido em perseguidores desconhecidos que querem sua cabeça, enigmático nos gestos plenos de significação de todos ao seu redor.

4.2 SOU HOMEM, PÔ!

No caso de Heitor, a hostilidade do supereu é deflagrada em forma de acusação de homossexualismo. Sabemos que a homossexualidade não é a matéria prima da paranóia, mas resultado da regressão do investimento libidinal a estágios iniciais da constituição do sujeito, e que os delírios acusatórios trazem a marca do supereu. Como vimos no capítulo sobre a paranóia, frente ao retorno da libido de natureza homossexual que serviu para formar o eu, o agente crítico entra em confronto com o eu mas, em estado regressivo, se manifesta como uma influência hostil que aparece no exterior, trazendo ao primeiro plano as vozes e uma multidão indefinida de perseguidores.²¹⁷

Foi o que aconteceu com Heitor. Casado há 10 anos, tinha dois filhos, trabalhava à noite e gostava de jogar futebol nos fins de semana. Depois do futebol, era rotina tomar cerveja com os amigos numa birrosca, onde ficavam até altas horas da noite. Certa vez, bebeu demais e não se lembra do que aconteceu. Sabe apenas que acordou no dia seguinte no banheiro de sua casa. Quando saiu de casa, os amigos começaram a rir e caçoar, dizendo que ele era "viado". Logo o bairro inteiro estava cochichando, apontando, rindo dele. Mais alguns dias e os cochichos se estenderam ao ônibus que tomava para o trabalho, onde até desconhecidos lhe lançavam olhares significativos, faziam gestos em sua direção e apontavam disfarçadamente. Quando o mesmo fenômeno atingiu seu local de trabalho, largou o emprego e não saiu mais de casa.

Honesto e trabalhador, Heitor se orgulhava de sua família, amava os filhos e a mulher. Era ele quem costumava levar os filhos à escola. Depois desses acontecimentos, porém, ficou muito "nervoso", já não tinha paciência e chegava a

ser agressivo em casa. Com o agravamento da situação, a família providenciou tratamento psiquiátrico. Depois de seis meses de medicação ele dizia, com perplexidade: "Não entendo o que aconteceu. *Nunca* tive nada com essas coisas; eu tenho dois filhos. Sempre tive relações com minha esposa, sem problema, muito pelo contrário, tive até uma amante durante dois anos. Eu sou homem, pô."

Reconhecia que tinha ficado "mal da cabeça", mas que já estava bem. Agora sabia que as pessoas falando mal dele no ônibus tinham sido "coisa da cabeça" dele. Mas afirmava que, em seu bairro, os vizinhos e amigos continuavam a apontar e a cochichar: "Lá não é coisa da minha cabeça, não; no meu bairro, continua". Isso era um grande problema, pois ele agora só saía de casa para trabalhar, e mesmo assim com sofrimento, porque receava que alguém o provocasse diretamente e ele se visse forçado a reagir com violência.

O supereu se materializa nos amigos de Heitor, estende-se pela cidade e se fixa nos habitantes do seu bairro. Como vimos a propósito de Schreber, o retorno ao narcisismo propicia o impulso de desejo homossexual que, por meio da projeção, é traduzido nas idéias delirantes de acusação de homossexualidade. Na visão lacaniana, a posição passiva do sujeito diante do pai, assinalada por Freud no caso do *Homem dos Lobos*, se deve à falta de inscrição fálica. O significante *homem* (sou homem, pô!) invocado por Heitor para se fazer representar, fala do medo do retorno à passividade na relação com o pai. Mas a falta de garantia da localização do gozo, por falta de referência à significação fálica, faz oscilar a definição sexual e a acusação aparece no real, na voz e no olhar dos vizinhos encarnando seu supereu. Para Heitor, os cochichos sonorizam o olhar que se faz prevalente.

²¹⁷ Cf. Freud, S. (1914) *Sobre o narcisismo*, p.113.

Outro aspecto do delírio de Heitor é a decomposição que se destaca não só neste, mas na maioria dos casos de paranóia. Esse fenômeno foi identificado por Freud no *Caso Schreber*: "A paranóia decompõe, tal como a histeria condensa. Ou antes, a paranóia reduz novamente a seus elementos os produtos das condensações e identificações realizadas no inconsciente".²¹⁸ Outra afirmativa sobre o mesmo tema é citada por James Strachey, na reprodução de um trecho de carta de Freud a Fliess: "A paranóia desfaz a identificação novamente; ela restabelece todas as figuras amadas na infância, que foram abandonadas (...), e desfaz o próprio eu em figuras exteriores".²¹⁹

A decomposição reforça as demais pontuações teóricas de Freud sobre a atividade superegóica nos delírios paranóicos pois, enquanto resultado das primeiras identificações, é o supereu que se fragmenta nas figuras exteriores. Em outras palavras, o supereu volta a atuar em conformidade com suas fontes. É o que ocorre também no caso de Isolda, na injunção de ter que se vestir e comer por três.

Para Lacan, é na tentativa de se separar do Outro gozador que o sujeito o decompõe em vários pequenos outros, numa multidão de seres imaginários.²²⁰ Mas enquanto a definição sexual oscila, a certeza delirante de que os vizinhos e amigos continuam a acusá-lo não admite oscilação. Sem a ancoragem da lei do significante, Heitor fica inteiramente submetido à lei do supereu. Nos cochichos e olhares está o supereu como objeto a habitando o bairro onde ele mora. Imobilizado pelo olhar medúscico de que nos fala Didier-Weill, ele não sai mais de casa, vítima da inibição comandada pelo supereu.

²¹⁸ Freud, S. (1911) *Notas psicanalíticas...*, p.69.

²¹⁹ Strachey, J., *Nota do editor inglês*, em *A disposição à neurose obsessiva*, p.395, citando trecho da Carta 125.

4.3 PIPOCA, MACACO, MACONHA

Às vezes o supereu se impõe em forma sonora, não externa, mas em palavras compulsivamente evocadas pela própria pessoa. Lacan, ao mencionar um paciente que tinha a sensação de que as palavras lhe eram impostas, considera que o estranho não é essa sensação, que lhe parece até muito sensata, e sim o fato de que as pessoas ditas normais não percebem que, até certo ponto, todos usamos palavras impostas.²²¹

Isto porque, na constituição do sujeito, a separação não pode ser total. Na medida em que estamos todos assujeitados à linguagem, a separação do Outro aparece em certos procedimentos típicos da neurose, por exemplo: na capacidade de crítica e na possibilidade de mentir. A utilização singular de certos vocábulos tem parte com a formação do supereu, porquanto as primeiras palavras ouvidas pelo sujeito podem ficar entranhadas com um significado peculiar, nem sempre acessível à consciência.

Por outro lado, o significante tem, por definição, a propriedade de fazer deslizar os significados. Esse deslizamento pelos labirintos do Outro é que impede a chegada da mensagem intacta ao outro, como vimos no capítulo sobre a paranóia.²²² Mas enquanto o Outro é a residência dos significantes, o supereu é *produto* dos significantes. A meu ver, aí está a chave da diferença entre o supereu e o Outro, o que permite dizer que o supereu é uma instância composta pelos significantes fornecidos pelo Outro enquanto primordial e enquanto tesouro dos significantes.

²²⁰ Cf. Lacan, J. (1955-56) *As psicoses*.

²²¹ Lacan, J. (1976) *O sintoma*, inédito, seminário de 17 de fevereiro.

²²² Na descrição do campo dos significantes como espaço tipográfico, sessão 2.4.

Referindo-se ao valor pulsional dos resíduos verbais para a formação do supereu, Freud diz:

Considerando a importância que atribuímos aos resíduos pré-verbais pré-conscientes do eu, surge a questão de saber se pode ser o caso de o supereu, na medida em que é inconsciente, consistir em tais representações verbais e, se não, em que mais consiste. Nossa tentativa de resposta será que é impossível para o supereu, tanto quanto para o eu, negar sua origem a partir das coisas que ouviu; pois ele é parte do eu e permanece acessível à consciência por via dessas representações verbais (conceitos, abstrações). Porém, a *energia do investimento* não chega a esses conteúdos do supereu a partir da percepção auditiva (educação ou leitura), mas de fontes do isso.²²³

Um exemplo extremo de palavras impostas se apresenta no caso de Leda. Ao contrário de Heitor, cujo delírio manteve o teor inicial de acusação, os sintomas de Leda tomaram um rumo mais similar ao caso de Isolda, isto é, começaram por idéias de acusação e enveredaram por trilhas inesperadas.

Os padecimentos de Leda começaram quando roubaram roupas que secavam na varanda de sua casa. Ela acusou a vizinha e houve um desentendimento. A partir de então, sentia que todos os outros vizinhos começaram a implicar com ela, a fazer insinuações de que não seria uma mulher séria. Quando saía de casa, ouvia dizerem: "Lá vai ela. Olha o decote dela! Indecente!", embora ela não estivesse usando roupa decotada. Insinuavam que não respeitava o marido, o que não era verdade. Já não conversava com ninguém da rua em que morava e os vizinhos passavam em frente à sua casa falando mal em voz propositalmente alta, para que ela ouvisse.

Mas sua queixa principal se concentrava nas palavras que se impunham e não a deixavam em paz, incomodavam o marido e os filhos, criando um grande problema em sua vida. Essas palavras se formavam em sua garganta, fazendo

²²³ Freud, S. (1923) *O eu e o isso*, p.69.

um volume que ela era forçada a deixar sair. Obrigada a expelir as palavras impostas, Leda não conseguia parar de pronunciá-las enquanto trabalhava em casa, andando na rua, ou em qualquer outra atividade. À noite, quando se deitava, não conseguia dormir com as palavras brotando na garganta e saindo sem que ela tivesse controle sobre elas: “Pipoca, macaco. Macaco, maconha. Pipoca, pipoca macaco, maconha...”.

Lemos em Freud que, em consequência do desinvestimento objetal e da reversão da libido para o eu, o que resta na paranóia é o investimento na representação-palavra, com a predominância da palavra sobre a coisa. O que vigora não é a semelhança entre as coisas, mas a similaridade das palavras.²²⁴ A repetição incessante das palavras pronunciadas por Leda é comandada pela lei insensata do supereu. A palavra tornada coisa fica desvanecida em sua dimensão simbólica e se liga ao corpo.

Em Lacan, considerando o que vimos sobre o supereu como sonoridade, podemos pensar num supereu que não se contenta em se manifestar no exterior, mas vem em forma objeto *a* se avolumando na garganta de Leda. O objeto *a* se demonstra em toda a sua dimensão de não-sentido, evidenciando a diferença de seu estatuto no neurótico e no psicótico. No neurótico, o objeto *a* é também sem sentido, mas permanece como um furo que sempre se tenta recobrir, um vazio em torno do qual o sujeito se estrutura, um ponto furado rodeado pelo desejo. A sensação de *volume* na garganta sugere que o objeto *a*, não extraído do campo do Outro, retorna no corpo de Leda como voz no real, fora de toda significação, alheio à lei do significante.

No enfoque das relações do supereu com o significante, tanto o supereu como o nome-do-pai funcionam na ordem simbólica, pois “o supereu é uma lei

desprovida de sentido, mas que só se sustenta na linguagem".²²⁵ No entanto, o supereu se desatreia formalmente da ordem simbólica, isto é, cai no imaginário quando as leis simbólicas da palavra são rejeitadas e essa disfunção simbólica desregula também o imaginário.²²⁶ Enquanto o nome-do-pai limita o gozo a partir da lei do significante, o imperativo superegóico manda gozar.

O supereu tem uma relação com a lei e, ao mesmo tempo, é uma lei insensata, que chega a ser o desconhecimento da lei. (...) O supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição. Nisso, ele é a palavra mesma, o comando da lei, na medida em que dela não resta mais que a raiz.²²⁷

4.4 TELEPATIA

Voltando ao caso mencionado por Lacan, as coisas se agravaram quando, além das palavras impostas, o paciente se sentiu afetado por telepatia. Não que ele tivesse o dom de captar pensamentos alheios; os outros é que tinham conhecimento de seus pensamentos mais íntimos, principalmente os pensamentos que ocorriam à margem das palavras impostas. Era um "telepata emissor", e não tinha mais segredos para ninguém. Lacan diz que foi isso que o levou a tentar suicídio.

A propósito desse caso, Lacan fala sobre Lucia, filha de James Joyce, diagnosticada como esquizofrênica. Joyce a defendia da internação dizendo que ela era uma telepata, "muito mais inteligente que todo mundo, pois o informava milagrosamente — e esse termo está sobredeterminado — de tudo o que sucede a um certo número de pessoas, que para ela essas pessoas não têm

²²⁴ Cf. Freud, S. (1915) *O inconsciente*.

²²⁵ Lacan, J. (1953-54) *Os escritos técnicos de Freud*, p.11.

²²⁶ Cf. Adam, J. (1996) "Surmoi et jouissance", *La gourmandise du surmoi*, p.23.

²²⁷ Lacan, J. (1953-54) *Os escritos técnicos de Freud*, p.123.

segredos”.²²⁸ Ao contrário do paciente de Lacan, Lucia era dotada de uma recepção telepática, podendo ser designada como telepata receptora.

Mais uma vez, Lacan não se surpreende com tal declaração, não por concordar que Lucia era telepata, mas por entender que Joyce atribuía esse poder à filha num prolongamento do seu próprio sintoma. Assim como à filha, as palavras se impunham a Joyce, em cujos livros a palavra se decompõe, “impondo-se como tal”, isto é, numa deformação “de ordem essencialmente fonêmica da palavra, pela polifonia da palavra”.²²⁹

Na telepatia, a emissão se situa no âmbito do supereu. O telepata emissor, valendo-se do mecanismo de projeção, julga que seus próprios pensamentos são conhecidos pelos outros. Em certos casos, isso pode ter a significação de um dom, um poder de se comunicar à distância, de enviar mensagens, e até de influenciar os outros. Em outros casos, como o do paciente de Lacan, que chegou à tentativa de suicídio porque não podia mais ter segredos, adquire a significação de uma invasão, como na transparência de que fala Didier-Weill.²³⁰ Nessa eventualidade, temos o supereu encarnado no Outro, pois é o sujeito que constrói uma agressão à privacidade de seu pensamento e a atribui aos poderes do Outro.

O telepata receptor, invadido por mensagens alheias, ocupa basicamente o lugar de objeto do Outro. Um exemplo tirado da literatura é a personagem Blimunda, do romance *Memorial do convento*, de José Saramago, para quem todos são transparentes. Ela é capaz de ver tudo que acontece dentro do corpo das pessoas e, às vezes seus pensamentos e intenções. Esse dom lhe traz angústia e é utilizado apenas intencionalmente, quando precisa obter informações vitais para ela e para seu parceiro. Nessas ocasiões, tal como a filha de Joyce,

²²⁸ Lacan, J. (1976) *O sintoma*, 17 de fevereiro.

²²⁹ *Ibid.*

²³⁰ Como vimos no terceiro capítulo, sessão 3.5.

ela revela ao parceiro os segredos penetrados. Felizmente, Blimunda só é capaz de tal proeza enquanto está em jejum. Quando come, perde o poder. Por isso, a primeira coisa que ela faz ao acordar é comer um pedaço de pão, antes mesmo de abrir os olhos, para evitar ser invadida pelos conteúdos do outro.

Menciono essa personagem de Saramago como parábola da alienação e separação. No jejum da alienação, não há fronteiras para Blimunda: imersa no campo do Outro, ela personifica o sofrimento do paranóico, invadido por significantes, juguete de significados no reino imaginário. O pão faz o corte que promove a separação. Dito de outro modo, o significante — pão — constrói uma barreira entre o ser e o Outro, promovendo a separação.

Em contraste com o supereu como olhar paralisante proposto por Didier Weill, pode-se pensar que o aspecto simbólico do supereu, formado pela palavra, tem uma função de separação. Uma vez que o supereu é formado a partir das coisas que ouviu, é possível dizer que a introjeção do significante, constitutiva do supereu, limita a transparência manifesta na alienação. Na paranóia, a prevalência da projeção do olhar e da voz está vinculada à alienação. A esse respeito, vale lembrar que a *projeção*, na teoria lacaniana, se deve à relação especular, ao passo que a *introjeção* está ligada ao simbólico. Segundo Lacan,

Tal como nos servimos dela em psicanálise, a palavra introjeção não é o contrário de projeção. Praticamente só é empregada no momento em que se trata de introjeção simbólica. (...) A introjeção é sempre uma introjeção da palavra do outro, o que introduz uma dimensão muito diferente da de projeção. É em torno dessa distinção que se pode fazer a separação entre o que é função do eu, da ordem do registro dual, e o que é função do supereu. Não é por nada que se distinguem na teoria analítica, nem que se admite que o supereu, o supereu autêntico, é uma introjeção secundária em relação à função do eu ideal.²³¹

²³¹ Lacan, J. (1953-54) *Os escritos técnicos de Freud*, p.100. Veremos que, mais tarde, Lacan inverte essa ordem, dando anterioridade do supereu.

4.5 SOU UM MONSTRO

O supereu comparece em escala avassaladora no caso de Tiago, que tinha uma vida normal até começar a se sentir acusado de roubo no local de trabalho. Sabia que falavam dele, percebia olhares e sinais entre os colegas, insinuações maldosas nos gestos e palavras dos chefes. Extremamente honesto e muito religioso, Tiago sentia-se perseguido e injustiçado.

Certo dia, contaram-lhe que um rapaz matara a família com uma faca. Horrorizado, ele se perguntou se seria capaz de fazer a mesma coisa. Passou alguns dias pensando nisso e as insinuações de roubo desapareceram. A partir de então, foi tomado pelo pensamento incessante de pegar uma faca e atacar sua mãe. Esse pensamento causava-lhe um sofrimento atroz, invadindo-o de tal forma que o deixava praticamente imobilizado. Passava os dias na cama, incapaz de parar de pensar, sem ânimo para fazer qualquer outra coisa. Via-se esfaqueando a mãe e, em seguida, sendo julgado, condenado e levado para a prisão, onde era espancado e violentado. Embora sua família afirmasse que se tratava de uma doença, Tiago julgava-se "um monstro" por ter essa idéia e via o suicídio como a única saída para seu tormento. Dizia não ter o direito de julgar os outros, mas aplicava a si mesmo todo o rigor de seu julgamento, repetindo como um refrão: "Eu me julgo o tempo todo, sou um monstro".

Para ele, o fato de pensar em atacar a mãe era um enigma, pois além de ser sua mãe, era ela quem tentava confortá-lo nas horas de maior sofrimento, rezando e pedindo a Jesus que o curasse. Além disso, ele se dizia muito parecido com a mãe, pois além de compartilharem a devoção religiosa, ela também tinha "problemas psiquiátricos". Intrigado pelo absurdo de uma idéia tão cruel, acabou chegando à conclusão de que o pensamento havia se instalado porque espíritos

imundos, pessoas tomadas pelo demônio, haviam feito macumba para ele e Satanás havia entrado em seu coração. Deflagrou-se uma guerra espiritual em que seu próprio corpo era o campo de batalha, disputado por Jesus e Satanás. Ao fim de alguns meses, com o apoio da fé religiosa, ele conseguiu vencer a legião de demônios comandada por Satanás e entregou seu coração a Jesus. Ficou livre do pensamento e recebeu a mensagem de que tinha a missão de anunciar a volta de Jesus ao mundo e tentar alertar a humanidade para ouvir a palavra sagrada. Os que a ouvissem entrariam no reino do Céu e aqueles que a recusassem teriam o castigo merecido.

Ainda não sabia quando teria início sua ação, mas já tinha a indicação de por onde começar e Jesus providenciaria o momento de pôr seu plano em execução. Contudo, passados vários meses, desencantado com a maldade das pessoas na terra, Tiago passou a desejar ir logo para perto de Jesus. Sabia reconhecer os eleitos à primeira vista, e eram muito poucos. Desanimado, sentia-se muito tentado a se matar para chegar logo ao céu. A certeza da missão espiritual foi se enfraquecendo e acabou dando espaço para o retorno do pensamento da faca.

Em todas essas fases, Tiago nunca deixou de reconhecer que quem o julgava não era Jesus, e sim ele mesmo. Reconhecia também que, embora nas fases más não conseguisse escapar um minuto sequer do pensamento da faca, nas fases de beatitude às vezes provocava esse pensamento para ver se voltava ou não. Referindo-se à batalha espiritual, ele dizia: "Foi mais fácil lutar contra o diabo do que eu lutar contra mim mesmo."

O caso de Tiago oferece várias vertentes de abordagem ligadas à atuação do supereu e das instâncias ideais. Em primeiro lugar, a compulsão de atacar, aprisionada e aprisionante no pensamento, gera a inibição — patente no fato de

que não saía mais de seu quarto — por injunção superegóica. Mas, evitando a passagem ao ato, resta como solução outro ato, o de matar a si mesmo. Na perspectiva especular, a identificação com a mãe o coloca numa relação dual em que a agressividade fica polarizada nos atos de matar ou morrer. Por outro lado, a megalomania religiosa também culmina na idéia de suicídio, mostrando que os dois lados do excesso de gozo vão desaguar na angústia. Diante do Outro absoluto, situado na figura de Jesus, e se acreditando encarregado de representá-lo perante a humanidade, Tiago termina por ficar reduzido a objeto de gozo do Outro e quer se matar para escapar a essa posição.

Sua missão de salvação exhibe as características apontadas por Freud, a propósito de Schreber, e por Lacan, no *Caso Aimée*: a grandiosidade, o altruísmo e o adiamento da missão para um futuro indeterminado. O investimento egóico, inerente ao delírio de grandeza com o cunho de redenção da humanidade, é ditado pelo ideal do eu, enquanto a punição é tarefa do supereu, que mede pelo ideal. Retomando o caso de Aimée, vemos que, por não estar à altura de cumprir a missão, como castigo pelo crime de não cumprir a missão de ser grande escritora, harmonizar os homens, fazer a paz, ela acredita que querem matar seu filho.²³² A punição é então uma forma de manifestação do supereu vindo no real.

As idéias de grandeza de Tiago também estão ligadas a uma missão de cunho altruísta e redentor. Contudo, o que mais se destaca em seu caso são a culpa e a punição aparentes em sua fala. Freud afirma que, para tornar inofensivo o desejo de agressão, a agressividade é internalizada e volta ao lugar de onde veio, isto é, dirige-se contra o eu, com a mesma intensidade que o eu gostaria de exercê-la contra outros, pois "...mesmo quando a pessoa não fez realmente uma

²³² Cf. Lacan, J. (1932) *Da psicose paranóica...*, p.161-64. As observações seguintes sobre o *Caso Aimée* são fruto de discussões na "Rede de Pesquisa em Psicose", de *Formações Clínicas do Campo Lacaniano*, coordenada por Antônio Quinet, no segundo semestre de 2000.

coisa má, mas apenas identificou em si uma *intenção* de fazê-la, ela pode encarar-se como culpada”,²³³ sobrevivendo então a necessidade de punição.

Quando Lacan sugeriu o nome “paranóia de autopunição”, tinha em mente que a culpa é aliviada somente mediante o castigo, pois constatou que o ato de *estaquear a atriz não produziu qualquer alteração na condição de Aimée* e ela só encontrou alívio depois de ser presa. No caso de Tiago, tanto a culpa como a punição estão incluídas no âmbito do pensamento: a culpa é do próprio pensar no ato e a punição se avulta nas idéias de prisão e espancamento. O arremate dessa cena é a autoacusação superegóica de ser um monstro. Frequentemente, Tiago afirmava que merecia ir para a prisão e às vezes tinha mesmo vontade de ser preso. Ao mesmo tempo, a afirmação dessa necessidade de castigo não estava livre de um traço de erotismo, presente não só na maneira como a expressava, mas também no próprio teor da ideação de ser espancado e violentado.

Tal como Aimée, Tiago também crê num Outro que o castiga porque já existe um significante da culpa, um x que deve ser ocupado. O teor do castigo, construído pelo delírio, é que vem preencher o x da culpa e da punição por um Outro que encarna o supereu. Contudo, há uma diferença essencial entre o castigo de Aimée e o de Tiago, pois enquanto Aimée passa ao ato e é castigada no real da prisão, Tiago remói seu ato e seu castigo, aliando-os ao gozo. Vemos portanto que a punição superegóica vem cumprir o que a lei do nome-do-pai, por não estar inscrita, não pode cumprir. A punição de Aimée, partindo de uma lei externa, cumpre a função de estancar o gozo. Para Tiago, a lei na vertente superegóica se manifesta em seu auto-julgamento e se liga a um Outro absoluto, ora ameaçador como Satanás, ora redentor como Jesus, para se configurar num castigo que, por ser imaginado e imaginário, perpetua o gozo.

²³³ Cf. Freud, S. (1930) *O mal estar na civilização*, p.146-7.

4.6 O SUPEREU E O OUTRO

O Outro exige que Schreber dê origem a uma nova raça, que Aimée seja célebre e promova a paz, e que Tiago salve a humanidade: são quesitos para ocupar o lugar do ideal do eu. Em suma, o teor das missões é comandado pelo ideal do eu, e o fracasso em seu cumprimento faz parte das artimanhas do supereu, pois ao mesmo tempo que promove o fracasso diante do inalcançável dos ideais, o supereu castiga por esse mesmo fracasso. Nos casos discutidos até agora, vemos a renitência da invasão do supereu na vida do paranóico. Como se não bastasse a perseguição que surge no exterior, o supereu vai além e invade a casa e o corpo.

Heitor afirmava que as acusações generalizadas eram criação de sua cabeça, mas continuava a crer que em seu bairro todos falavam mal dele, e sua vida se tornou um exílio em sua própria casa. A Isolda não era permitido parar de trocar de roupa e de comer para duas outras. Para ela, além do confinamento em casa, das horas de sono perdidas em função da atividade incessante, persistiam os sinais indecifrados emitidos pelo objeto *a* incrustado no campo do Outro, abrangendo toda a sua paisagem. Leda, recusando-se a falar para rebater as acusações dos vizinhos, viu-se engasgada com o objeto *a* enquanto som. A voz que sonoriza o olhar, de que fala Lacan, tomou a forma concreta de um objeto verbal que exigia ser expelido de sua garganta. Tiago não escapava ao olhar e à voz do supereu lançando acusações de monstro em seu pensamento incessante, acusando-o de um crime no terreno do seu próprio ato de pensar.

As relações entre o supereu e o Outro, evidenciadas no reduto da paranóia, são uma cruel demonstração de que "a inibição e a compulsão possam revestir uma forma imperativa não significa absolutamente um parentesco do

supereu com o nome-do-pai, mas sim com a exigência pulsional demonstrada por Lacan, o supereu, imperativo de gozo".²³⁴ Pois se é a lei do significante que limita o gozo, sua ausência deixa livre o caminho para o supereu que, regente da paranóia, manda gozar. Esse supereu não tem afinidade com o herdeiro do Édipo apresentado em *O eu e o isso*, mas é o aliado da pulsão de morte no *Além do princípio do prazer*, impondo a insensatez da sua lei.²³⁵

Nos quatro casos, os fenômenos denunciam a tentativa de circunscrever o gozo que, como já foi frisado, carece de referência à significação fálica. Mas vencendo a distância das ruas, dos ônibus, do ambiente de trabalho, e irrompendo na intimidade do sujeito, o gozo do supereu encarnado no Outro penetra o suficiente para se tornar avassalador.

Para encerrar esse capítulo, trago a letra de uma canção chamada *Sintomas*, de autoria de um rapaz que, na paranóia, se via assolado pelo supereu.²³⁶ Foi escrita, segundo suas palavras, "logo depois do primeiro surto":

*Se eu vejo as palavras que combinam
Com o que eu penso, o que eu vivo, o que eu vejo,
Se eu olho ou escuto alguém falar, se alguém ri ao me olhar,
Eu penso que é pra mim, eu penso que é de mim.
Vozes escutei e pensei que alguém me perseguia
Eu tinha medo de pensar e alguém entender o que eu ouvia
Eu achava que era Hitler ou judeu
E estava fora de mim, eu era um ateu sem o meu eu.
Não sou eu quem eu vejo no espelho,
Eu penso que é pra mim, eu penso que é de mim.*

²³⁴ Lacadée, P. (1996) "Presentation", *La gourmandise du surmoi*, p. 8.

²³⁵ Cf. Pascual, C. (1996) "Un virus malign", *La gourmandise du surmoi*, p.55.

²³⁶ Essa canção, cujos versos me foram fornecidos pessoalmente pelo autor, está gravada no CD *Cancioneiros do IPUB*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim dessas passagens por diversos aspectos do supereu e da paranóia, destaco os achados que me pareceram mais relevantes. O primeiro diz respeito à importância ou não de uma diferenciação entre eu ideal, ideal do eu e supereu para se pensar o estatuto do supereu na paranóia. O segundo surge de um impasse colocado pela noção lacaniana de forclusão: se a psicose é decorrente da ausência da operação edipiana, e se o supereu é resultado dessa operação, somos levados a perguntar como é possível a presença do supereu na psicose. Como solução para este problema, Lacan apresenta, como vimos, a proposta de uma distinção entre o supereu e o ideal do eu. As implicações dessa distinção para o entendimento da paranóia constituem um outro ponto de destaque.

Em primeiro lugar, vimos que a regressão ao narcisismo coloca o sujeito sob a regência do eu ideal, mas isso não exclui uma participação do ideal do eu na paranóia. Esse ideal, entretanto, se manifesta de forma anômala, de vez que não houve uma internalização resultante do complexo de Édipo, como ocorreria na neurose. O ideal atua fora do sujeito, como regente das identificações. No casos apresentados, o ideal do eu se encarna na atriz atacada por Aimée, comparece nas missões de cunho altruísta de Aimée e de Tiago e também na posição almejada pelo sujeito, seja vestido com a cor branca no delírio de Isolda, seja na ânsia de reverter a uma situação anterior ao surto, como a masculinidade de Heitor e a tranquilidade de Leda. A constatação de que a inflação do eu nos delírios de grandeza é movida por anseios inspirados pelo ideal do eu demonstra a atuação simultânea das duas instâncias na paranóia.

Em segundo lugar, as manifestações da paranóia mostram que a distinção entre o supereu e o ideal do eu é mais adequada e operatória nesta entidade clínica do que a noção de uma única instância portadora simultaneamente de acusações e de ideais. O ideal do eu aponta para um lugar a ser ocupado pelo sujeito, variando conforme a singularidade do desejo registrado no delírio. Cumpre fazer uma distinção entre o anseio de ocupar esse lugar e o supereu, que comparece como acusação, perseguição, agressão, ou mesmo simples observação contínua do sujeito, às vezes sem a manifestação de qualquer ideal.

Outro ponto a ser abordado é a questão de se existe um supereu arcaico, primordial, em ação na paranóia.

Para delimitar este ponto, lembremos que Freud conceitua o supereu como uma divisão do eu, criada tanto pelas primeiras identificações, nas quais tem suas raízes e às quais deve sua relativa autonomia, quanto pela introjeção da lei paterna resultante da angústia de castração. Como frisa Ana Rudge,

A qualidade cruel assumida pelo supereu é, para Freud, inseparável de uma vicissitude do complexo de Édipo e de um modo particular de lidar com a angústia de castração, não remetendo a um supereu arcaico ou pré-edípico, a algum infantilismo ou arcaísmo da vida psíquica.²³⁷

Por outro lado, vimos que Lacan desenvolve a idéia do supereu arcaico proposto por Melanie Klein.²³⁸ No seminário sobre *As formações do inconsciente*, Lacan se refere ao supereu como "uma formação muito mais antiga, mais arcaica do que se havia pensado a princípio",²³⁹ equivalente ao "supereu materno, arcaico, aquele a que estão ligados os efeitos do supereu primordial (...) ligado ao Outro primário".²⁴⁰

²³⁷ Rudge, A.M. (1999) "Versões do supereu na perversão", p.714.

²³⁸ Ver primeiro capítulo, sessão 1.4, p.17; ver também a nota 41.

²³⁹ Lacan, J. (1956-57) *As formações do inconsciente*, p.506.

²⁴⁰ *Op. cit.*, p.512.

Essa concepção se desdobra na possibilidade de uma precedência do supereu sobre o ideal do eu. A metáfora do *shofar*, apresentada por Lacan e desenvolvida por Bernard Nominé, que vimos no capítulo sobre a voz e o olhar, situa o comando superegóico na ordem de Deus e o ideal do eu na resposta de Abraão, o que significa, em termos lógicos, que o *supereu precede o ideal do eu*. Quem dá a ordem é o supereu primordial de que fala Lacan, no qual se podem divisar os contornos do Outro absoluto anterior à interdição paterna.

Diante dessa diferença de posição conceitual, o supereu constitui um ponto nevrálgico numa discussão que queira abranger os pontos de vista de Freud e de Lacan. No entanto, o supereu arcaico conceituado por Lacan pode ser visto como uma solução para os aspectos contraditórios inerentes a uma mesma instância que reúne em si a crueldade e a função de modelo ideal.

A esse respeito, Philippe Lacadée formula com objetividade essa questão espinhosa, ao afirmar que Lacan tira a psicanálise e a clínica do supereu do impasse criado pela noção do supereu em articulação com o desejo edipiano, cuja função é proibir, interditar e, além disso, sustentar uma função educativa e social. Em vez de ficar sobrecarregado com essa concentração de atribuições, o supereu articulado ao gozo oferece uma perspectiva muito diferente.²⁴¹

A articulação do supereu com o gozo passa pelo mito do pai primevo, cuja irracionalidade e gozo absoluto permitem reconhecer "o *Urvater* como o supereu originário"²⁴² que, como vimos em Lacan, está em contraposição ao nome-do-pai. Esse reconhecimento de um supereu sem peias dá o elemento chave para que a teoria lacaniana possa postular a arbitrariedade superegóica que encontramos

²⁴¹ Lacadée, P. (1996) "Présentation", *La gourmandise du surmoi*, p.8.

²⁴² Rudge, op. cit., p.714.

nos comandos de Deus, em Nominé, e na exigência de silêncio absoluto do supereu primordial exposto por Didier-Weill.

O paradoxo implícito no *Totem e tabu*, de que a consequência do assassinato do pai seja a instauração da lei e não da liberação do gozo, situa a lei do lado do ideal do eu e o gozo do lado do supereu primordial, posto que a lei surge *depois* da morte do pai, ao passo que o supereu corresponde ao pai que goza sem limites. Entre o assassinato do pai e a criação da lei, está situada a culpa que, na neurose, assume as várias formas assinaladas por Freud, assomando nos fracassos recorrentes, na reação terapêutica negativa, etc., e que, na melancolia, se expressa maciçamente em auto-acusações.

Uma observação de Colette Soler me parece fundamental para o entendimento da culpa na paranóia. Para Soler, a "culpa propriamente dita não é tanto um sentimento, é mais uma posição do sujeito que aceita se considerar responsável pelo que acontece".²⁴³ O paranóico não se sente culpado, mas perseguido; não se acusa, mas acusa os outros. Isto porque, na paranóia, a culpa é foracluída juntamente com a lei e só seus efeitos é que são visíveis, nas acusações e perseguições que vêm de fora.

Mas, sendo assim, como entender a auto-acusação de Tiago, que se diz um monstro? É verdade que é um caso peculiar, em que a hipótese de melancolia poderia, à primeira vista, encontrar sustentação na exacerbação auto-acusatória explícita do supereu. Contudo, o feitio das manifestações delirantes, indicando a posição do sujeito diante do Outro, aponta claramente para a paranóia, pois, enquanto na melancolia o objeto abandonado se apossa do eu, causando uma torrente de auto-recriminações, na paranóia o sujeito é objeto de gozo do Outro perseguidor. Tiago não apresenta uma torrente de auto-recriminações, mas se

fixa numa seqüência ideativa que termina invariavelmente com a frase "Sou um monstro".

O Outro aparece nos delírios de Tiago como Jesus e como Satanás, ou decomposto na legião de demônios que travam combate e de criminosos que o espancam e violentam na prisão, sempre cumprindo uma função superegóica. Quando esse Outro se apresenta como externo, ainda que forjado pelo delírio da batalha espiritual ou da missão de salvação em nome de Jesus, possibilita que Tiago localize o gozo no Outro e, nesses períodos, consegue se livrar da ameaça dos seus próprios pensamentos. Esse aspecto da paranóia é indicado por Colette Soler:

A inocência paranóica é correlativa do fato de que a paranóia identifica o gozo no lugar do Outro, segundo a fórmula dada por Lacan em 1965. Identificar o gozo no lugar do Outro quer dizer, por sua vez, localizá-lo nesse lugar e nomeá-lo, dizer o que é esse gozo.²⁴⁴

Isso significa que a posição de onde o sujeito acusa o Outro, caracterizada na inocência paranóica, só se sustenta quando o gozo está localizado no supereu encarnado no Outro, externo ao sujeito. Na falta dessa presença externa, o que faz o paranóico com o gozo? Para Tiago, no momento em que a localização no Outro falha, isto é, quando os delírios de batalha espiritual e de salvador do mundo não se sustentam, entra em cena a auto-acusação, pondo em evidência um gozo monstruoso. Incapaz de nomeá-lo, não podendo mais colocá-lo em Jesus nem em Satanás, Tiago é objeto de gozo do supereu, distanciado do Outro, que aflora em seu pensamento nos termos "sou um monstro".

Esse aspecto dinâmico da localização do gozo permite pensar que, no delírio, o Outro confere um certo *sentido* ao sujeito paranóico, concedendo-lhe a

²⁴³ Soler, C. (1991) *Estudios sobre las psicosis*, p.83.

posição de acusador dos acusadores. Na ausência do sentido esboçado pela construção delirante, o sujeito é assolado pelo puro gozo superegóico. O supereu na paranóia se desmascara em sua forma arcaica, seja aderido explicitamente ao Outro, seja inundando o sujeito com seu gozo sem intermediação.

Para concluir, lembro que um longo caminho foi percorrido à procura dos mistérios da paranóia, desde as primeiras formulações de Freud, em suas primeiras tentativas de atribuí-la à rejeição da idéia insuportável juntamente com o afeto correspondente, em nome do princípio do prazer. Outro caminho, também longo e tortuoso, cheio de idas e vindas, traçado por meandros de significações e ressignificações, foi palmilhado na construção do supereu. É na confluência desses dois caminhos que se pode encontrar o supereu como imperativo de gozo, arredando para limites extremos o horizonte além do princípio do prazer.

²⁴⁴ *Op. cit.*, p.87.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM, A. Surmoi et jouissance. *La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.
- ASSOUN, P.-L. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo : Paulinas, 1961.
- BIRMAN, J. A psicose e a feminilidade: uma releitura do caso Schreber em S. Freud. *Sobre a psicose*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 1999.
- BRUNO, P. Schizophrénie et Paranoïa. *L'autiste: un psychotique au travail*. Bruxelas : Préliminaire, 1993.
- CABAS, A. G. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo : Moraes, 1982.
- CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- CID-10: *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.
- COSENTINO, J.C. *Lo real en Freud: sueño, síntoma, transferencia*. Buenos Aires : Manantial, 1992.
- DIDIER-WEILL, A. *Invocações*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 1999.
- . *Lacan e a clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro : Contra Capa, 1998.
- . *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1997.
- FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1998.
- FREUD, S. *A cabeça de Medusa*. ESB, XVIII. Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *A dissolução do complexo de Édipo*. ESB, XIX. Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *A negativa*. ESB, XIX. Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *A perda realidade na neurose e na psicose*. ESB, XIX. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

- . *Além do princípio de prazer. ESB, XVIII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *As neuropsicoses de defesa. ESB, III.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Conferência XXVI: a teoria da libido e o narcisismo. ESB, XVI.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Conferência XXXI: a dissecação da personalidade psíquica. ESB, XXII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Dostoiévski e o parricídio. ESB, XXI.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Esboço de psicanálise. ESB, XXIII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. ESB, XII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Inibições, sintomas e ansiedade. ESB, XX.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Moisés e o monoteísmo. ESB, XXIII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Neurose e psicose. ESB, XIX.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. ESB, XII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O ego e o id. ESB, XIX.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O futuro de uma ilusão. ESB, XXI.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O humor. ESB, XXI.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O inconsciente. ESB, XIV.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O mal-estar na civilização. ESB, XXI.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *O problema econômico do masoquismo. Rio de Janeiro : Imago, 1990. ESB, XIX.*
- . *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. ESB, III.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. ESB, III.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Os instintos e suas vicissitudes. ESB, XIV.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- . *Psicologia de grupo e a análise do ego. ESB, XVIII.* Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Rascunho D: sobre a etiologia das principais neuroses*. ESB, I. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Rascunho H: paranóia*. ESB, I. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Rascunho K: neuroses de defesa*. ESB, I. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB, XIV. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Totem e tabu*. ESB, XIII. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. ESB, VII. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

———. *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*. ESB, XIV. Rio de Janeiro : Imago, 1990.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia* . 3, Rio de Janeiro : J. Zahar, 1995.

———. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1990.

GEREZ-AMBERTIN, M. *Las voces del superyo*. Buenos Aires : Manatial, 1993.

GONÇALVES, L.A. *Um sopro de vida: a voz na psicanálise*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO. 2 de maio de 2000.

KLEIN, M. *A psicanálise da criança*. São Paulo : Mestre Jou, 1969.

KRAEPELIN, E. *Introduction à la Psychiatrie Clinique*. Paris : Vigot Frères, 1907.

LACADÉE, P. *La gourmandise du surmoi. La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.

———. *Présentation. La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.

LACAN, J. *Apresentação da tradução francesa das Memórias do Presidente Schreber*. Revista Falo, n.1. Salvador : Fator, julho de 1987.

———. *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1987.

———. *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

———. *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

- . Introduction théorique aux fonctions de la psychanalyse en criminologie. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . L'agressivité en psychanalyse. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . *L'Angoisse*: Séminaire 1962-1963. Éditions de l'Association Freudienne Internationale. Publication hors commerce.
- . Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . *Le Séminaire, Livre V*: Les formations de l'inconscient. Paris : Seuil, 1998.
- . L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . *O Seminário, Livro 1*: os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro : J. Zahar, 1979.
- . *O Seminário, Livro 2*: o eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica, Rio de Janeiro : J. Zahar, 1979.
- . *O Seminário, Livro 3*: as psicoses. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1992.
- . *O Seminário, Livro 4*: a relação de objeto. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1995.
- . *O Seminário, Livro 5* : as formações do inconsciente. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1999.
- . *O Seminário, Livro 7* : a ética da psicanálise. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1997.
- . *O Seminário, Livro 11* : os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1995.
- . *O Seminário, Livro 20* : mais, ainda. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1996.
- . *O Sintoma* (inédito).
- . *Os nomes do pai* (inédito).
- . Ouverture de la Section Clinique, *Omicar?*, n. 9.
- . Propos sur la causalité psychique. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . *R.S.I.*: O Seminário 1974-1975. (inédito)
- . Remarque sur le rapport de Daniel Lagache. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.
- . Subversion du sujet e dialectique du désir. *Écrits*. Paris : Seuil, 1966.

LAGACHE, D. La psychanalyse et la structure de la personnalité. *Agressivité, structure de la personnalité et autres travaux*. Paris : Presses Universitaires de France, 1979.

LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo : Martins Fontes, 1993.

LEFORT, R. e R. De l'objet au surmoi. *La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.

———. *O espelho paranóico*. Revista Falo n.1. Salvador : Fator, julho de 1987.

MILLER, G. et al. Acerca de la clinica de las psicosis. In ———. (org.) *Como se analiza hoy?* Buenos Aires : Manantial, 1993.

MILLER, J-A. Jacques Lacan 1901-1981. *Ornicar?*, 9 de dezembro de 1981.

———. Les six paradigmes de la jouissance. *La Cause Freudienne: Revue de psychanalyse*. Paris : ACF. 1999.

———. *Matemas I*. Buenos Aires : Manantial, 1987.

———. *Percurso de Lacan*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1999.

———. *Psicanálise e psiquiatria*. Revista Falo n.1. Salvador : Fator, julho de 1987.

MUÑOZ, N. M. *O fenômeno alucinatorio na teoria psicanalítica da psicose*. Dissertação de Mestrado apresentada ao PROPPSAM do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

NOMINÉ, B. *La voz y el superyó*. *La voz*. Buenos Aires : EOL, 1997.

PASCUAL, C. Un virus malin. *La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.

PEQUENO, A. A. *Sujeito e psicose*. Tese de doutorado apresentada ao PROPPSAM do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

QUINET, A. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

RABANEL, J.-R. Le surmoi dans les psychoses de l'enfant. *La gourmandise du surmoi*. Toulouse : Presses Universitaires du Mirail, 1996.

ROUDINESCO, E. Jacques Lacan: romance da juventude. *História da psicanálise na França*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1988.

RUDGE, A. M. *Pulsão e linguagem*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1998.

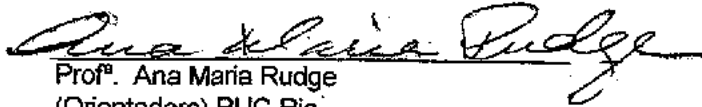
———. Versões do supereu e perversão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.12, n.3. Porto Alegre, 1999.


SARAMAGO, J. *Memorial do Convento*. Lisboa : Caminho, 1986.


SOLER, C. Abordagens do nome-do-pai. *Artigos clínicos*. Salvador : Fator, 1991.

———. *Estudios sobre las psicosis*. Buenos Aires : Manantial, 1987.


Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Ângela Lobo de Andrade, intitulada " *O supereu na paranóia: Uma visão psicanalítica baseada nas teorias de Freud e Lacan*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:


Prof.^a Ana Maria Rudge
(Orientadora) PUC-Rio


Profa. Ana Cristina Figueiredo
UERJ


Prof. Ary Band
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 24.1.10 2001.


Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas